UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP.

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CAMPUS DE ARAQUARARA

MARIA JOSÉ BUENO CASSEB

VIEIRA E OS EXCLUÍDOS DO REINO DE DEUS:

PROTESTANTES, NEGROS E MULHERES

ARARAQUARA
2006

MARIA JOSÉ BUENO CASSEB

VIEIRA E OS EXCLUÍDOS DO REINO DE DEUS:

PROTESTANTES, NEGROS E MULHERES

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista-Unesp, Campus de Araraquara, para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientadora: Profª. Drª Sílvia Maria S. Carvalho

ARARAQUARA
2006

MARIA JOSÉ BUENO CASSEB

VIEIRA E OS EXCLUÍDOS DO REINO DE DEUS:

PROTESTANTES, NEGROS E MULHERES

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista-Unesp, Campus de Araraquara, para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientadora: Profª. Drª Sìlvia Maria S. Carvalho

Banca Examinadora

Profa. Doutora Silvia M. S. Carvalho
Orientadora

Prof. Doutor Paulo Eduardo Teixeira
Profa. Doutora Marília Gomes Ghizzi Godoy
Prof. Doutor Edmundo AntonioPeggion
Prof. Doutor Fernando Carvalho

ARARAQUARA
2006

Aos meus pais, João e Joana *in memoriam*

Pelas lições inesquecíveis de vida

À minha família: José Roberto, Ricardo e Roberta, síntese de todo o meu amor

AGRADECIMENTOS

Profa. Doutora Sílvia Maria S. Carvalho, pela sua infinita generosidade e grandeza de vida, minha eterna gratidão.

Prof. Doutor Walter Cardoso e Profa. Doutora Vera Mariza de Miranda Costa, por todas as sugestões e observações tão preciosas, por ocasião do exame geral de qualificação

À Secção de Pós-Graduação, em cujos funcionários encontrei prontidão, amabilidade, presteza, competência, gentileza, entre outras raras qualificações.

Marisa, bibliotecária-chefe das Faculdades Integradas Fafibe e equipe, pela cordialidade e prontidão que sempre me atenderam.

Aos meus colegas de trabalho: Célia, José Pedro e Paulo, pela oportunidade de dividir tantos sonhos.

Meus alunos, pelo prazer mútuo do aprendizado e pela comunhão de interesses em busca de uma sociedade mais solidária.

CASSEB, Maria José Bueno**. Vieira e os excluídos do Reino de Deus: protestantes, negros e mulheres**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2006.

Resumo

Este trabalho objetiva uma compreensão da visão de Antônio Vieira em relação a possíveis grupos de excluídos: protestantes, negros e mulheres, pelo viés sócio-histórico, privilegiando a disciplinaridade, devido os vários olhares que o tema Vieira pode proporcionar, seja por sua extensa produção ao longo de quase todo o século XVII; pela quantidade de temas tratados em seus discursos e por entender que, ao estudá-lo não se pode desligar a obra do homem, do missionário , do político e do tempo em que viveu.

Essa intenção foi possível devido percurso feito pela estudiosa para entender o caminho percorrido por Inácio de Loyola, de forma a captar o contexto da formação da Companhia de Jesus, sua consolidação e aspectos da trajetória do orador desde a sua chegada à Bahia, sua formação jesuíta, sua atuação na Restauração do Reino e na época da dominação holandesa no nordeste, nas missões da Amazônia e, consequentemente no final de sua vida, na Bahia.

A consciência de Vieira em relação ao momento crítico pelo qual passava Portugal; certos insucessos que envolviam a colonização, ligados à ineficiente administração e à degeneração dos costumes e abuso de poder, levou-o a dirigir aos seus ouvintes, discursos morais em diversas ocasiões e lugares, com intuito de excluir ou adestrar determinados grupos, sem descartar a defesa dos interesses do Estado português através do sistema colonial, via evangelização, sem causar tantos danos aos interesses dos colonos e manter o vasto patrimônio e privilégios da Ordem, praticou em diversos momentos uma política independente em relação à Companhia de Jesus e até em relação ao Estado.

Em relação aos *seus* excluídos (protestantes, negros e mulheres, fossem religiosas ou não), procurou condená-los ou adestrá-los, segundo os interesses do sistema ou para manter o controle de tais grupos no momento crítico de uma sociedade em transição.

Palavras chave: Vieira - discurso - excluídos - protestantes- negros - mulheres.

CASSEB, Maria José Bueno. **Vieira and the excluded of the God Kingdom: protestants, blacks and women**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista - Araraquara, 2006.

ABSTRACT

The work's objective is the comprehension of the vision from Antonio Vieira in relation of possible excluded groups: protestants, blacks and women, from bias of social-historical, privileging disciplinarily, had various looks that Vieira theme can provides, either for its extensive production throughout almost all century XVII; for the quantity of themes treated in your speech and, by understanding that, studying can't turn off the workmanship from the man, the missionary, the politician and the time of your life.

This intention was possible because of the passage done by the student to understand the way covered by Inácio de Loyola, of form to catch the context of the formation of the Company of Jesus, its consolidation and aspects of the trajectory of the orator since its arrival in Bahia, his Jesuit formation, his performance in the Restoration of the Kingdom and at the time of the dutch domination in the northeast, the missions of Amazônia and, consequently in the end of his life, in Bahia.

The conscience of Vieira in relation to the critical moment for which passed Portugal; the certain failures that involved the settling, on to the inefficient administration and the degeneration of the customs and abuse of power, took him to direct to his listeners, moral speeches in diverse occasions and places, with the intuit of to exclude or to train some groups, without discarding the defense of the interests of Portuguese State through the colonial system, by evangelization, without causing many damages to the interests of the colonists and keeping the vast patrimony and privileges of the Order, practicing in several moments an independent politic in relation of Company of Jesus and even in relation of State.

In relation of his excluded (protestants, blacks and women, religious or not), looked for condemn or train them, by the interests of the system or to keep the control of those groups in the critical moment of a society in transition.

Key words: Vieira – speech – excluded - protestants - blacks - women.

SUMÁRIO

.

Introdução.....9
CAPÍTULO I - A TRAJETORIA DE VIEIRA NA CONSOLIDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS 27
1.1 Entre o cavaleiro, o mendigo e o convertido.....27
1.2 Os pilares da Companhia de Jesus: o voto de Montmartre e os Exercícios Espirituais.....31
1.2.1 O voto de Montmartre.....31
1.2.2Os Exercícios Espirituais: ascetismo corporal e disciplina da vontade.....34
1.3 A Companhia de Jesus em Portugal.....41
1.4 A expansão da Fé no Oriente, África e América.....50
1.4.1 Os jesuítas na África e América.....50
1.4.2 A posição de Vieira na Companhia de Jesus.....67
CAPÍTULO II - A MORAL DE VIEIRA E OS VÍCIOS DA SOCIEDADE COLONIAL.....73
CAPÍTULO III - OS EXCLUÍDOS DO REINO DE DEUS NOS DISCURSOS DE VIEIRA.....109
3.1 Protestantes.....109
3.2 Negros.....121
3.2 Mulheres.....133
3.3.1 As Evas da história nos sermões de Vieira.....139
Considerações finais.....155
Fontes.....159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....160

INTRODUÇÃO

A produção sobre Vieira, excluindo a produzida pelos próprios membros da Companhia de Jesus, tem ocupado um espaço considerável, principalmente na língua e literatura e, em menor quantidade, em outros campos do conhecimento, como na área da história e da filosofia, não só no Brasil, como no exterior.

Esses trabalhos em forma de artigos, monografias, dissertações e teses, apresentam as mais diversas abordagens, são primados pela qualidade, resultado de sólidas pesquisas, têm contribuído um tanto positivamente para se compreender a obra de Antônio Vieira, se bem que não esgotaram todos os olhares que sua vasta obra pode proporcionar: mais de duzentos sermões, setecentas cartas, pareceres, censuras, epigramas, petições, procurações, protestos, representações, memoriais, informações, entre outras e as obras Esperanças de Portugal, História do futuro e a Chave dos Profetas, inédita até poucos anos atrás, produzidas ao longo de seus bem vividos oitenta e nove anos.

A escolha do objeto do estudo em questão encontra-se ligada à primeira experiência durante o mestrado, ao preparar um seminário sobre Vieira, o qual proporcionou o contato com uma de suas biografias e vários de seus sermões e, conseqüentemente, a opção de estudá-lo mais profundamente como tema da dissertação - *Os sermões de Vieira: catálogo temático e ensaio crítico-analítico.*

Tal classificação girou em torno do catálogo cronológico produzido pela estudiosa portuguesa Margarida Vieira Mendes, frente às fases de sua vida, enfocadas por João Lúcio de Azevedo, resultou numa ferramenta que pode ser usada pelos interessados em localizar os sermões do orador no tempo e no espaço; suas características, intenções e suas permanências e seus avanços.

As leituras minuciosas de seus sermões e às demais obras do orador e sobre sua época, contribuíram para entender sua unicidade-multipilicidade, pela gama de temas tratados por ele com tal eloqüência e perfeição que o tornou conhecido como o maior orador sacro luso-brasileiro de todos os tempos.

Tal experiência, por sua vez, deixou em aberto várias inquietações em relação à atuação do polêmico jesuíta que atuou por quase todo o século XVII . E, uma dessas inquirições faz parte da compreensão da visão direcionada a grupos de possíveis excluídos: protestantes, negros e mulheres, favorece a produção de um trabalho disciplinar, sob o viés sócio-histórico.

Para compreender essas posições, foi necessário inicialmente repassar sua obra e várias produções sobre Vieira, mais cuidadosamente, incluindo produções mais contemporâneas, a qual representa apenas uma parcela daquelas estudadas, para a elaboração deste trabalho e que proporcionou condições para comparar várias biografias; e revisitar a História da Companhia de Jesus no Brasil.

Essa revisão objetiva tecer algumas considerações sobre obras de alguns biógrafos do orador luso-brasileiro para, em seguida, tratar de outros autores que produziram sobre o pensamento de Vieira, em áreas diversas, por ter contribuído de forma relevante na escolha do tema e da opção do viés deste trabalho, embora a intenção não se objetiva dialogar com todas elas no decorrer do trabalho.

Nessa seleção temos: Serafim Leite e Ernest Carel, ambos jesuítas e João Lúcio de Azevedo, enquanto que sobre os que produziram sobre Vieira, apresentamos a portuguesa Margarida Vieira Mendes e Antônio José Saraiva, M. Correia Fernandes e José Eduardo Franco e Bruno Cardoso dos Reis; enquanto que do Brasil, Alcir Pécora, José Carlos Sebe Bom Mehy, Ivan Lins, Luís Vieira Palacim e Antonio Soares Amora. Em seguida referir-se-á ao holandês lusitanista José van den Besselaar.

A opção pelos autores referidos acima não foi casual, mas por se tratar de estudiosos reconhecidos no meio acadêmico (embora uma série de outros tenham contribuído com produções não menos relevantes sobre Vieira), e por produzirem trabalhos disciplinares dos mais diversos, o que favorece uma extensa gama de idéias sobre os recortes a serem produzidos sobre Vieira e sua obra.

Quanto aos biógrafos, iniciou-se por Serafim Leite, o qual no tomo IX da *História da Companhia de Jesus no Brasil,* apresenta seus traços biográficos rapidamente (apenas uma página), onde destaca sua formação; sua resistência contra os holandeses no nordeste, sua atuação na Corte de D. João IV e em embaixadas em vários países europeus durante a Restauração; a defesa aos cristãos-novos; o trabalho nas missões e em defesa dos índios; a perda da proteção do rei; seu envolvimento com a Inquisição; sua estada em Roma e seu retorno definitivo à Bahia.

Observou-se que esse jesuíta se esmerou em inventariar a obra de Vieira, numa época em que seus manuscritos ainda inéditos ou impressos, tanto em língua portuguesa como em outras línguas , perambulavam por arquivos, traziam títulos confusos, além de comentar as edições até aquele momento (1949) e elaborar comentários sobre uma série de seus sermões e Cartas, de forma a relacioná-los com a época em que viveu. (T IX, p.192-363).

Ernest Carrel, em *Vida do Padre António Vieira*, (embora sem data, presume-se ser anterior à de João Lúcio de Azevedo, uma vez que a última edição deste data de 1992), retrata-o *grande orador sacro do século XVII,* mas não trás uma bibliografia, assim como não indica leitura complementar no decorrer do texto e nem indica onde pesquisou, ou sumário ou índice.

Inicialmente trata de aspectos biográficos de Vieira, tomando por base a obra de André de Barros, conforme indicação de uma nota de rodapé na página sete.

Em seguida, destaca os Sermões Patrióticos, proferidos até 1640, onde se evidencia o amor à religião e à pátria; passa pela sua pregação em Portugal e sua atuação junto ao Conselho do rei até se destacar como orador oficial e suas atividades como embaixador da Corte. Volta-se então para a questão da escravatura, a defesa da causa dos índios na Missões e dedica um capítulo inteiro à Cartas e Orações Fúnebres.

Ao tratar da questão entre Vieira e o Santo Ofício, alega as divergências de idéias entre a Inquisição, Vieira e a Companhia de Jesus, assim como o fato dessa Instituição trabalhar a serviço da política, se esmerando na narrativa da trajetória desse envolvimento.

Na atividades do pregador em Roma, trabalha todos os sermões dessa época e suas entrevistas com o Papa e os Cardeais, assim como a conversão da rainha Cristina, da Suécia.

No último capítulo referenda sobre a última fase de sua vida, quando do retorno à Bahia e seus últimos trabalhos ali realizados.

Carel se esmerou em relatar passagens milagrosas experimentadas por Vieira, além de fatos um tanto pitorescos, os quais passam a imagem de estar construindo um grande mito.

No caso da biografia traçada por João Lúcio de Azevedo, *História de António Vieira***,** fornece uma biografia mais detalhada, atualizada, completa e convincente sob vários aspectos, além de não ser jesuíta e pesquisar obras do século XVI e XVII. Sua biografia continua sendo clássica e é indispensável para estudá-lo.

Em explicação prévia, o autor cita vários biógrafos de Vieira, como por exemplo o padre André de Barros, cuja obra á carregada de *achaque da parcialidade*, por pertencer à mesma ordem religiosa; a do Bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo, *ressente-se da*

forma condenada de memória histórica que lhe deu o seu autor (p.7) e a de João Francisco Lisboa julga ser parcial *em sentido contrário à de André de Barros" e incompleta. As três têm contra si a idade" (id).*

Esse autor dividiu a vida de Vieira em seis fases um tanto distintas, relacionado-as com o momento histórico luso-brasileiro e apoiou-se também nas Cartas e em outras obras do orador, menos na Chave dos profetas, por permanecer inédita até à ocasião em que redigiu sua biografia, mas não observou que esse orador carregou influências de uma fase para outra.

Sua leitura um tanto agradável, descreve o contexto e a natureza do Brasil nos dois séculos: o que antecede a presença de Vieira e aquele em que viveu e, também pelos episódios fantásticos ou sobrenaturais, como a narração de uma viagem que fizera " A aldeia sem guia e perdeu-se no caminho e, muito entrada a noite, achava-se pela frente um rio, o Joanes, *...não vendo meio de transpor o obstáculo, pensou em retroceder, mas atemorizava a treva (...). Como só recurso encomendou-se ao Anjo da Guarda, e com poucas passadas, eis lhe salta da escuridão um menino envolto em luz"*(p.18), o qual acudiu-o e levou-o à aldeia, para desaparecer em seguida.

O Religioso e o Patriótico (1608-1640), fornece informações relevantes sobre a Companhia de Jesus e o treinamento pelo qual deveriam passa todos aqueles que ingressassem na Instituição; as origens de Vieira, inclusive seu lado negro do lado da avó materna; sua vinda ao Brasil com a família e o ingresso na Ordem Jesuíta; a obtenção dos primeiros sucessos como orador, além de presenciar a invasão e o domínio holandês no nordeste.

O Político-Missões Diplomáticas (1641-1650), retrata sua ida a Portugal, a forte empatia com D. João IV; sua influência e da própria Companhia de Jesus junto aos monarcas nas questões de Estado, assim como na educação do príncipe D. Teodósio; suas viagens como embaixador do Reino a vários países europeus no momento difícil da Restauração, sua política casamenteira, entre outros.

Na terceira fase O Missionário (1651-1661), ao destacar os fracassos diplomáticos e seus desabafos em púlpito e as pressões da Ordem, questões que influenciaram na sua estada na Missões, deixou claro os vários anos de sua conflituosa vida, sem deixar jamais de imiscuir-se em contendas políticas, dentro e fora da Ordem.

O Vidente (1662-1668), época introspectiva, onde *foram elaboradas as concepções de Antônio Vieira sobre as finalidades da história*. Inspirado em Anchieta, delineia as bases da Clavis Prophetarum, o plano definitivo da História do futuro, além de escrever esperanças

de Portugal, quando as polêmicas trovas do bandarra são ressuscitadas, despertando o apoio de outros visionários, o que lhe custou o desterro e o cárcere por alguns anos, tempo esse rico em correspondência, embora muitas delas tenham sido violadas, saúde abalada e perda de memória.

De 1669 a 1680, período intitulado O Revoltado, sofre com a ingratidão de D. Pedro ao ignorar os serviços prestados ao Reino, afastando-o da Corte e quando acirram-se os desentendimentos no interior da própria Ordem, A Roma da época em que Vieira lá esteve é descrita como o centro do cosmopolitismo, seja do ponto de vista espiritual ou material, portanto centro de jogos de interesses e as intrigas políticas quanto as negociações se convergiam à residência governada por João Paulo Oliva, ao Vaticano e ao palácio de Cristina, da Suécia.

Produziu uma vasta correspondência e pôde ter acesso à correspondência da Companhia, o que lhe valera saber o que se passava em todas as partes do mundo, onde houvesse atuação da mesma

Azevedo passa a impressão que o temperamento de Vieira combinava deveras com a efervescência de Roma da segunda metade dos seiscentos, uma vez que supria sua falta de valimento junto ao Estado português, embora possuísse uma liberdade cerceada e não fosse mais o emissário oficial que carregava populdas somas para afastar os inimigos do seu caminho. Cumpria o papel de exilado, um membro da Companhia de Jesus que fora bem recebido graças ao seu talento.

Faz parte ainda dessa fase o seu retorno a Lisboa, sua tentativa sem êxito de intervir junto à *gente da Nação*; a Inquisição força os bispos a convencerem D. Pedro a não ceder em favor dos cristãos-novos e as vantagens de ficar do lado dos inquisidores, levando o soberano a repreender o levante popular, sem falar do conluio entre os Três Estados e o Santo Ofício.

Mesmo afastado das atividades políticas, não deixara de enveredar pelo caminho da profetização quanto aos destinos da humanidade e do mundo e seus receios de exclusão de sua pátria eram um tanto preocupantes.

O sexto e último capítulo - O vencido (1681-1697), trata do seu regresso definitivo à Bahia, passando antes por Lisboa, após quarenta anos de ausência e sem o vigor e a esperança de outrora, mas cansado, sofrido, doente, mas carregando uma experiência como poucos durante uma vida de sucessos e insucessos e foi viver na Quinta do Tanque e, isolado, procurava concluir suas obras.

Teve que tolerar ainda uma série de revezes entre os parentes Ravascos e o governador local; a epidemia da bicha, além do silêncio de D. Pedro, sua segundas núpcias com Maria Sofia da Áustria, vista por ele como trama de Castela.

A produção em questão trás ainda um apêndice dividido em oito partes, das quais constam documentos relativos ao processo; Escritos Satíricos sobre Vieira; missões; Morte do Alcaide-mor da Baía; Quadro genealógico de Vieira e documentos sobre a família Vieira Ravasco; um breve resumo da Clavis Prophetarum; notícias bibliográficas e Anedotas sobre Antônio Vieira.

Quando na Bahia, é noticiado da queima de sua efígie em Coimbra, quando do restabelecimento da Inquisição, sem a mudança de estilo, presente nas cartas endereçadas ao Marquês de Gouveia; um tanto magoado com D. Luís de Menezes na correspondência com o Conde de Ericeira. Nelas Vieira derramou todo o fel que armazenava durante tanto tempo; temas relativos ao indígena; seu voto contra os paulistas quanto ao repartimento dos índios nas minas, o que ia contra os direitos naturais, presentes no *Voto sobre as dúvidas dos moradores de São Paulo*...**...** que, para sua decepção, foi acatada a proposta dos paulistas.

Essa situação teria contribuído para entrar em conflito com João Antonio Andreoni. o jesuíta toscano que veio com ele para o Brasil, a seu convite e, com o tempo, abriria espaço para a mudança das regras do Sistema Colonial.

A obra de João Lúcio de Azevedo continua clássica, por ser indispensável aos que pretendem estudar Vieira, pelo autor não ser jesuíta e ser a mais contemporânea.

No que diz respeito aos autores portugueses, as escolhas recaíram sobre os estudiosos a seguir:

Margarida Vieira Mendes, reconhecida estudiosa portuguesa que teve a iniciativa do projeto de tradução da Clavis Prophetarum (Chave dos Profetas) e responsável pelo estudo histórico-crítico da obra. Autora de *A Oratória Barroca de Vieira,* cujos capítulos são compostos de unidades independentes, reconstrói historicamente o orador barroco por excelência; *o conteúdo da representação do orador sacro***,** identificado no decorrer de seus discursos, ao mostrar que *pretendia fazer concordar com a acabada e sagrada representação que possuía do mundo e da história humana***;** emitiu juízo de valor sobre o pensamento do autor *relacionado à arte do orador sacro, à sua competência e ao seu comportamento***,** além de equacionar seu pensamento com o da época em que viveu; mostra como o autor lida com os textos (fá-los concordar, trasladá-los e acomodá-los nas mais diversas situações); transforma-o em *intérprete e oráculo* ao mesmo tempo; trata dos sermões escritos para serem publicados pelo autor ainda em vida e como eles marcaram de

forma intencional e indissolúvel a *imagem do pregador***;** a *questão lingüística e a qualidade literária, criadora da emoção estética***,** não se encontra com tal intensidade nas demais produções da época.

Nessa obra, a autora ainda contribui com uma ficha catalográfica (p.547-561) dos sermões de Vieira de grande utilidade para localizar a época e elucidar quanto à datação de vários sermões, embora não sejam todos datáveis.

A relevância da produção ainda se deve ao fato da autora ter trabalhado com as obras de Vieira(edições portuguesas, edições estrangeiras e edições críticas); textos manuscritos. obras impressas.

Admite que não se pode dissociar a obra da biografia do grande orador e que apenas *Raymond Cantel e Antônio José Saraiva parecem ter fugido um pouco a esse tropismo biográfico***,** isto é, essa aproximação entre obra e o homem.

A obra de Vieira na literatura anti-jesuítica (séculos XVIII e XIX), de José Eduardo Franco e Bruno Cardoso Reis foi selecionada por tratar-se de um dossiê sobre *o imaginário cultural português, onde destaca o significado dos jesuítas e da sua atuação***,** por contribuírem de forma significativa na interpretação da história portuguesa, visto que tiveram influências na sua vida política e cultural, de um ldo e, por outro, a *expressão anti-jesuítismo* de identifica com *anticlericalismo,* que não entende *a sociedade cristã identificada na Companhia de Jesus e nos jesuítas, embora a religião, enquanto vivência total, acaba marcando um sociedade, visto que é uma vertente do próprio controlo político-social e mental. (p.15).*

Os autores analisam um conjunto de obras da historiografia portuguesa relativas ao Padre Antônio Vieira, *representativos da Lenda Negra anti-jesuíta em Portugal***,** no período compreendido entre 1759-1926, no âmbito da história das mentalidades.

Para isso, analisam a evolução da Lenda Negra, sobretudo a reação contra Vieira, pensando as diferenças.

Esses autores apresentam a análise de um complô que faz parte da crítica contra Vieira, os ortodoxos que *o consideram como um grande agente de intrigas (p.26);* citam o mito do anti-jesuitismo, mas não do anti-vieirista, isto é, não dão a devida importância ao orador ou mais, até o ignoram, como por exemplo Alexandre Herculano. E, por fim, citam os anti-vieiristas (anti-jesuítas ou não), atacando-o com sua crítica estética e, portanto anti-barroca. Enquadrar-se-ia aqui os discípulos de Verney, Garret e António Sérgio.

Em seguida argumentam sobre o contexto da criação da Companhia de Jesus, ou seja, a época em que a cristandade estava em crise e sobre os conflitos entre essa Instituição e a

universidade de Paris. Vêem-na como uma instituição vanguardista em vários aspectos, dentro da Igreja e da sociedade, ao assumir a educação em Portugal e no Ultramar, entre outras atividades não menos relevantes a partir do século XVI até meados do século XVIII.

Vieira foi um dos membros que mais se destacou e, como a própria ordem angariou certas polêmicas, como é o caso de seu envolvimento com a Inquisição, justamente por ocasião de sua aliança com o poder dominante, criou-se assim o anti-jesuitismo.

A figura de Vieira é destacada no contexto da Restauração pelo seu patriotismo e por suas lutas contra as posições do Tribunal da Inquisição, contra os sebastianistas, sobretudo por excluir Vieira.

Em *Pe. António Vieira. Antologia e Aforismos***.** Ordenados e anotados por M. Correia Fernandes, o autor selecionou vários trechos *dos Sermões e da História do Futuro de Antônio Vieira, julgados como os mais ricos e expressivos pela precisão do seu ajustamento ao sentido, às idéias e às emoções (p.5).*

Embora admita que sua oratória seja um tanto carregada de excessos, tinha como objetivo atingir *as mentes e as vontades*. E isso era próprio da mentalidade de Loyola, não resta a menor sombra de dúvida.

A obra tem o objetivo de atingir todos os profissionais que se interessam por expressar a língua de forma mais rica, cuja originalidade vem *da riqueza de idéias, da argúcia dos sentidos, do equilíbrio da disposição, da adequação semântica, da pertinência das perspectivas apresentadas, da irrepreensível estruturação sintática das frases, da novidade e vigor das imagens, e da imaginidade das situações, do imediatismo e da compreensividade das razões...* Acrescenta ainda que havia uma identidade de Vieira com a mentalidade do povo e a sua capacidade em unir o saber do século XVII à sua experiência de vida.

Para o autor, os escritos de Vieira têm um quê de atualidade inquietante justificada pela preocupação do *homem moderno* e pelo domínio de temas e raciocínios dos mais profundos, seja da *exegese da Bíblia como dos clássicos; tanto da História como da tradição; tanto da Filosofia, como da Natureza***,** usando até recurso das artes para alertar as mentes mais limitadas.

Fernandes referenda ainda alguns problemas sociais, políticos e econômicos de Portugal e do Brasil, embutidos nos sermões da Sexagésima; no de Santo Antônio aos Peixes, no das Lágrimas de São Pedro, no da Ressurreição de Cristo e no da Primeira Dominga do Advento.

Quanto aos aforismos (sentença moral breve e conceituosa; máxima), estes são extraídos da História do Futuro.

António José Saraiva nos mostra no seu *Discurso Engenhoso (1980),* que na origem da identidade dos discursos vieirenses, nota-se uma certa *compulsão biográfica* e que na literatura barroca, o efeito desse mesmo discurso se liga a um processo de sublimação verbal e que a oratória sacra foi fomentada e tornou possível tal sublimação, além das figuras de linguagem, tão comuns em seus textos, aliás imagens *engenhosas***,** mas que fogem ao conceito clássico de imagem, por ser *variável e ambígua* e que funciona como um elo indispensável para que tal corrente não se rompa.

Afirma inclusive que na Península Ibérica, *as disciplinas das palavras eram instrumentos privilegiados para o conhecimento, pois tudo se escondia no texto) (p.76)*

No que diz respeito aos autores brasileiros, temos:

A arte de Morrer. Os sermões de Quarta-Feira de Cinzas de Antônio Vieira (1994), Alcir Pécora relaciona os três sermões de cinzas com os maus momentos pelos quais passava Vieira.

O autor alega que o terceiro sermão, balizado entre 1676-1680 e publicado na fase final de sua vida, já definitivamente na Bahia, o que sugere ter sido refeito.

Os primeiros foram pregados em Roma, em 1672 e 1673, na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, época em que a cidade se laicizara em pleno apogeu do Barroco e se destacava pelos ricos e elegantes salões freqüentados por letrados, como por exemplo o palácio da rainha da Suécia, Cristina Alexandra, recém-cooptada ao catolicismo, pelos jesuítas e, para a qual Vieira pregara várias vezes e onde teria sido aplaudido pela nata da intelectualidade profana e eclesiástica pelos jesuítas.

Nos três sermões, Vieira apresenta as vantagens de se preparara para a morte ainda em vida, pastoral típica da época: aprender a morrer para se salvar, embora a morte cristã nos faça livrar das tribulações da vida.

O mesmo autor contribuiu também com *Escritos Históricos e Políticos (1995),* sobre Vieira. Neste acrescenta que a sua atuação na política *teve e tem peso nem sempre positivo na interpretação de sua obra,* diante da época em que viveu e dos papéis que representou; que tudo o que escreveu é político, desde um documento a ser encaminhado a uma chancelaria até um sermão piedoso sobre uma celebração de uma festa móvel referente ao calendário cristão.

Para tanto, Pécora selecionou vários sermões de épocas distintas de sua vida; cartas; documentos vários; pareceres; propostas, votos, ente outros.

Assim, propiciou a formulação de um quadro sintético dos tópicos políticos mais relevantes da vida do orador, de forma a distinguir o período inicial de sua produção, localizado entre sua formação e sua ida primeira a Portugal, enquanto que no segundo tópico, localiza a produção do autor em questão, referente ao contexto das guerras holandesas, no nordeste, incluindo o conteúdo da Carta Ânua

Na década em que Vieira esteve ao lado de D. João IV e tornou-se embaixador do reino, localizam-se os temas políticos relacionados com a Restauração, em que Vieira teria explorado as místicas em torno de D. Sebastião, o Encoberto, com o objetivo de promover o entendimento entre os três estados, em torno do Rei.

A questão relacionada com os impostos é outro tema de suas falas; a questão de transferir poderes, nomear funcionários capazes e não levar em conta privilégios de nobreza; o excesso burocrático em relação aos despachos ministeriais, o que impediria a ação relacionada à propagação da fé, tão prejudicial ao Estado Português.

Tais temas se encontram, no dizer de Pécora, *nas coleções iconográficas de ditames políticos para educação dos príncipes produzidas entre os autores de Castela, especialmente com formação em Salamanca, caso das Empresas políticas - idea de un príncipe político - cristiano, de Diego de Saavadra fajardo (1584-1648), e da emblemata regio política, de Juan de Sólorzano y Pereira (1575-1653) p. XII).*

Na década de 1640, insiste na necessidade da criação das Companhias de Comércio, segundo o modelo holandês, para explorar comercialmente as colônias, assim como reformas estruturais julgadas relevantes para que tais companhias tenham êxito, momento em que defende os cristãos-novos, cujos capitais seriam úteis para financiar as empresas, em vez de expulsá-los do Reino, dados os prejuízos que tal decisão traria à Nação, postura que ia contra a das decisões do Santo Ofício, em relação à *gente da nação* e que para Vieira era uma questão de justiça.

No que diz respeito às colônias, sua preocupação gira em torno do domínio de Pernambuco pelos holandeses e que deveria ser negociada, o que foi feito através *do Papel Forte* - faria-se a negociação dessa parte do Brasil, uma forma de não dividir seus limitados recursos, tão úteis para serem empregados nas lutas contra Castela, o que garantiria a independência do Reino., além de fazer com que a Holanda ressarcisse os danos.

Propõe ainda o ataque à áreas pertencentes a Castela, na América, como o Canal do Panamá e o Rio da Prata, além de avançar até o Chile, o que impediria o escoamento da prata.

Outro eixo político presente refere-se ao contexto do retorno de Vieira do Maranhão e indica a preocupação relacionada à regulamentação do governo das missões e suas relações com os colonos; a insubordinação dos responsáveis pelas entradas comandadas por jesuítas, responsáveis legalmente para contatar indígenas e trazê-los às missões, em vez de capturá-los indiscriminadamente e escravisá-los, incluindo as várias dificuldades enfrentadas, seja por água ou por terra, de forma a ligar a providencialidade do português de dilatar o império, versus conversão universal, argumentos presentes em sermões e pareceres.

A questão relacionada aos seus tempos de desgraça política, giram em torno da morte de D. João IV e a subida de D. Afonso VI ao trono português, escudado por Castelo Melhor, o qual carregava certas reservas quanto aos que haviam estado próximos da antiga regente; a falta de valimento junto a príncipe e sua experiência com a Inquisição, por pregar a ressurreição de do antigo rei, presente em carta a D. André Fernandes, confessor de D. Luísa, com o objetivo de consolá-la e a ligara expansão do império fundamentada na preparação de um nova cristandade num *tempo milenar de paz e harmonia universais***,** em que o Quinto Império seria inaugurado e onde encontram-se presentes seu messianismo.

Já no final de 1660, Vieira recebe comutação da pena, impele-o a acreditar no valimento de D. Pedro, em vão. A situação em que se encontra leva-o a Roma, procurar amparo para enfraquecer a Inquisição. Aí encontram-se presentes falta de gratidão da pátria e o exílio dos grandes, no caso ele próprio; a preocupação com a morte.

O retorno a Portugal e ao Brasil , resume-se em queixas em relação à saúde precária; o Memorial a D. Pedro, entrecortado de *ira e ressentimento***,** lembra o soberano dos muitos serviços prestados por ele e das mercês que ele e sua família deveriam receber, visto por Pécora soa *como um adeus ao rei e à Corte.*

Nos *Escritos Instrumentais sobre os índios (19),* de José Carlos Sebe Bom Miehy, destaca a projeção de Vieira no campo da produção literária e que, *apesar do amor e do ódio freqüente e exaltador, independentemente de suas vitórias e insucessos, foi aclamado por todos como grande, diria mesmo de imensidão vasta quanto o império (p.XVI). E que mais de dois séculos depois, sua obra ainda desperta leitores atentos à compreensão de um dos mais completos pensadores do século XVII e, quiçá de outros tempos (id).*

A sua atuação nas mais diversas atividades, acabou por registrar uma gama *de situações que para serem entendidas exigem racionalização, amplitude e enquadramento da historicidade de sua produção textual (p. XVII).*

Para Meihy, embora Vieira tenha nascido em Portugal e vivido muito tempo no Brasil, foi *um militante do Império* e tratar-se de um personagem que não pode ser visto

apenas como *homem das letras, político, economista ou apenas religioso***,** mas ao se referir a ele, deveria fazê-lo com *a pretensão da globalidade***,** apesar da sua vasta produção.

Por isso aconselha trabalhar com recortes da grande produção, *mas não desenquadrá-la do eixo geral que a anima: a militância por um Império justo, segundo os desígnios de Deus (p.XXV).*

Torna-se necessário ter uma visão de conjunto de sua obra e uma posição definida, para depois, trabalhar o fragmento.

Contribuiu com uma seleção de textos documentais das leis que regiam os índios; a relação da missão da Serra de Ibiapaba e os pareceres de Vieira sobre elas e sobre o modo de tratar os índios.

Ivan Lins, filósofo e sociólogo de linha positivista, considerado por seu prefaciador, o escritor que mais conhece a obra de Vieira no Brasil, afirmação um tanto pretenciosa.

Nos *Sermões e Cartas do Padre Antônio Vieira* (s/d), o vê como um homem de visões políticas um tanto atualizadas, anti-racistas e contrário ao autoritarismo do clero, *missionário, catequista - filósofo e moralista. É o herói que se preocupa em salvar almas antes de salvar a si próprio.*

Em outras ocasiões , torna-se maquiavélico ao maquinar a aliança holandesa contra Castela; ao sugerir a vinda de D. João IV ao Brasil, após indicar seu filho menor, D. Teodósio para a sucessão, além de propor o casamento do príncipe com a sobrinha do rei da França , um forma de atrair esse país contra a mesma Castela.

Lins alega que não pretende preencher lacunas no que diz respeito à interpretação da obra de Vieira, quanto aos aspectos que pretende estudar, mas contribuir para entendê-la sob outros olhares.

Vieira e a visão trágica do Barroco. Quatro estudos sobre a consciência possível, de Luís Vieira Palacim é um obra composta por quatro artigos, os quais se encontram unidos por *uma identidade temática e metodológica.*

Esse estudo teórico contribuiu de forma original à história das mentalidades do século XVII, tanto na metrópole, como na Colônia**.**

Para Palacim, a própria situação histórica impõe à visão de mundo de uma época - o barroco português e de uma classe social - a nobreza proprietária de terras da região nordeste durante o período colonial, daí Ter optado por duas obras: a do Padre Vieira e o Valeroso Lucideno, de Frei Manuel Calado, onde fica evidente o choque de mentalidades.

Admite que existe um vasto intercâmbio e mesmo correspondência entre o nível político, sócio-econômico, cultural e mental.

E para explicar esse fenômeno, parte do princípio de que todo pensamento é *socialmente condicionado* e que *a consciência possível* indica o limite que as circunstâncias reais da vida social impõem a um pensador (p.22)e, mesmo à uma corrente de pensamento ou a um época histórica, tanto na maneira de perceber, como na de analisar a própria realidade da vida.

Usa conceitos de Goldman para esclarecer que *os pensamentos históricos, que constituem a consciência possível de uma época a nível* histórico *significativo, vem marcados pela consciência de classe (p.43***).** O conceito de liberdade e opressão em O Valeroso Lucideno se enquadra nessa análise, ou seja, a de compreender como a classe dos senhores de engenho, grandes comerciantes e agricultores que promoveram a guerra contra os holandeses, no século XVII, condiciona à compreensão de noções como liberdade, opressão, honra e fidelidade.

Quanto ao pensamento de Vieira, os condicionamentos sociais parecem ter origem num estado de espírito nacional e nas atitudes vitais de um época.

Para ele, a obra de Vieira é um dos testemunhos mais ricos para a interpretação do Portugal da Restauração, assim como esta é relevante para entender Vieira.

É nesse contexto, contradições tão evidentes encontram-se na obra de Vieira, como por exemplo os altos ideais declarados e as *mesquinhas contingências* da vida social, encaixam-se no Barroco, contradições essas experimentadas no Brasil: a incompatibilidade entre o Sistema Colonial e um governo luso, e entre a exigência da liberdade inerente à pessoa humana e a permanência da escravidão, imposta pelas determinações econômicas da política colonial.

Antônio Soares Amora, na *obra Sermões. Problemas sociais e políticos do Brasil (s/d)***,** após traçar uma rápida biografia sobre Vieira, passa a analisar alguns de seus sermões, iniciando pelo Sermão da Sexagésima, definido pelo próprio Vieira define o estilo parenético, isto é, a eloq6uência sagrada (discurso moral), daí o valor histórico e literário do mesmo e, julgado por Vieira, como um suporte para os demais.

Em seguida, destaca o *Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário* com o Santíssimo Sacramento exposto, onde mostra o sacerdote em campanha contra a escravidão do negro africano.

Amora observa que seria esperar muito de um homem do século XVII, mas admite que se tivesse investido mais contra *as idéias anti-escravagistas, seria o primeiro liberal-abolicionsita dos tempos modernos (p.34).* Mas, ao faltar-lhe o apoio da Igreja e do Estado,

acabou por ficar lutando apenas em favor dos sus índios e dedicar-se à campanha humanitária em prol dos negros.

No *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*, Vieira passa a ver o negro integrado no contexto da invasão holandesa, devido ao perigo que esta apresentou para o Brasil, diante da consistente oposição à causa dos escravos negros.

Entrou no movimento de resistência contra os holandeses, quando a cidade de Salvador conseguiu derrotar o inimigo, após estar sitiada por vários dias, apenas com as armas da sua erudição.

Esse autor ainda destaca ainda vários sermões proferidos nessa época de resistência, sobretudo o Sermão pelo *Bonsucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda, em 1640* e define esse tempo caracterizado *por uma oratória demagógica e política*, o que não tira o seu mérito no que tange a sua sensibilidade para os problemas políticos, sociais e religiosos de maior relevância; da capacidade para analisar tais fatos, nas suas causas e e efeitos e de cultivar um espírito filosófico *capaz de encontrar, para os fatos históricos, m sentido transcendente, no caso, um sentido religioso (p.94).*

Já no *Sermão do Espírito Santo*, 1657, proferido no Maranhão, ao mesmo tempo da ordem régia, *segundo a qual deviam ser postos em liberdade todos os índios até então cativos (p.120).*

O autor trabalha ainda outros sermões, em que aparece o *paciente e piedoso* missionário das almas, mas iludido com os homens, os quais em vez de contribuir para essa tarefa edificante, encontravam-se presos à *paixões materiais.*

O estudioso holandês, José van den Besselaar é considerado um dos melhores representantes da erudição holandesa e lusitanista, além de se destacar em vários campos do conhecimento, seduziu-se pelos estudos sobre Vieira e sobre quem produziu um série de obras.

Em *Profecia e Polêmica (2001),* o profetismo português pesquisado e interpretado por Besslaar, esclarece que *não pode estar contido em datas precisas de nascimento, tampouco findo em dado momento***,** por ter suas origens no profetismo medieval e chegar a influenciar a literatura de cordel brasileira. (nota temas de novelas de época exploraram esse profetismo).

A obra em pauta mostra o jesuíta e o profetismo português em meados do século XVIII, coincidentemente quando Vieira sente sua carreira deslanchar em Lisboa, no contexto da Restauração.

As fontes usadas pelo autor são coleções de textos de autores conhecidos e anônimos, além de várias obras de Vieira, a exemplo Esperanças de Portugal, endereçada André Fernandes, confessor da rainha regente D. Luísa de Gusmão e escrita de Camutá, não Amazonas, a caminho de uma missão indígena. Nela se atreveu a predizer a ressurreição de D. João IV, fundamentando-se nas trovas do Bandarra

O autor admite que por se tratar de um papel que foi copiado (com ou sem permissão de Vieira), seja pelo irmão leigo Paulo Martins Garro, incumbido de postá-la ao seu destinatário ou por outra pessoa, pode ser ainda que Vieira tenha autorizado sua divulgação, o fato é que o conteúdo dessa carta ou *papel*, corria de mão em mão logo no ano seguinte e teria chamado a atenção do Santo Ofício, por este ter procurado por termo à sua propagação. Mas, tal decisão não impediu que seu conteúdo se espalhasse e chegasse em mãos de outros simpatizantes que a divulgassem ou que contradissessem a tese de Vieira, a partir de 1660.

Na primeira parte da obra, o autor junta quatro textos , na maioria inéditos e que polemizam a batalha acirrada entre joanistas e sebastianista, como a Carta de Vieira, Esperanças de Portugal; o escrito de Nicolau Bourey, seu adepto e dois papéis anônimos, na sua opinião redigidos por *sebastianistas ortodoxos*, acompanhada de uma nota explicativa a preceder cada texto, em que apresenta a característica e *estrutura do opúsculo*, assim como a *tradição manuscrita.*

E, na segunda parte a obra trás dezenas de notas , umas com a intenção de esclarecer aspectos pouco conhecidos do sebastianismo e outras *investigam a história do profetismo medieval, sem o qual o sebastianismo português, em sua configuração concreta, seria muito diferente(p.26***).**

Besselaar chegou à conclusão que ao estudar as raízes históricas desse fenômeno, percebeu que não se trata de um fenômeno isolado, mas que faz parte de um movimento internacional.

Chegou-se então à definição do trabalho, o qual foi dividido em três momentos:

Na primeira parte - *A trajetória de Vieira na Companhia de Jesus*, duas obras chamaram mais a atenção: *Os jesuítas. Seu segredo e seu poder*, de Fülop Miller, datada de 1932 e a de John O'Malley, de 1998, cujas traduções para o português são de 1946 e 2004, respectivamente.

Miller trás informações biográficas de Loyola; aspectos da formação do grupo inicial; sobre o espírito do jesuitismo; a polêmica que moveu jesuítas e jansenistas em torno do livre arbítrio; sobre a moral e os caminhos trilhados por

seus membros para consolidar a Ordem, além de analisar a contribuição desta na educação, no teatro, na ópera, nas artes plásticas, entre outros.

A obra de O'Malley, mais contemporânea, é fruto de uma pesquisa diferenciada que envolveu o estudo dos Exercícios Espirituais de Loyola, a Fórmula da Instituição, as Constituições, a autobiografia de seu fundador e a Crônica da sociedade de Jesus, de autoria de Polanco, jesuíta integrante do grupo inicial, procurando *compreender os primeiros jesuítas conforme a compreensão que tinham de si mesmos.*

Esse exercício levou a estudiosa à *pré-hist**ó**ria* da Ordem e, conseqüentemente, à biografia de Inácio de Loyola, ao contexto de sua conversão e formação da Instituição e seu desempenho ao longo de sua existência, incluindo sua extinção e retorno e, como não poderia deixar de ser, ao contexto de Vieira.

Deparou-se com um Vieira um tanto complexo: marcado pelos ideais loyolanos; admirador profundo da obra de São Francisco Xavier; formado nos parâmetros da Nova Escolástica e influenciado pelos valores de seu tempo; atento à hierarquia da Ordem que, muitas vezes, se contrapõe àquele que toma certas posições independentes, ao ponto de comprometer a Instituição e a si mesmo e ser alvo de conflitos internos e ser contemplado com sua expulsão, não fosse a intermediação de D. João IV.

A segunda parte *investiga as tendências do discurso de Vieira perante a sociedade colonial* em três momentos distintos de sua vida passados no Brasil e em Lisboa, através da análise do conteúdo de sermões proferidos em diversas ocasiões e dirigidos a públicos diferenciados, o que possibilitou captar o que se ocultava nas entrelinhas de seus discursos morais, a permanência de posições, contradições e inovações, diante da sociedade colonial em transição: o primeiro momento é o do contexto da ocupação holandesa na Bahia; o segundo, no Maranhão, quando da propalada atuação como missionário responsável pelas missões, entrou em conflito com os colonos-moradores e, finalmente, na Bahia, na fase final de sua vida.

Ao trilhar por esse caminho, chegou-se à terceira parte do trabalho - *Os excluídos do reino de Deus*, em que analisou o direcionamento de seus discursos morais a determinados grupos sociais, como protestantes, negros e mulheres, de forma a discriminá-los ou adestrá-los.

Tanto no segundo, como no terceiro capítulo, além dos sermões, consultou-se as Cartas, nos momentos em foi necessário e chegou-se à conclusão que Antônio

Vieira, embora não apresentasse muitas inovações, tinha consciência absoluta de que era um intermediário entre o homem e Deus e do papel que orador poderia desempenhar através do púlpito, desde jovem e, como membro da Companhia de Jesus, executar tudo o que fosse necessário, *para a maior glória de Deus,* inspirado no *pai* Loyola.

Todavia, ao galgar posições mais relevantes junto à Corte de D. João IV, como orador e diplomático, ocasião em que teve a oportunidade de conhecer outros países e entrar em contato com sua cultura e, cujos valores passavam por um transição, dado o avanço do movimento reformista versus expansão mercantilista, teorizou o sistema colonial português que, nem sempre encontrou correspondência na sua organização burocrática e pela sua eficiência, uma vez que a corrupção dos costumes e o abuso praticado pelos próprios portugueses no Brasil, eram responsáveis pelas dificuldades a ação evangelizadora direcionada ao nativo, cuja responsabilidade era da Companhia de Jesus.

Vieira, conhecedor potencial dos negócios coloniais e dos interesses da Ordem, entendia que a moralização dos costumes e os problemas que enfrentava no Maranhão, no que diz respeito à questão indígena eram indissociáveis, levando-o a apresentar soluções para o mesmo.

Em relação aos *seus* excluídos, Vieira se revela um tanto preocupado com a heresia da religião reformada, o que resulta na condenação dos protestantes; quanto aos negros, talhados para servir, procura amenizar os maus tratos e, em direção às mulheres, sua intenção é adestrá-la de acordo com o grupo social a qual pertence, seja na metrópole ou na colônia.

Acredita-se que o trabalho possa contribuir com mais um estudo sobre Vieira, uma vez que muito pouco se produziu sobre *seus* excluídos, constituíssem eles maioria ou minoria e, dos que se tem notícia até o momento, são duas comunicações proferidas durante o Terceiro Congresso de sua morte, promovido pela Universidade Católica de Portuguesa, em 1997 e um artigo de Raymond Cantel, não localizado a tempo.

A primeira comunicação é da estudiosa Anna Maria de Mello e Souza, *Sermão do Demônio Mudo,* se refere à análise de Viera e a mentalidade religiosa do século XVII, em relação à vaidade. Complementa com o estudo com a arte pictórica da mesma época, sobre a vaidade. (Terceiro Centenário da Morte do padre Antônio Vieira, Congresso Internacional, Actas, p.1087-193).

A segunda foi apresentada por Hilda Agnes Hubner Flores, *Sermões de Padre Vieira: O imaginário feminino*, a autora selecionou vários sermões do orador, selecionou e analisou temas como a questão da virgindade, da sensualidade, sobre o adultério, sobre a confissão; sobre o poder do rosário e sobre o espaço feminino nesses sermões. (id, p. 1157-1171).

No presente trabalho, os sermões estudados foram selecionados por tomos, página, local e data em que foram proferidos, uma vez que os mesmos não foram publicados na ordem em que foram escritos, muitos deles foram refeitos na última fase de sua vida, na Bahia, outros não são datáveis, além do orador carregar influências de uma fase para outra.

CAPÍTULO I
A TRAJETÓRIA DE VIEIRA NA CONSOLIDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Para a elaboração do presente capítulo, reportou-se ao contexto da própria formação de Inácio de Loyola, de modo a pincelar seus traços biográficos, para que ficassem evidenciados aspectos significativos da sua conversão religiosa, para se chegar à organização da Companhia de Jesus e suas peculiaridades. Em seguida, se discorrerá sobre a abertura que teve a Ordem, ao ser agraciada em Portugal, ainda no século XVI, mais especificamente no Oriente e Brasil, sua atuação no Reino, Oriente e Brasil, abordando suas dificuldades iniciais e a própria trajetória de Vieira, numa fase em que a Instituição se encontrava consolidada.

A literatura produzida a respeito da história da Ordem é muito esclarecedora quanto à rapidez com que os jesuítas, rapidamente conquistaram o interesse do Papa da época; alcançaram cargos de confessores nas mais diversas cortes européias; trabalharam como pregadores nos lugares mais remotos (Oriente, África e América); conquistaram a credibilidade de pessoas influentes; entraram em atrito com outras ordens e foram até perseguidos politicamente, o que levou-os ao uso de disfarces, a provar talentos, habilidades, conhecimento de mundo e até de astúcia para vencerem tais obstáculos e, tudo para a *maior glória de Deus,* expressão aliás um tanto repetida por vários membros da Ordem, em diversas ocasiões**.** E é certo que esses valores teriam sido passados aos filhos de Santo Inácio, já na primeira geração.

1.1 Entre o cavaleiro, o mendigo e o convertido

Para trabalhar essa trilogia, recorreu-se à obra de O'Malley (2004) e Miller (1946). A primeira trás informações quanto à autobiografia ditada por ele em três períodos diferentes ao português Luís Gonçalves Câmara e afirma que até ser transformada em página escrita, fora filtrada por várias mentes e idiomas. Sua vida teria muito a ver com a de outros

líderes religiosos e as obras de Jacopo de Voragine e as de Ludolfo da Saxõnia teriam influenciado na sua conversão[1],onde *Inácio narrou sucintamente a história de sua vida até 1538, véspera da decisão tomada pelos primeiros companheiros de se ligarem em uma associação permanente. Polanco e Nadal interpretaram a narração feita por ele como uma espécie de testamento, que mostrava a seus seguidores como e para que Deus o tinha chamado*[2], portanto mais confiável para o autor.

Embora a segunda não cite as fontes pesquisadas e às vezes enalteça a figura de Loyola e da Ordem à qual pertenceu, apresenta informações singulares e relevantes a respeito de sua vida, mesmo sugerindo interpretações um tanto pessoais, foi a única encontrada que narra sua vida até 1538. O autor garante inclusive que a Vita Christi, de Ludolfo da Saxônia, e a Imitação de Cristo de Tomaz Kempis, teriam influenciado Inácio, além dos livros de exercícios de Garcia de Cisneros, abade espanhol e a Lenda Dourada de Voragine e, posteriormente, em Paris, teve oportunidade de mergulhar nas grandes obras da escolástica e entrar em contato com os místicos Irmãos da Vida Comum, já na época em que redigia seus Exercícios Espirituais. Consta ainda que Inácio anotava todas as suas experiências num diário[3].

Os autores referenciados acima afirmam que Iñigo Lopez de Loyla (1491?-1556), era um dos filhos de uma numerosa família de fidalgos empobrecidos de origem basca, o que trouxe aos pais muitas preocupações quanto à educação dos seus doze filhos, amenizadas pela oportunidade de Inácio ter sido levado por um parente que governava uma das residências dos reis católicos espanhóis Fernando e Isabel, como pagem, ainda na primeira infância, o que pode ser interpretado que, desde muito cedo o favor do monarca era visto como o único objetivo digno de ser aspirado na terra.

Com a morte de Isabel, as normas um tanto rigoristas foram alteradas diante das segundas núpcias com a princesa Germana, da França, de hábitos um tanto requintados, justamente numa época em que a Espanha se transformara numa potência universal e os frutos das conquistas acabaram por alterar a simplicidade da Corte, incluindo nos hábitos alimentares e etiquetas à mesa.

Uma forte amizade passou a ligar Germana à Dona Maria, esposa do governador e dama de honra da rainha, o que teria favorecido sua freqüência à residência dos Cuellar, onde era servida por Inácio (ambos ainda adolescentes), o qual teria experimentado as

---

1 O'MALLEY: p.56
2 Id, :p.25
3 (MILLER: p.71)

primeiras emoções amorosas, cujo alvo era Germana o que levou-a a sonhar em distinguir-se nos freqüentes torneios, na ânsia de conquistar-lhe o favor.

Ao ser armado cavaleiro elegeu-a *a dama dos seus pensamentos*, o que lhe rendeu um lenço de rendas, lançado à arena, por Germana. Todavia, Inácio sempre se envolvia em aventuras romanescas suspeitas, inclusive orgias desregradas que lhe trouxeram envolvimentos com autoridades judiciais (o que lhe traria arrependimentos confessos mais tarde), inclusive porque naquele tempo, o cavaleiro já havia perdido muito da sua mácula de bravura e altivez, além de receber uma educação unilateral um tanto deficiente até aquele momento: aprendera a ler e tais leituras giravam em torno de romances da cavalaria e histórias de magia, marcadas principalmente pela obra de Amadis de Gaula, o Cavaleiro da Verde Espada, com cujas aventuras se identificara.

Um incidente teria levado seus parentes a perder os favores do casal reinante, a família Cuellar precisou abandonou a Corte e Iñigo ao acompanhá-los, viu-se na contingência de ingressar na guarda de outro parente (possivelmente movido por ambição), com a ressalva que o serviço militar era um tanto rígido e sem os aplausos dos tempos vividos na Corte de Castela. Essa nova situação teria contribuído para que sua ambição crescesse e, aborrecidamente, aguardava uma oportunidade para se sobressair num serviço relevante e a primeira oportunidade ocorreu na Revolta Popular em Najera, ocasião em que comandou um grupo contra os revoltosos e, posteriormente, contra as tropas francesas que transpuseram as fronteiras espanholas e tomaram Pamplona .

Seu entusiasmo contagiou os demais oficiais no combate aos franceses, mais numerosos e muito melhores armados, o que resultou num rápido combate e no desastre que esmagou sua perna, para sua desgraça, diga-se de passagem, o alvo dos espectadores durante os torneios. O risco de ficar aleijado, atingira sua vaidade a tal ponto que teria suportado as piores torturas das cirurgias e tratamentos posteriores, durante o longo e monótono período de convalescência , preenchido pelas doces recordações da jovem Germana.

E, na ausência de obras da cavalaria na limitada biblioteca da casa paterna, encontrou obras de místicos, o que faz sentido se atentarmos para o fato de viver numa sociedade tipicamente aristocrática e numa família onde não ocupava o lugar de primogênito, portanto passível de receber uma herança substanciosa, que favorecesse um matrimônio um tanto nobre, o que leva a concluir que sua situação física favoreceu a procura de um caminho que o ajustasse socialmente, mas com certa nobreza.

Repugnantes inicialmente, aos poucos os feitos dos santos foram identificados com os feitos da cavalaria, como por exemplo a história de São Domingos., de São Francisco de

Assis e de Santo Onofre, cada uma com suas peculiaridades. *Sua ambição achara então um objetivo novo: queria ingressar na turba dos grandes santos e, unido a eles, escudado com o burel e o cilício, combater pelo reino de Cristo*[4], reino esse muito maior que o império de Carlos V**,** daí jurar como fiel soldado sob o estandarte real de Cristo a renúncia aos esplendores deste mundo.

Foi nesse contexto que abandonou a casa paterna e saiu a percorrer mundo, agora na qualidade de *campeador de Deus*, como se fosse uma aventura da cavalaria. Montado numa mula que teria lhe indicado o caminho a seguir e essa direção foi Monteserrat, o lugar legendário do Castelo de Graal, local onde prestaria as homenagens tradicionais; alcançou em seguida Manresa, onde passou a viver como mendigo e praticar violência corporal até desfalecer, experiência que lhe valeu a proteção de uma respeitada dama local, a qual muito contribuiu de maneira vital para sua convalescência.

E foi lá em Manresa que tivera as estranhas iluminações e visões que envolviam Deus, a Virgem e Cristo, mescladas de insegurança e remorsos pela vida passada, dadas as torturas de consciência que por pouco não o levaram ao suicídio, e durante as quais teria percebido importantes sinais e indicações de Deus que culminaram na atração de visitar a cidade santa de Jerusalém, numa época em que já não apresentava mais atrativo político algum, uma vez que as cruzadas ficaram um tanto para trás. No entretanto, Inácio pretendia libertar os lugares santos da dominação do *falso profeta***,** com as simples armas da humildade, meios tão românticos, quanto estranhos.

Desde a sua estada em Barcelona até alcançar Roma, juntara ao redor de si um círculo de discípulas despertadas pelo aspecto um tanto estranhos dos trajes do peregrino e mendigo um tanto miserável, mas atraídas pelos seus modos aristocráticos e com as quais Inácio travava longas e edificantes conversas e recebia seu parco sustento, quando não esmolava pelas ruas e dividia o fruto de suas esmolas com outros mendigos.

Da Itália a Veneza e daí para Jerusalém, não foi diferente. Até obter um passaporte do Papa para a Terra Santa, foi obrigado a vencer uma série de dificuldades e, tanto impressionou que recebeu todo tipo de auxílio até chegar ao seu destino e com ele a decepção, uma vez que havia taxação de transportes para todos os lugares a serem visitados, como guias e regras de visitação[5]. Cumpre observar que as visitas a Jerusalém tinham apenas o caráter de alcançar graças e indulgências.

---

[4] MILLER: p. 63

1.2 **Os pilares da Companhia de Jesus: o voto de Montmartre e os Exercícios Espirituais**

1.2.1 **O voto de Montmartre**

Sem esperanças de poder permanecer Cidade Santa, seguiu para Alcalá (Espanha), com intenções de freqüentar a Universidade, mas em vez de levar a sério seus estudos, empregava a maior parte de seu tempo em angariar discípulos, para os quais passaria sua experiência, o que acabou por despertar uma certa veneração em mulheres da elite e do povo, as quais tentou catequizar, através da indução e cujos resultados não se pode afirmar se foram tão benéficos a elas[6].

Dessa época encontram-se os primeiros homens que praticaram os Exercícios Espirituais, além da suspeita das autoridades por se assemelharem aos *alumbrados*[7]. Mas esses companheiros não o seguiram a Salamanca e nem a Paris, onde se tornou rapidamente uma figura conhecida, tanto no Colégio Montaigu, como no de Santa Bárbara. Dividia quartos com os futuros companheiros, entre eles, Faber e Xavier, logo cooptados por Loyola e, posteriormente Lainez, Salmerón, Rodrigues e Bobadilla, quase todos de origem fidalga, um tanto fanáticos inicialmente quanto à prática dos Exercícios Espirituais e ainda apegados à idéia de viajar para a Terra Santa.

E, vale a pena registrar a forma peculiar como Inácio conquistou seus companheiros iniciais: Pedro Faber, de origem camponesa, foi atraído pelo dinheiro, dada dificuldade para se manter em Paris; Francisco Xavier, embora possuísse recursos, estes eram sempre insuficientes, dada a vida desregrada. Amante de noitadas e disputas de esgrima e salto, sonhava com uma rica consorte em Navarra de cuja insegurança foi aproveitada por Inácio, muito embora tenha sido mais trabalhosa sua conversão; Rodrigues possuía uma natureza propensa ao misticismo religioso; Bobadilha era um fidalgo arruinado e ansiava por socorro moral; Lainez e Salmerón já tinham ouvido a respeito de Inácio, desde Alcalá, acabaram se entendendo muito bem.

---

5 id.: p.79-81)
6 ibid. p. 85
7 Seita de místicos espanhóis vulneráveis à Inquisição.

A pequena hoste que se agrupara em torno de Iñigo, pode tê-lo feito compreender as dificuldades que enfrentariam dali em diante, ao mesmo tempo que era o momento de distribuir as tarefas aos seus primeiros discípulos, o que teria ocorrido no dia da Ascensão de 1534 e comungar o sonho da conquista de Jerusalém. Mesmo sabedores da situação da Terra Santa, se prostraram de joelhos na capela da Virgem Maria, em Montmartre, fizeram os votos de castidade e pobreza e juraram partir oportunamente. E, caso não fosse possível a viagem, Inácio já arquitetara um segundo plano, cuja atitude reflete o cego entusiasmo e a uma certa previsão pessimista de dificuldades futuras.

Embora o papa Paulo III tivesse abençoado o grupo, este haveria de aguardar o final dos preparativos, ocasião em que explodiu a guerra contra os turcos, interrompendo assim e para sempre o sonho de Loyola e de seus companheiros. E, para não haver perda de tempo, procuraram oferecer seus serviços ao Papa, em 1537, justamente no momento em que o pontífice estava mais interessado em questões ligadas à política mundial mas, necessitava de mestres para a Universidade de Roma, o que levou-o a contratar Lainez e Faber, após breve debate.

Na Itália, poder-se-ia observar que o grupo loyolano, desde o início procurou se rivalizar com os teatinos[8], os discípulos de Inácio passaram a prestar ajuda aos doentes e assistir pobres, morimbundos, prisioneiros, enfim dar provas concretas de sua abnegação e ao praticar atos de heroísmo patético em relação aos doentes contagiosos nos hospitais, sem falar das terríveis mortificações, jejuns e mendicância a que se submetiam, o que insinua que a invenção de certos meios práticos para combater as desgraças de seu tempo, representava uma transformação decisiva na sua maneira de pensar.

É dessa época o florescimento das artes, das formas de vida um tanto refinadas e profanas que se contrapunham ao desamparo das vítimas da pobreza extrema de grupos atingidos pela peste negra e pela lepra, perecerem aos milhares, sem que ninguém desse falta sequer de algum deles, vítimas do esquecimento das autoridades.

Foi nesse contexto de 1538 que os futuros discípulos de Jesus iniciaram sua obra social, ao acudir tais vítimas. Através de coletas um tanto organizadas, alimentaram, vestiram e acomodaram essa gente. Mas, com o tempo, Inácio percebeu que essas ações eram insuficientes e que só uma organização formal traria chances de findar ou minimizar tais problemas sociais, incluindo a prostituição que arrastava muitas vítimas às doenças venéreas, entre as camadas sociais mais humildes, tornando-as vítimas de exclusão social

(considerar que nos meios elitistas tal situação era um tanto camuflada), mas que trouxe uma certa preocupação às autoridades oficiais e civis.

O fato de raramente agirem contra a política oficial, possuíam uma tendência em fazê-lo em consonância com a política e expectativas de outros reformadores ou autoridades civis e, diante dessa forma de atuar, viram na prostituição era um dos males que mais preocupava as autoridades oficial e civil, levando-os a se empenharem na salvação dessas mulheres vítimas de alcoviteiras, principalmente as casadas.

Inácio fundara a Casa de Marta em 1543, para a recuperação de mulheres recaídas às quais era direcionada a pregação e *essa atenção havia sido comum em vários lugares da Europa desde há algum tempo, fazendo surgir várias entidades para abrigar tais vítimas, curiosamente sob a proteção de Maria Madalena e ás quais era imposta uma vida de penitência e clausura um tanto severa***.** Onde a prostituição era severamente vigiada, executavam todo tipo de trabalho e só recebiam permissão para deixar a casa com o firme propósito de seguir uma vida correta. Esses procedimentos atraíram a atenção, apoio e respeito de pessoas de todos os círculos sociais.

Esse tempo foi caracterizado por uma série de prédicas, atividade que marcou um tanto a Ordem futuramente, haja visto que atingiu a população, chamou a atenção de Loyola (justamente numa época de descrédito do clero e dos mosteiros (com exceção dos frades mendicantes, dos franciscanos, dos dominicanos e dos agostinianos),por sua conduta imoral e perniciosa, a qual contribuía para aumentar a ignorância das coisas de religião e de Deus portanto, a perda da influência sobre o povo e uma ameaça ao um retorno do paganismo.

Vira ainda na confissão (meio considerado mais eficaz para a purificação), seguida de um exame de consciência, a forma de controlar os violadores das leis da Igreja e para os quais confessor seria o juiz, investido de poder de ligar e desligar; de proporcionar ao penitente conselhos dos mais diversos ou admoestações, dependendo dos seus pecados, atividade que teria proporcionado a Inácio a consciência de que, além do poderio sobre as almas, era necessário exercer o domínio sobre a consciência da elite dominante, como por exemplo os governantes, ocasião em que teria início o papel político dos membros da Ordem.

Os inacianos captaram rapidamente a relevância da prédica expressiva, da encenação de curas milagrosas (primeiro nas ruas e nas igrejas mais famosas) e depois se dedicaram a pregar a confissão, sempre considerada um dos meios mais eficazes de

---

[8] Ordem religiosa recém-fundada, em evidência e com ideal reformista, seguidores de princípios austeros e

purificação, pois quanto maior o número de confessados, maior o controle das almas. Teria iniciado essa atividade inicialmente atingindo membros de classes mais desprivilegiadas e depois membros da elite reinante, à qual cabia tomar decisões, instante em que teria início o papel político desempenhado pelos jesuítas. E daí foi uma passo fundamental para que Inácio se auto-convencesse da missão histórica da sociedade por ele fundada.

Nesse momento a Igreja não estava preparada para as tarefas tão urgentes que o tempo requeria, o que nos leva a crer que as propostas dos inacianos eram um tanto modernas, para não dizer revolucionárias: um extenso corpo de voluntários dispostos a ir onde a luta os levasse, de forma rápida e eficiente para os interesses vitais da própria Igreja, ameaçada, seja pela ineficiência da Santa Sé, pela licenciosidade do clero ou pela ameaça dos ideais da Reforma, levarão o papa Paulo III a tomar medidas no sentido de preservar territórios católicos das influências reformistas ou impedir que os territórios recém descobertos por católicos se abrissem para o protestantismo.

E em relação a heresias, a situação era diferente, a perseguição era implacável, tanto é que as mesmas eram punidas com excesso de rigor e Paulo III dera início a uma nova inquisição a fim de eliminar a heresia de Roma, ao indicar John Peter Carafa e a vários cardeais que investigassem os que haviam se desviado do bom caminho.

Esse grupo de homens carregados de religiosidade, treinados e dedicados, prontos para atacar de frente quaisquer problemas que o Papa tivesse que confrontar, em qualquer lugar e a qualquer hora, era o diferencial do destemido e diminuto pelotão de Cristo.

Resta saber se a Igreja não teria usado a nascente Ordem visando interesses próprios.

1.2.2 - Os Exercícios Espirituais: Ascetismo corporal e disciplina da vontade

A marcha cumprida por Inácio e o suplício que ele mesmo se impusera até o momento em que a Ordem fora aprovada pelo Papa, em 1640, são aspectos que não se pode desprezar, quando se trata de buscar entendimento, para a questão em pauta, além da disposição em abandonar a vida cortesã e construir uma outra que acreditava ser ainda mais útil e, em certos aspectos até superior ou mesmo gloriosa, em relação à anterior. A isso,

---

dedicada à assistência nos hospitais.

acresce todo o trabalho perseverante e dedicado na organização e administração da Instituição.

A forma com que vários autores se referem a Loyola e sobre seus escritos, revelam sua versatilidade, disposição, paciência peculiar diante das adversidades, espírito um tanto forte e determinado e um ser convencido do papel que acreditava *desempenhar para a maior glória de Deus* (próprio de místicos e de líderes religiosos, como Cristo, Maomé, Francisco de Assis e outros) e, mesmo que não se tratasse de um gênio, projetou uma organização deveras essencial para os destinos da Igreja e do mundo da época e, cuja repercussão, positiva ou negativa, ainda permanecem sensíveis na atualidade.

E desde cedo, perceberam que a regra principal era não medir esforços para alcançar os objetivos propostos e, para isso, ele e sua equipe tiveram que se adaptar às situações e tempos dos mais diversos.

Percebe-se que atribuíam algo de divino a Inácio e em tudo que se relacionava a ele e a frase *todas as vezes que eu quiser poderei encontrar Deus... como se treina o corpo, pode-se preparar a vontade por meio de exercícios, a fim de que ela encontre a vontade divina*[9], pode-se dizer que era uma das essências do conteúdo das regras inacianas, explicadas pelo jesuíta Francisco Suárez*: a santidade consiste na transferência da nossa vontade na vontade de Deus*[10], foram um tanto providenciais e construídas através do tempo.

E, para Loyola, não resta dúvida que a perfeição seria atingida através da prática dos Exercícios Espirituais e que a necessidade de autodomínio deveria ser imprescindível, além de ser primordial recorrer à imaginação; aguçar ao extremo a capacidade de diferenciação entre atos morais e imorais, detalhe deveras relevante quando se trata de buscar a perfeição, principalmente numa época em que o homem encontrava-se entre o bem e o mal, o imoral e o moral, entre Cristo e Satã e com remotas possibilidades de escolher o caminho correto e que o Inferno era o personagem principal da pintura, dos objetos de adorno, das pregações, dos tratados, das cartilhas, dos breviários e até das obras científicas e que acabou por contribuir para a formulação e proliferação dos mesmos.

Inicialmente o indivíduo deve experimentar com todos os sentidos as dores escaldantes do inferno e as delícias inefáveis do céu, para poder avaliar a diferença entre o bem e o mal, imagens através das quais Inácio pretendia ajudar o homem a encontrar o caminho da perfeição; depois ouvir com o ouvido da imaginação o pranto, os gemidos, os gritos, as blasfêmias contra Nosso Senhor Jesus Cristo e contra todos os seus santos. Num

---

[9] MILER, op. cit, p. 22.
[10] Id. p. 23.

terceiro momento, o exercitante tem que sentir com o olfato da imaginação a fumaça, o enxofre, o odor do inferno, para degustar com o paladar da imaginação as coisas amargas, as lágrimas, a tristeza; nenhum sentimento diferente, por mais nobre que seja, deve atrapalhar a marcha prescrita, os exercícios ainda ensinam como criar o estado de alma adequado e, por último em apalpar, com o tato da imaginação, a intensidade com que esse ardor envolve as almas e as queima[11].

Esse seria o inferno em todos os sentidos e após experimentá-lo, sentirá um medo pavoroso diante do julgamento. Aliás esse temor já se encontrava presente nos discursos dos teólogos medievais, mas que ainda permanecia no século XVI, ocasião em que *o memento mori* penetrava na consciência dos homens, seja através da arte, objetos de adorno, nos púlpitos, nos tratados de *ars bene moriendi***,** os livros das horas, cartilhas e breviários, entre outras, todos aproveitadas por Inácio de maneira sistemática e, intencionalmente ou não, provocava um certo efeito psicológico e, com certeza incorporaram na transformação espiritual do homem e *os primeiros editores dos exercícios Espirituais declarar em: Essa obra não é destinada àqueles que apenas querem ler, mas aos que querem agir***,** segundo Miller [12]**.**

Assim que os jesuítas começaram sua ação, seus adversários protestantes teriam visto nos Exercícios uma obra diabólica**,** uma vez

> *...que obtinham em ocasiões e aposentos espectadores igualmente especiais, fruto de feitiçaria; que incitam pessoas a práticas um tanto estranhas, segundo testemunhas dignas de fé, as vítimas são embriagadas por vapores e outros meios, afim de que elas julguem ver o demônio em carne e osso, mugem igualzinho ao boi, têm que abjurar a Cristo e servir o Diabo (ibid.,p.34)*

Identificado como um *livro fatídico da humanidade***,** os Exercícios, ainda pode ser comparados ao simples *livrinho* aparentemente insignificante de Inácio de Loyola, por atingir o seio da Igreja Católica, um número considerável de padres seculares, príncipes da Igreja, sábios e leigos de diversas classes sociais, nos mais variados países europeus e, principalmente os próprios jesuítas.

Joana D'Austria, por exemplo, filha de Carlos V, teria pressionado tanto que Inácio teria permitido que a mesma entrasse para a Companhia e praticasse os fatídicos exercícios (fato que foi do conhecimento apenas de um grupo restrito), com a esperança que ela provesse a Ordem, o que não deixou de causar sobressaltos em Inácio, segundo

[11] Ibid, p. 24
[12] MILLER, op. cit, p.28

O'MALLEY[13]; teria também atingido os protestantes, com a ressalva de que estes geralmente seguiam na íntegra até a primeira semana, por abominarem a confissão (id. p.66); atingiram a rainha Catarina de Portugal, em 1554 e Mem de Sá aderiu a eles por uma semana, por orientação de Manuel da Nóbrega[14] e, segundo afirmações de Miller, até Benjamin Franklin teria praticado essas regras espirituais[15].

Curiosamente, o livro teria criado a instituição do retiro e teria influenciado muito os primeiros jesuítas; por recomendavam práticas individuais, com a peculiaridade de que era necessário um orientador, o que sugere muita originalidade nas atitudes da recém-criada Instituição .

A tudo isso, acrescenta-se o fato de se dedicar à leitura da vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo, prática medieval, com o diferencial de que Cristo vem, conversa com o exercitante e cobra dele um auxílio militar na guerra contra o anjo mau, enquanto que o Rei do bem (Cristo) fala aos fiéis que suas intenções devem ser direcionadas à conquista da verdadeira fé em todo o país dos pagãos, com o auxílio dos súditos, identificados como inacianos.

Tratava-se de um recurso interior para motivar o indivíduo a realizar a missão que lhe cabia e sua prática duraria quatro semanas e, cujo discurso é desprovido *de certa graça literária***,** de difícil compreensão, acudia aquele que procurava ajuda, não só para defender a hoste cristã, mas *para se fazer uma escolha decisiva acerca do futuro, por exemplo casar, escolher uma profissão ou viver num estio marcadamente diferente***,** afirma O'Malley.

A resposta se traduzia num *juramento de fidelidade*, uma vez que os demônios eram tão numerosos quanto perigosos. Tratava-se de uma mobilidade que foi própria dos inacianos e que não bastava apenas praticar os Exercícios, era necessário seguir regras e regras para se criar ou alcançar o estado de alma adequado para cada ocasião, sempre primado pela obediência absoluta e sem que houvesse dúvida alguma interior e convencidos de que o estandarte de Cristo estaria estacionado em Jerusalém e o de Satanás, na Babilônia, prontos para encetar a batalha final, com a diferença que Cristo escolhe seus soldados e os envia às mais diversas partes, a fim *de que propaguem a sua sagrada doutrina entre todos os homens*, uma vez que a glória de Deus pode ser aumentada pela cooperação dos homens. Apenas para ilustrar, os Exercícios loyolanos em pouco tempo, atingiram vários membros das camadas

---

[13] O'MALLEY, op. cit, p.122
[14] id. p.205
[15] op.cit.p.33

dominantes, inclusive no seio da própria Igreja e mesmo após a supressão da Companhia de Jesus, sua prática teria continuado, embora tenham sofridas alterações no decorrer do tempo.

Além do exposto, o que também teria contribuído para despertar a curiosidade, tolerância e a credibilidade do grupo inicial foi a sua origem nobre; o porte de diplomas parisienses; o fato de ignorarem ou até desprezarem o conforto e os progressos pessoais, meios um tanto eficazes para conquistar a elite dominante da época, ansiosa por ordem e estabilidade, nos mais diversos países, uma vez que acreditava nos mesmos valores. E, ao exercerem influência na classe dominante, além de obter seu apoio, caminharam de encontro com o conteúdo das Constituições, cujo *maior bem era alcançado ao influenciar aqueles em posição de exercer influência sobre outros.*

De acordo com O'Malley[16], os inacianos *determinaram que para qualquer pessoa que perguntasse quem eram eles seria respondido que eram da Companhia de Jesus, visto que não tinham outro superior senão Jesus***.** E, na Itália da época o termo ou expressão companhia era identificado com uma associação, estava em moda e designava uma série de irmandades religiosas. Tudo leva a crer que ainda não estavam prontos para se identificar como membros de alguma ordem.

Outras táticas também foram empregadas para alcançar o sucesso, efetivamente, era o fato de que o ministério jesuíta ser direcionado *a pobres excluídos, pagãos, muçulmanos, hereges ou católicos desgarrados*; o descarte ao trabalho nas paróquias era justificado por contrariar os votos de pobreza e inibir a mobilidade; não ir ao encontro de pessoas boas e felizes, por julgarem que não se podia fazer nada por elas; ao ouvir confissões femininas era comum solicitarem seus serviços para tarefas mais ou menos relevantes, como o encaminhamento de outras ovelhas desagarradas, enquanto que os homens eram conduzidos à prática dos Exercícios Espirituais e à meditação.

Assim, passo a passo foram construídos os pilares da ordem, cujos valores e influência foram sentidos por séculos no mundo ocidental (embora a Companhia de Jesus tenha durado dois séculos) e de forma diferenciada das demais ordens da época, no que diz respeito à cultura e o funcionamento da sociedade.

É certo que Loyola transferiu para a Ordem a subordinação militar, não que tivesse adotado apenas a disciplina soldadesca, mas existiam traços dessa instituição que eram perceptíveis na sua organização; uma hierarquia análoga entre exército e Igreja , onde a identificação com o chefe, ocorre através de uma união de sentimentos e de objetivos, o que

---

[16] id, p.59-60

pode ser observado no relacionamento entre Inácio e os primeiros jesuítas, observado por Miller[17].

Os primeiros jesuítas acreditavam que a Companhia era de *inspiração divina* e, tal como Cristo, ao indivíduo cabia imbuir-se da pobreza material, para alcançar a perfeição; seguir rigorosamente os passos de Inácio, como os apóstolos seguiam Jesus - os apóstolos de Cristo identificados com os apóstolos de Loyola[18], tanto que em Portugal eram identificados por apóstolos; na Espanha, por Inacianos, de um lado e termos um tanto zombeteiros, de outro.

Havia uma tendência a empregá-los de acordo com o seu talento, sobretudo na primeira e segunda geração (com a ressalva que Inácio era o espelho do jesuíta ortodoxo), o que deixa algumas dúvidas, se levarmos em conta a opinião de O'Malley: nem todas as comunidades jesuítas funcionavam bem: muitos eram ineptos, outros de saúde frágil ou debilitados psicologicamente.

Essa hierarquia vinha da aceitação da lógica aristotélica aceita pela escolástica medieval e sua fusão, pode-se dizer, com o mundo ideológico que o Cristianismo adotou atrelado a um sistema cósmico um tanto original, mas hierarquicamente graduado e que no jesuitismo acabou por se manter além da Idade Média.

Mas não se tratava apenas disso: era imperativo ainda que a organização administrativa fosse bem elaborada; que seus membros recebessem uma formação adequada, para não dizer primorosa, ao menos para a época; uma independência que os levasse a tomar rápidas decisões, uma vez que os jesuítas eram forçados a agir por iniciativa própria em várias ocasiões, dadas as dificuldades de se comunicar diretamente com a direção da Ordem e que desempenhassem serviços de acordo com suas aptidões.

O jesuíta se caracterizou por pregar entre o livre arbítrio, força aliás um tanto santificadora e a obediência incondicional, através dos quatro singulares votos (de pobreza, castidade e obediência e de obediência particular ao Sumo Pontífice, e que no sermão de Santo Inácio, pregado no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, 1669, Vieira afirma que seria eqüivalente às quatro partes do mundo, por onde iria viver ou morrer qualquer membro da Ordem, desde que o fizesse a serviço de Deus e salvação das almas),além do dever de resistir às exterioridades, isto é, não permitir que o que venha de fora o domine, enfim, uma obediência cega, absoluta, identificada pela perfeição e sabedoria[19].

---

[17]Ibid, op .cit, p. 98
[18] O'MALLEY, op. cit, 107-110
[19] MILLER, op. cit, p.35

Todavia, no referido sermão, Vieira vai muito mais longe nesse panegírico ao fundador da Ordem, possivelmente com intuito de despertar vocações: *Tinha rosto de homem, de águia, de leão, de boi, de homem, pelo trato familiar com os próximos; de águia, pela ciência com que ensinam e escrevem leão, pela fortaleza com que ensinam aos inimigos da Fé, de sacrifício (...), um homem abrasado em fogo (p.426).*

Descreve um Inácio semelhante todos os santos, visto que de cada um tomou uma qualidade para seguir ou espelhou-se em uma qualidade de cada um, *mas entre todos os santos semelhante,* cujo nome era para espantar o Demônio que nem os Anjos resistira, e cuja espada é semelhante à de David.

Ainda entre as singularidades de Santo Inácio é a de ser o *braço direito da Igreja, com que os pontífices defendem,* segundo a confirmação de Clemente VIII; destaca a qualidade do ensino ministrado nos colégios da Companhia e que o de Santo Antão formara os mais doutos portugueses, embora não seja o mais procurado pelos seus descendentes.

No entanto, os jesuítas foram os únicos que procuraram fundir os resultados das investigações científicas com o pensamento católico escolástico, modelar desde o início toda a vida da humanidade e introduzir um equilíbrio entre a herança da Idade Média e o espírito da época moderna, para que o indivíduo não entrasse em contradição com as exigências da Igreja.

No outro extremo, encontravam-se os protestantes a utilizarem mais da cultura clássica, com intenções de atacarem o catolicismo, criticarem a Bíblia e a história da Igreja, fundaram uma série de escolas onde se educaria a juventude no espírito humanista e evangélico.

A literatura produzida a respeito da história da Ordem é um tanto esclarecedora quanto à rapidez com que seus membros alcançaram rapidamente cargos de confessores nas mais diversas cortes européias; trabalharam como pregadores nos lugares mais remotos; foram perseguidos politicamente, daí se tornar necessário o uso de disfarces, o que levou-os a provar talentos, habilidades, conhecimento de mundo e até de astúcia e, *tudo para a maior glória de Deus.* E é certo que esses valores teriam sido passados aos jesuítas já na primeira geração, o que não significa dizer que todos, indistintamente se imbuíram desse espírito, embora houvesse casos refratários.

O fato de Inácio pertencer a um estamento nobre, receber uma formação aprimorada para a época, adotar atitudes comedidas e optar por uma vida simples e com toques místicos, acabou por atrair elementos de estamentos privilegiados economicamente e influentes politicamente, fossem do sexo feminino ou masculino.

O'Malley[20] coloca essa questão em dúvida, ao avaliar que, ao mesmo tempo que exerciam tão forte atração e apoio da elite dominante, o que ia de encontro com o conteúdo das Constituições, não previram o compromisso de tais alianças e ao ligar-se a alguém poderoso, os tornava suspeitos para outros. Inclusive entre os próprios irmãos da Ordem havia suspeitos, como por exemplo em relação aos favores recebidos, a adaptação relativamente fácil à vida cortesã, a exemplo de Antônio Vieira.

1.3 A Companhia de Jesus em Portugal

É sabido que sua influência em Portugal vem da época da reforma do ensino ocasião em que os jesuítas receberam a direção do Colégio das Artes, no reinado de D. João III, coincidentemente com a aceitação das normas tridentinas no país. Todavia, Gouveia afirma que essas normas foram difundidas de forma deveras lenta em Portugal, uma vez que sua aplicação dependia do interesse do bispo local e o clero regular não possuía formação adequada para discernir sobre a necessidade de observá-las com mais ou menos rigor, embora coubesse aos bispos *preservar a ortodoxia e, com ela, o respeito pelas autoridades, que definem e lutam para manter a verdade*[21].

É certo que Portugal não comungou com as mesmas realidade de outros países europeus, no que diz respeito à educação, particularmente em relação ao ensino universitário, o que colaborou para que a cultura fosse vista como arcaica e medieval, comparada ao restante da Europa ocidental.

Os reis portugueses até meados do século XIII dedicaram-se mais à conquista/reconquista territorial e Afonso Henriques acabou se comprometendo com a Ordem de Cister à qual entregou boa parte de territórios fronteiriços e à Ordem dos Templários que se encarregara da defesa e povoamento de outra região e ao chegar à independência se escorou na Santa Sé, para fugir à suserania do Reino de Leão, o que teria influenciado ou até convencido os papas a julgarem *de direito e de fato* suseranos dos reis

---

id, id, p. 117

[21] MATTOSO, Vol. V, 1994, p.291

portugueses, implicando no recebimento de tenças[22], as quais deveriam ser pagas pontualmente[23].

Com isso, o clero se encontrava numa posição privilegiada, inclusive acima das leis que governavam o pequeno país, o que levou vários soberanos que reinaram após D. Afonso Henriques se envolverem em várias disputas, inclusive através de rebeliões aramadas, contra bispos e arcebispos, advindas de litígios pelo direito de entrada do comércio pelo rio Douro, enquanto que a nobreza tem sua base econômica nos soldos que o rei lhe gaga em troca do serviço militar e, aliada ao clero, impedia as tentativas do rei ara limitar a extensão dos domínios senhoriais.

Embora as escolas episcopais sejam datadas do século XIII, convêm ressaltar que o analfabetismo grassava té entre a maior parte do clero, o que teria levado o reino a se movimentar para criar escola para leigos, época em que várias universidade européias já haviam feito história. Consta portanto que até final do século XV, a base do ensino era a gramática, embora as escolas tivessem adotado o programa das sete arte liberais.

O movimento universitário, igualmente tardio, foi do reinado de D. Dinis, e quando fica muito claro o fato da universidade ficar sob dependência do rei, o qual lhe dava regimentos, pagava a universidade, ao menos parcialmente, através das rendas de igrejas do padroado, muitas vezes escolhia os mestres e dele dependia o conservador, dependência que se acentuou à medida que fortaleceu a centralização política, como por exemplo no reinado de D. João III e, nela não se ensinava teologia, com receio de proliferação de heresias. Foi, portanto, uma iniciativa do Estado (o que não ocorreu nos demais países europeus, além da península Ibérica). E, desde o século XIV, no reinado de D. Fernando e Afonso, o Sábio, vários intelectuais portugueses recebiam instrução em universidades estrangeiras, situação que permaneceu até o século XVI.

O Portugal conhecido como moderno possuía características singulares. Como por exemplo, um passado católico a serviço de Deus; uma monarquia absoluta; uma burguesia em ascensão; recebeu o humanismo desde o século anterior, mas se prendeu ao aspecto épico cruzadista e um ultramar mais cobiçado da época e, ao adentrar o século XVI, seu império colonial deu mostras de sua expansão e controle das rotas comerciais e monopólio de produtos asiáticos dos mais diversos, tornando o Tejo um dos rios mais movimentados do

---

[22] Pensão periódica, ordinariamente em dinheiro, que alguém recebe do Estado, ou de particular, para seu sustento.
[23] SARAIVA, p. 33-34

mundo, o que refletiu no brilho da Corte e, por sua vez, pôde incrementar a vida artística, científica, intelectual e marítima.

A abertura humanística que prometia mudar os rumos da educação, a reforma da universidade, a defesa dos territórios ultramarinos e a forma como procurou levar a Fé nessas regiões ocorrera, ao mesmo tempo, assim como o investimento naval, a publicação de obras consideradas relevantes e o envio de bolseiros para várias universidades do exterior, o que teria facilitado o contato com as idéias erasmianas, um tanto prestigiado na época e o seu caráter humanista-histórico-filosófico que se contrapunha aos esquemas e processos da Escolástica com as aspirações de um cristianismo espiritual, ético e evangélico[24].

Mas, é certo que o sábio de Roterdã angariou vários adeptos, ao quais se deixaram influenciar parcialmente por seu pensamento, como por exemplo João de Barros, Damião de Góis e André de Resende, embora ainda lhes trouxessem envolvimentos com o Índex e que a geração dos anos de 15, 20 e 40 do século XVI, que preconizava a transição em relação à mentalidade portuguesa, não ultrapassou a metade desse século.

Aqueles que defendiam posições mais avançadas, admitiam que a produção intelectual diminuíra em qualidade e em quantidade, enquanto que os contrários às mudanças, afirmavam que justamente nessa época que tal produção aumentara, baseando-se no número de obras editadas, sem levar em consideração que muitos produções eram editadas na França e Países Baixos.

E, apenas para ilustrar o que foi dito acima, a lista de livros proibidos de autoria do padre Baltazar Álvares, oficializada em 1624, na prática, vigorava desde 1597 e não admitia sequer a existência de livros em inglês, alemão ou flamengo, em Portugal, sobretudo em Lisboa, por ser um porto internacional visitado por europeus oriundos dos mais diversos países, portanto, abertos às influências *heréticas e* que qualquer obra influenciada pelos letrados de Coimbra, ligados ao futuro grupo reformador bordalês, não obtinha licença do tribunal do santo Oficio, para ser publicada.

O próprio renascimento português não passou da obra de Camões e de Gil Vicente, por não resistir na segunda metade do século XVI e não encontrou correspondência e levou sua elite literária a se manter fechada às influências externas, como *a flutuar entre o povo ignaro, que nada tinha para lhes dizer, e o poder político autoconvencido, que nada lhes queria dizer*[25].

---

[24] MENDES, In: Mattoso, v. 4, p. 381
[25] SANTOS, 2000, p.54

É no governo de D. João III a ida de membros da Ordem para Portugal, a qual ocorreu diante da indicação do Dr. Diogo de Gouveia, o Velho e reitor do Colégio de Santa Bárbara em Paris (ligado à teologia tradicional e visto por conservador e para onde iam os bolseiros a mando do Rei, em contraposição ao Colégio de Guyènne, de Bordéus, de idéias renovadoras e onde o principal era André de Gouveia, o sobrinho), em carta ao soberano, afirmara que os jesuítas poderiam ser usados na conversão das terras descobertas pelos portugueses, antes mesmo da Companhia de Jesus ser reconhecida pelo Papa[26], o que aconteceu em 1540, através da Bula Regimini Militantes Eclesiae. E, no mesmo ano lá estavam eles a com suas primeiras pregações, a chamarem a atenção de um público considerável.

O ensino ministrado no Colégio referido acima deveria ser reconhecido pela qualidade que propiciava a uma formação almejada por muitos conservadores, com certeza, o que pode ser ilustrado pelo comentário de Etienne Gilson:

> ***A ciência das escolas de Paris é na Santa Igreja como a árvore da vida no paraíso terrestre e como a lâmpada resplandecente na casa do senhor. Como uma mãe fecunda de erudição, ela faz jorrar abundantemente das fontes da doutrina da salvação os rios que vão regar a face estéril da Terra, ela alegra em toda a parte a cidade de Deus e subdivide as águas da ciência, que faz correr pela praça pública para refrescar as almas sedentas de justiça***. *(La philosophie du Moyen Âge, 1930,p.135)*

É nesse contexto que ocorre a reforma do ensino em Portugal, não se esquecendo que a Universidade seja da época medieval. Em 1555, já se encontravam dirigindo o Colégio das Artes inaugurado solenemente em 1548, com professores portugueses e franceses), em Coimbra, segundo o modelo do de Santa Bárbara de Paris, mais conservador e onde os estudantes se preparavam antes de ingressar na Universidade. E, pode-se dizer que foi um passo relevante para a educação em Portugal, embora a rivalidade entre jesuítas e professores da Universidade fosse patente e em 1565, os professores da Universidade de Coimbra juraram acatar as decisões tridentinas explicitando claramente que teriam o poder no campo das idéias e fosse vigiado pela Inquisição.

Rapidamente atingiram Évora e Lisboa, ocasião em que vários professores foram demitidos ou encarcerados, por serem julgados de tendências luteranas e os jesuítas

---

[26] Carta I, 1538; p.87.

pressionam sob o pretexto de colocar um fim aos escândalos do Colégio das Artes de Coimbra.

Consta que esse colégio teria apresentado uma série de falhas no rendimento escolar, uma vez que a Companhia não possuía número suficiente de professores e estes não encontravam-se devidamente habilitados, situação um tanto constrangedora para os jesuítas, devido às críticas contra eles e ao ensino que ministravam, em relação às classes mais avançadas, motivos que levaram Luís Gonçalves da Câmara a concluir que a ordem dos jesuítas não possuía credenciais para tal empresa.

Embora tudo indique que D. João III teria conhecimento do fato e que havia uma certa preferência dos estudantes pelo colégio dos frades e, por outro lado, os jesuítas possuíam uma disciplina férrea, eram dotados de certa segurança e acreditavam em melhoras num futuro bem próximo, aliado ao fato de terem o apoio da Corte, dadas as evidências das relações entre esse clero e a Família Real, o seu acentuado tato, perseverança e poder de insinuação, acabaram por angariar confiança da sociedade. E é fato consumado que influenciaram na formação de muitos nobres da Corte, desde a mais tenra infância, o que é confirmado pela educação de D. Sebastião e D. Teodósio.

Também como confessores atuaram na Corte, a exemplo de Simão Rodrigues que se tornara confessor de D. João III, tenha residido na Corte e atuado como Provincial, embora na segunda Congregação Geral, de 1565, ficou determinado que os jesuítas não deveriam se comprometer com soberanos e outros grandes do reino, fossem leigos ou clérigos, caso fosse necessário viver na Corte.

É bem possível que tal decisão não tenha vingado, uma vez que no reinado de D. João IV, Antônio Vieira, também se tornara seu confessor, sem mencionar que uma série de outros jesuítas encontraram espaço em outras cortes européias, no decorrer desse período.

O êxito dos filhos de Loyola teve início por Évora, cidade tradicionalmente tida por culta e onde a Corte se reuniu por várias vezes e em cujo colégio, o humanista André de Resende fora impedido de ministrar aulas de latim e que no reinado de D. Henrique, já funcionava com isenções e privilégios. Esse soberano até solicitou mas, em vão ao papa uma Universidade, onde seriam ensinadas as mais diversas ciências, menos Medicina, Direito Civil e parte do Direito Canônico, sendo a Teologia o carro-chefe da Instituição.

Cumpre esclarecer que essas instituições loyolanas possuíam normas um tanto rígidas, restritas e preconceituosas: além do exame público de suficiência, não se aceitava qualquer portador de doenças contagiosas e nem descendentes de pais que as teriam; não recebiam procedentes de judeus e mouros ou condenados pela Inquisição. E essas tendências

também encontravam presentes nos colégios do ultramar, exemplo que pode ser observado nos regulamentos dos colégios e do Seminário de Belém, com a diferença que este último era um internato e preparava os alunos para todas as carreiras. Serafim Leite[27], nos afirma que o Colégio não aceitava gente nascida na cidade; tinha que ter boa índole, comprovada nobreza até terceiro grau; desde que não fossem judeus, índios, negros, mulatos ou mestiços. E esses últimos tipos eram o que não faltavam no Brasil.

Tais colégios eram geralmente fundados em situações estratégicas, para que pudessem levantar barreiras contra a invasão do calvinismo, segundo Rogier; Knowles[28], além da preferência por lugares em que não havia outra instituição de ensino, uma forma de não enfrentar competidores, tática deveras racional.

É certo que a Instituição se consolidou no longo governo de trinta e três anos de D. João III, visto por conservadores como responsável pela defesa do territórios imperiais e da integridade religiosa da Nação; a dilatação do império através da fé, uma forma de cumprir os deveres para com a Nação e para com Deus; procurara de várias formas restabelecer a autoridade portuguesa no Oriente (muitas vezes sem os resultados esperados); início da colonização do Brasil; a forte presença de autoridades religiosas portuguesas, principalmente jesuítas no Concílio Tridentino (o que lhes fez angariar experiências que com certeza lhes seriam um tanto úteis mais tarde); o estabelecimento da Inquisição no país e, consequentemente, a perseguição e condenação de muitos considerados hereges, judeus e cristãos-novos, ações essas um tanto condenáveis por aqueles que defendiam idéias mais avançadas.

O contexto da criação da Companhia de Jesus é o mesmo contexto da transição do feudalismo para o capitalismo (Antigo Regime), período um tanto conturbado vivido pelo homem europeu, o que tornara Loyola e seus companheiros iniciais em *guerreiros da fé*, prontos para defender o ideal cristão de salvar as almas do abandono espiritual e isso bastava para cumprir os ideais da Coroa Portuguesa, um tanto preocupada em salvar seus vastos domínios ultramarinos. Os jesuítas, ao agirem de forma pragmática junto aos fiéis na Europa, ao prestarem assistência nos hospitais e um tanto dispostos a combater os hereges, comprovaram sua virtudes através da pregação e prática dos Exercícios Espirituais, de forma a *colaborar fervorosamente* para edificação e união da cristandade[29].

---

[27] MATTOSO, v. V, p. 71.
[28] 1975, p. 69

[29] ASSUNÇÃO, 2004, p.90.

Desde os primórdios da nação portuguesa, percebemos uma certa heterogeneidade religiosa (basta conferir os primórdios da formação da Península Ibérica, o caldeamento de povos que aí se estabeleceram (celtas, iberos, ou lígures, gregos, fenícios, cartagineses, romanos, germânicos, árabes e normandos e suas vocações religiosas),por um lado positiva à consolidação do poder do rei, tanto na política, quanto na economia, por outro, acabou por criar divergências e disputas entre os vários segmentos da sociedade e criou situações embaraçosas que acabaram por balançar a própria monarquia, a qual sentiu a necessidade de criar instrumentos rígidos para controlar a sociedade, seja no aspecto comportamental ou em relação à unificação religiosa, os quais colaboraram na consolidação da centralização política da monarquia[30].

Exaltar a fé versus projetos colonizadores e exploradores identificaram-se com os anseios religiosos, o que levou D. João III também a apoiar material e financeiramente as despesas de religiosos e seus gastos de manutenção em Portugal e que a próxima dinastia, a de Avis, teria continuado com essa política (exceção feita ao breve governo de D. Afonso VI, quando os atritos entre Vieira e o rei chegaram a público).

Deve ser lembrado também que desde a época feudal a instituição do benefício[31] em favor de ordens religiosas já era um fato. E não foram apenas os monarcas os benfeitores da Ordem. Muitos particulares fizeram doações, tanto em dinheiro, como em espécie, a exemplo do açúcar, sobretudo quando esse produto alcançava um preço convidativo no mercado europeu. Segundo Dauril Alden, alguns pontífices devem ser lembrados por beneficiarem jesuítas, como Gregório XIII que permitiu a sua participação em negócios da seda no Japão *e uma subvenção de um milhão e seiscentos mil réis por vinte nos, auxílio aumentado por Sixto V, em 50%*[32].

Foi nas instituições de ensino portuguesas que se formou a grande maioria das centenas que vieram para o Brasil, onde os Colégios também foram responsáveis pela formação de outros tantos, entre eles, Antônio Vieira.

O direito de padroado[33] libertava a Igreja da justiça secular, através de uma série de concessões papais, como a bula Dum Diversas, 1452, de Nicolau V (1447-1455), permitia aos soberanos lusos direitos de adquirir domínios muçulmanos, além de bens públicos e

---

[30] id: ,p.90

[31] Em se tratando de cargo eclesiástico, o benefício, na Igreja Católica Apostólica Romana, refere-se àquele que anexa o uso ou fruição de um bem, de uma mercê.

[32] apud ASSUNÇÃO, p.105

[33] Em relação ao padroado, trata-se de um direto de adquirido por quem fundou ou dotou uma igreja ou o direito de conferir benefícios eclesiásticos. Para maiores informações, ver: ALMEIDA, Fortunato. História da Igreja em Portugal, vol. 1, p. 364-365 e HESPANHA, História de Portugal Moderno, 1995, p.42.

particulares e com a Bula Inter Coetera, 1446, assinada por Calixto III, esse direito permitia que o rei pudesse agir na esfera religiosa, com por exemplo ,administrar a Ordem de Cristo; indicar clérigos para as capelanias[34].

Essas deferências lhe permitiam *controlar uma rede de influência e um controle sensível sobre o espiritual e o temporal* e tecesse uma tal rede de influências, como defender os interesses da Igreja e ainda cobrar e recolher os dízimos, para tornar possível a administração dos bens da mesma, o que garantiria uma sobrevivência segura aos eclesiásticos, enquanto que os párocos recebiam rendas dos fiéis, de acordo com os costumes, para os gastos com o sustento e rituais do culto, fosse por contrato, testamento ou décima parte dos frutos.

Em 1455, a bula Romanus Pontifex, *previa excomunhão dos que furassem o monopólio ultramarino outorgado pelo Papa Nicolau V ao rei D. Afonso a ao infante D. Henrique*[35] e que a colonização foi uma extensão de toda essa influência de franciscanos, carmelitas, beneditinos e , principalmente jesuítas.

Como os membros da Companhia de Jesus não possuíam bens, e tinham a vantagem de serem ordenados sem posse de patrimônio pessoal ou pensão[36], a influência junto ao Rei seria uma alternativa para se alcançar privilégios temporais e os propósitos de conduzir toda a humanidade pelo caminho cristão.

Mas isso não era novidade naquele país, uma vez que desde a Idade Média, as ordens monásticas lá estabelecidas, vinham sendo favorecidas com doações de terras, como os beneditinos, os cistercienses, os capuchos, os tomaristas, os jerônimos, entre outros.

Assim que os primeiros jesuítas chegaram ao país, D. João III doou-lhes um mosteiro, antes controlado por agostinianos, em Coimbra, permutado por outro em Lisboa e que seria a primeira propriedade inaciana na Europa.

A forma e rapidez com que ergueram, trocaram ou tomaram terrenos na década de 1550, os levou a se envolver um tanto rápido com o Tribunal do Santo Ofício. E, a cada instituição que se erguia para abrigar inacianos, eram necessárias doações por parte da Coroa, sem falar da incorporação de propriedades que foram um tanto substanciosas e que teria levado Loyola a afirmar que o monarca deveria ser tido como segundo fundador da Companhia[37].

---

[34] Dignidade ou beneficio de capelão
[35] ALECASTRO, 2000, p.22
[36] HESPANHA, História do Portugal Moderno, p.128
[37] Para suplementar – informações, ver: ALMEIDA, Fortunato. História da Igreja em Portugal, v.1, p. 364-365, História de Portugal Moderno, 1985, p.42

O próprio Loyola aconselhava conquistar bens de forma ponderada, em carta a um de seus confrades: *devemos usar dos bens deste mundo, como se não usássemos. Possuí-los como se não os possuíssemos; porque a figura deste mundo dura muito pouco. Talvez e oxalá talvez*[38].

Como interpretar esse *conselho* de Inácio de Loyola? Essa questão dependia da consciência e visão de mundo ou de negócios de cada um. E, tudo indica que foi o que aconteceu: com a rápida ascensão junto a pessoas influentes, ainda no governo de D. João III, por exemplo, conseguiram se isentar de impostos dos mais diversos, inclusive daqueles que envolviam compra e venda ou escambo, além de usarem o aparelho da Fazenda na cobrança dos seus devedores e até executarem seus débitos, o que os auxiliaram no controle de suas atividades, também acabou despertando críticas de outras ordens que se sentiam em desvantagens perante a Companhia de Jesus.

Geralmente as propriedades que recebiam não eram rentáveis, mas logo as doações se multiplicavam e elas se tornavam auto-suficientes e rendosas. Embora esse êxito fosse conseguido com perseverança e muito trabalho, uma vez que se fazia necessário adquirir confiança, credibilidade e administrar a contento, o que significava estar por dentro do mercado internacional, principalmente quanto ao preço dos produtos os mais diversos e isso implicava formação, disciplina e talento para negociar.

Cumpre notar que em matéria de formação, cuja polivalência encontra-se explícita diante dos cargos ocupados, uma vez que levaram em conta que formar para os mais diversos ofícios era *vital para o funcionamento e crescimento da Instituição. Os colégios. Igrejas e casas professas necessitavam dos ofícios dos membros da Ordem (...) cozinheiro, porteiro, sacristão (...) tecelões, pastores, oleiros*[39].

Serafim Leite atesta em *Artes e ofícios dos jesuítas*, que esta abrangia desde os estudos em cânones, jurisprudência, administração, lingüística, pregação, humanidades, línguas brasílicas, procuradores, cartografia, artes plásticas, topografia, bibliografia, arquitetura e farmácia, havia geógrafos, naturalistas, legisladores, matemáticos, astrólogos, físicos, filósofos, torneiros, missionários, entre uma série de outras profissões, ficou também registrado nas biografias dos jesuítas que trabalharam no Brasil, traçadas pelo mesmo autor, na História da Companhia de Jesus no Brasil.

TELES, Baltazar. T III, p. 244
[38] Cartas de Santo Inácio de Loyola, V. I, p. 23 apud ASSUNÇÃO, op. cit, p. 97
[39] ASSUNÇÃO, op. cit, p. 252

Além disso, os primeiros jesuítas que vieram para a Colônia, se ressentiram muito da falta de profissionais, daí tomarem providências no sentido de abastecer a Ordem nesse sentido, papel até pioneiro na colônia, mas ligando os ofícios à necessidade de propagar a fé católica, afirmavam eles, desde as aldeias às capelas e igrejas, por exemplo, lembrando que a grande maioria das profissões eram aprendidas em países europeus.

1.4 **A expansão da Fé no Oriente, África e América**

1.4.1 Índia, China e Japão

A atuação da Companhia de Jesus no Oriente, como se sabe, tem início no governo de D. João III e trata-se de uma experiência inédita para a Ordem, para o Estado Português, para a atividade missionária católica e para o próprio Oriente, cuja missão foi entregue a Francisco Xavier.

Suas primeiras impressões ao chegar na Índia, nos levam a pensar que foram satisfatória, pelo fato de deparar com um mundo totalmente estranho e diferente de tudo quanto havia visto (embora Xavier tenha conhecido várias cidades européias, saiu desse continente apenas uma vez), o descortinar sob seus olhos o contraste da riqueza/pobreza e sua observação quanto aos membros da nobreza portar rosários e livros em direção à catedral de Goa.

Esse entusiasmo foi um tanto passageiro. Assim que teve oportunidade de analisar mais de perto a situação e Miller descreve esse impacto, citando conversões em massa através do batismo, seguido da renitência; o péssimo comportamento dos funcionários portugueses, ávidos por riquezas, deveriam ser os primeiros a serem convertidos; o contraste da arquitetura imponente das residências dos nobres, em oposição a um número elevado de casebres; a adoração de ídolos dos mais diversos; o gênero de vida baseado nos atos, vícios e delitos cometidos pela classe dominante, como a poligamia, agiotagem e atos de violência em relação aos seus escravos.

Sua tática se baseou na adoção de hábitos simples e conhecimentos sobre assuntos náuticos, de astronomia, militares, cálculos de juros; elogios às cozinheiras pelo preparo das refeições; agradecimentos aos criados que o serviam e o acompanhavam à porta, após suas visitas. Após conquistar uma leva considerável de senhores e servos, comunicava suas

verdadeiras intenções, de forma alegre e despretenciosa: indicava negócios rendosos e menos censuráveis; as vantagens do casamento monogâmico; o bom tratamento aos escravos, os quais trabalhariam melhor sem receber castigos tão desumanos; aconselhava marujos peninsulares a conquistar o prestígio necessário para atingir todas as classes sociais; conhecei os hábitos regionais, os pecados do povo, no que diz respeito às questões judiciárias, perjúrios e corrupções. Falar a sós com os pecadores sobre suas faltas, de forma carinhosa, risonha e amigável e, se fosse preciso humilhar-se de joelhos diante do outro, eram atitudes que não eram comuns na época.

O contato com os paravares, povos pagãos do extremo sul do Indostão, também foi uma experiência singular. Vestido em trapos miseráveis, saía a repicar uma sineta e chamá-los para anunciar *a boa nova*. Conseguiu intérpretes que lhe traduziram algumas prédicas para o tamul, úteis para explicar o catecismo às crianças, usadas na luta contra a idolatria local; entusiasmar seus pais a se libertarem dos gênios do fogo e caminhar em direção ao Deus invisível e capaz de mostrar-lhe o reino da bem-aventurança e o da condenação no interior da terra, o inferno do século XVII e mediar várias contendas entre militares e príncipes locais, em troca das suas lições de catecismo[40].

As cartas trocadas entre Francisco Xavier com os padres peninsulares e com D. João III, mostram o quanto este se entusiasmara com a evangelização da Ìndia, atestado por Faber e o próprio Inácio: *Ali onde até então ninguém tinha ouvido falar a nosso respeito, ou onde nos julgavam apenas tomando em consideração as calúnias, não há, agora, louvado seja Deus, mais nenhum lugar, nenhum palácio, nenhuma prisão e nenhum hospital, onde quer que seja, rico ou pobre, nobre ou burguês, sábio ou brinco, mulher ou criança, que ignore como nós vivemos e qual é o objetivo da nossa Ordem*[41].

No Japão, o contato teria ocorrido por intermédio de um jovem que cometera um crime e batizado por Xavier, cujo episódio é comentado em cartas aos seus confrades europeus. Anjiro já o havia colocado ao par das leis religiosas, escritas em livros sagrados, cujo acesso só era permitido à classe intelectual que dominava a língua culta, informações que o auxiliou e entender a mentalidade japonesa do ponto de vista das exigências da classe superior, quanto aos argumentos que teria que usar para conquistar a confiança das autoridades japonesas, relevantes para a conquista do rei, significava o aval para chegar à China, tida como modelo para o Japão. E, para sua surpresa, havia uma certa identidade entre

---

[40] MILLER, op.cit, p. 241
[41] apud. MILLER, op.cit,p. 243

a religião cristã e a japonesa. O jovem Anjiro lhe traduzira algumas máximas da doutrina cristã, antes do grupo de homens brancos aportarem em terras japonesas, em1549.

O grupo teria despertado a curiosidade do daimio, interessado no intercâmbio comercial com os portugueses, recebeu o famoso missionário no salão de honra do palácio. E, dado o interesse demonstrado por Xavier, aquele sugeriu uma ocasião mais favorável para negociar.

Aos poucos foi conquistando a simpatia de outros governos locais e o povo, através das prédicas: aos primeiros explicou de maneira singela o curso do sol, o aparecimento dos cometas, as fases da lua, os eclipses, a origem de vários fenômenos naturais e a influência que tais ensinamentos poderiam contribuir para o bom êxito do comércio com Portugal, o que não aconteceu de imediato, por que Xavier não conseguira convencer a eficiência da *boa nova*, o que também influenciou nas proibições do daimio quanto à conversão. E, em vez dos trajos pobres, meteu-se em rica indumentária, acompanhado de um séquito à altura das exigências do orgulho japonês.

O enfrentamento ao rigoroso inverno, maus caminhos e o perigo de assaltantes foram superados com sabedoria, para alcançar a capital, onde nova decepção o aguardava: vestígios de batalhas sangrentas entre aristocratas de estirpes rivais; moradias nobres, pagodes, conventos vazios e até a universidade passava imagem de estar isolada pelas trincheiras.

Ao tomar conhecimento do palácio imperial e dos hábitos cotidianos do imperador e solicitar audiência, percebeu que o soberano era uma divindade com poder de direito e não de fato, visto que a nobreza encontrava-se em posição favorável, diminuindo ou até mesmo anulando o poder central: vivia da aparência com dificuldades financeiras; alimentava-se de parcas refeições servidas em finos pratos de porcelana, descartados em seguida e compunha para sobreviver, situação que intimidara Xavier.

A saída encontrada foi a de procurar o Chogum, o possível detentor real do poder, um adolescente de quinze anos que vivia foragido, Xavier se convenceu que os daimios eram os poderosos, foi ter com eles, na nova capital, onde marcou audiência com Utchi, a quem levou uma mensagem do papa, uma carta credenciada do governo de Goa e os presentes que seriam para o imperador, honrarias que atingiram o daimio que ordenou o registro de todo o cerimonial e a entrega dos presentes: um relógio, lente para os olhos e um pouco de dialética. Isso foi suficiente para obter autorização de pregar e despertar a curiosidade de outro senhor, cuja preparação triunfal nessa corte foi preparada por portugueses, recém-chegados, o teria impressionado.

Restava os bonzos, guardiões da religião que identificaram o deus cristão com seu deus Dainitch e a religião crista com a sua, teria inspirado muitas preocupações a Xavier, cujas atitudes entraram em conflito aberto com os seguidores da crença local e que o modelo chinês encontrava-se em evidência e respeitado no Japão, assim como a sua escrita, sua religião e sua cultura espiritual, o que o teria convencido a conquistar o país em questão, através da China.

Esse país foi alcançado através das mais diversas informações sobre ele, um tanto modelar de justiça, com uma religião filosófica e mora, com um imperador que detinha sem suas mãos o poderio de todo o Império; povo pacífico e inclinado à ciência, aspectos que levou o jesuíta antever uma conversão em massa dos chineses e a vantagem de converter os japoneses.

A viagem à China foi num navio mercante português e, secretamente, alcançou Cantão, onde se acomodara numa cabana à espera do chinês que o transportara, para levá-lo oportunamente ao destino final, não fosse a febre que o atacara e o levara à morte, em 01/12/1552, interrompendo por algum tempo a conquista do Império do Meio.

Sua ousadia teria incentivado centenas de jesuítas ansiosos de alcançar o que Xavier não pudera concretizar, daí mostrarem-se infatigáveis, abnegados, adaptáveis e astutos quanto ao sistema de castas que deveriam respeitar e entender, para terem êxito na conquista espiritual e teria sido também modelo para Antônio Vieira.

Este, nos Sonhos de Xavier dormindo, além de descrever a magnitude dos encantos da Índia, seu adiantamento, mostra que desconhece a verdadeira fé, ou seja, o cristianismo; da China destaca a sua civilização superior e seu poder sobre os demais reinos, cuja população era corrupta e adoradora da cobiça e da torpeza; no Japão, a batalha foi comparada à de David contra Golias, embora o mestre triunfasse sobre tudo e todos; as dificuldades de Xavier por terra e mar, para chegar ao Oriente e identifica seu trabalho de evangelização com o do mestre; suas profecias e conteúdos de sua correspondência; sobre a morosidade das viagens e as conseqüências dos jogos versus intervenção de Xavier, assim como o preço do progresso, avaliado pelo perigo que representa a cobiça e os corsários para o comércio; suas extravagâncias no trajar e a forma destemida como entrou na China. Índia e Japão e as forms de conversão empregadas por ele, sua morte e a obra que deixou: a Companhia de Jesus e sua missão.

Com a morte de Xavier, seguiu para o Oriente, Roberto de Nobili, o qual percebeu ser imprescindível respeitar os rigores do bramanismo: instalou-se em bairro brâmane e rodeou-se de uma criadagem de estirpe; dominava a língua e discutia com arte doutrina,

deforma a conquistar a confiança das altas castas, para levar seus membros ao batismo; instruía seus colegas de Ordem a se transformarem em penitentes (iogues), os quais dominavam o sânscrito com perfeição; conheciam os livros sagrados; dividiu os irmãos em dois grupos (brâmane e iogues), objetivando a conversão das diversas castas e que levou o jesuíta Calmette a escrever a Roma, um tanto convencido da tarefa: *Desde que os Vedas se encontram em nossas mãos, extraímos deles certas passagens que servem para convencer os pagãos das verdades fundamentais que deverão destruir a sua idolatria; pois a unidade de Deus, os atributos do verdadeiro Deus e o estado de bem-aventurança e condenação, tudo isso está contido nos Vedas*[42].

O sul da Índia foi alcançado com algumas reservas e curto entusiasmo, por ser controlado por Akbar, neto de Tarmelão, preocupado por introduzir na região a verdadeira religião, para que seu povo se aperfeiçoasse. Embora educado no Islamismo, não encontrara nesse credo a satisfação almejada, não lhe interessava a religião hindu, por suas arbitrariedades, o que favoreceu debates de várias tendências religiosas em sua corte.

Ao saber da fama dos religiosos em Goa e os convidou para a disputa. Seguiram para lá Aquaviva, Jerônimo Xavier e Benedito Góis, reconhecidos dialéticos e teólogos, versados no Bramanismo, Budismo, Alcorão e Zoroastrismo, não tiveram dificuldade em se sobressair nos debates, convenceram Akbar a permitir que pregassem e batizassem e convertessem. Apenas não concordou com a Trindade, com a encarnação do Criador em Cristo e com a humildade do filho de Deus. A sua morte fez cair por terra a conversão do soberano Mongol.

Sua penetração inicial na Ásia Central e no Tibete ocorreu através das caravanas de comerciantes que passavam por Cabul, atravessando o Palmir, Turquestão e o Deserto de Gobi e a Segunda, em 1624, penetrou o Vale do Ganges, o Himalaia, alcançando o Tibete, onde ficaram por nove anos.

As informações desses e de outros jesuítas foram as primeiras comunicações confiáveis que chegaram à Europa durante muito tempo.

Nesse ínterim, lá encontravam-se eles novamente no Japão, compenetrados dos valores do lugar, dominando a língua adaptados ao seu modo de vida, com as maneiras de cortesia, as festas pomposas; procissão de crianças vestidas com suntuosidade, recitações em língua local, artifícios usados para contar a vida, paixão e morte de Cristo;

---

[42] apud. MILLER, p. 263

exéquias de fazer inveja ao Chogum; edificaram escolas com cursos de dialética; trouxeram da Europa um tipografia para editar livros japoneses; usaram da manha e das superstições grosseiras do povo, com habilidade para conquistar as camadas incultas.

Toda vez que um daimio criava dificuldades ao cristianismo, um padre ia à sua corte e fazia uma observação evasiva que o intercâmbio comercial do reino português poderia lhes trazer armas de fogo, levando-o a se batizar imediatamente.

Pressões outras também foram usadas para que soberanos locais chegassem ao controle do país, como o caso de Nobunaga, o qual concedera liberdade total às ações os jesuítas, para fazer oposição aos sacerdotes budistas que atrapalhavam seus caminhos. Teriam convencido ao soberano a comprar uma esquadra em Portugal, com o objetivo de organizar um séquito luxuoso para entrarem em Pequim mas, a sua morte, impediu a viagem e Hideioshi se indispôs com os padres porque algumas jovens cristãs não aceitaram a sua corte.

Outro incidente desconfortável ocorreu com o naufrágio de um navio mercante espanhol que teve sua carga confiscada e, para liberá-la, os marinheiros instilaram o temor aos japoneses, alegando que o império espanhol era o maior de todos , conforme o mapa-mundi. À pergunta de um japonês sobre a forma como seria possível, respondeu que inicialmente os soberanos enviam os religiosos que convertem uma parte do povo e depois vem as tropas que se unem ao povo convertido, facilitando a dominação do país inteiro.

Os bonzos se aproveitaram para incutir no imperador a afirmação tão alarmante, o qual procurou extirpar todos da Companhia de Jesus, dado o perigo que o cristianismo representava para o Estado e, através de decretos rigorosos imputavam pena de morte a qualquer jesuíta que exercesse atividade catequética; os batizados tinham que retornar à antiga crença, ações que se tornaram mais violentas no governo seguinte, paralelamente à chegada dos primeiros holandeses ao Japão, cujas relações comercias podiam passar muito bem sem os portugueses e, muito menos de lhes fazer concessões religiosas. O édito promulgado na ocasião ordenava a queima de todos os edifícios católicos e a punição a todos os jesuítas remanescentes no país.

Os jesuítas se fizeram de vítimas ao interpretaram tais atitudes como um holocausto imposto por Deus, a fim de mostrar aos pagãos japoneses a verdade sobre a doutrina cristã, aceitaram o martírio *igualmente para a maior glória de Deus***:** foram encarcerados, torturados e sacrificados, pendurados pelos pés, decapitados e atirados ao mar com aparente serenidade e pregando que o verdadeiro caminho era a doutrina de Cristo.

Vários deles alcançaram a Conchinchina, onde também converteram milhares e, com o passar do tempo, outros religiosos atingiram o Japão e encontraram comunidades cristãs secretas descendentes daqueles que foram convertidos por eles.

Na China, os portugueses eram odiados desde muito tempo e suas autoridades procuravam por todos os modos mantê-los afastados dali, gerou uma xenofobia interna provocada pela impressão desfavorável, desde que apareceram nas águas chinesas e saqueavam suas costas e atacavam pontos fortificados, com o pretexto de comércio.

Os jesuítas atingiram esse país no governo da dinastia Ming, de tendências nacionalistas, a qual procurava alienar seu povo contra as influências estrangeiras e logo os padres Barreto e Góis intermediaram as negociações referentes à soma, estabelecida pelas autoridades chinesas, pela liberdade de alguns portugueses que entraram clandestinamente no país e foram encarcerados, o que era interpretado como uma oportunidade para chegar a Cantão.

Aprenderam a fluência da língua e as sutilezas das expressões idiomáticas da classe culta e o dialeto do povo. Aos conhecimentos básicos de história, costumes, leis e literatura e antes de partir para a missão, juntaram os mimos adequados para conquistar o imperador, como instrumentos científicos, fabricados por europeus, mas desconhecidos na China; usavam nomes chineses e diziam que a sua sabedoria os atraía, como por exemplo Matteo Ricci (1553-1610),o Li Ma-teo, matemático e sinólogo que fundara a missão da China, aprendera chinês e atraíra letrados , ansiosos por apreciarem objetos europeus exóticos que exibia em sua casa.

Vestia-se com indumentária de sacerdote budista, adotara o gênero de vida dos bonzos; vivia de esmolas e se instruía com eles sobre o budismo. Com tais artimanhas conseguiu a oportunidade de falar com um mandarim, usou conhecimentos aprimorados de matemática e astronomia adquiridos em Roma, de modo a impressioná-lo ao ponto de aser conselhádo a viver à maneira dos sábio, uma vez que teria recebido em qualquer lugar com dignidade.

Os batismos e conversões a partir de então, foram iniciados pela classe dominante e não tardaram a chegar às classes inferiores mas, para chegar ao soberano, foi necesário ministrar o ensino da matemática, ciências e moral ao seu filho predileto e depois aos ministros, trabalho recompensado pela pensão recebida em vida e terreno para ser sepultado com dignidade.

Adam Schall (1591-1669), astrônomo, matemático, chegou à China em 1662 e assim que o imperador, sabendo de seus conhecimentos o chamou à Corte e encarregou-o d a

reforma do calendário imperial e da direção do observatório de Pequim. Trabalhou para os Ming com a mesma fidelidade, uma vez que não se importavam com quem se encontrava o poder, desde que tivessem a possibilidade de conquistar o Império Chinês para Cristo, com o labor lento e metódico, enquanto outros irmãos da ordem, por exemplo, agiam como professores, evangelizadores, físicos, diplomatas, médicos.

No tempo em que os mandchus dominaram a China, uma certa desconfiança recaiu sobre o cristianismo e a aproximação ao Imperador ocorreu justamente por sua individualidade e excentricidade: preocupado com a decoração de seus açudes e arroios e palácios, os jesuítas se apresentaram como arquitetos e foram trabalhar no palácio, com distinções que raramente o imperador dirigia a alguém, inclusive a de suspender a perseguição aos cristãos, embora o mesmo tivesse consciência que os padres aí permaneciam, enquanto vissem alguma perspectiva propícia à catequese.

A notícia do triunfo das missões jesuítas no Oriente ao chegarem na Europa, despertou críticas por parte dos dominicanos, franciscanos e jansenistas, seus inimigos históricos, julgaram odioso o trabalho desempenhado por eles , por que da primeira vez que os dois primeiros grupos lá estiveram, não conseguiram estabelecer as missões desejadas, por agirem cm favor de princípios mais rigorosos, insuflaram os imperadores chineses, tachados de pagãos como Confúcio, foram condenados ao Inferno, o que teria favorecido a uma revolta geral.

Assim que Luís XV enviou uma missão à China, o governo português se encolerizou e, baseando-se em documentos papais, passou a reclamar para si o direito exclusivo de dirigir o Extremo Oriente e, em seguida, direcionou um ataque diplomático contra a França, junto à Santa Sé e passou a caçar jesuítas franceses que missionavam na China, aprisionando um deles em Goa, o qual acabou por morrer.[43].

As acusações tomaram tamanho vulto que chegaram à Inquisição de Roma e os jesuíta portugueses foram incriminados por heresia, ao estabelecerem no calendários dias fastos e nefastos, fato que teria estimulando a superstição; por rezarem missas em chinês e por não tocarem as mulheres ao serem batizadas, em respeito o argumento chinês, segundo eles, pobre, de que o corpo das mesmas não deveriam ser tocados por estrangeiros; por ocultarem a morte de Cristo, na cruz; de não possuirem crucifixo em suas igrejas , entre outras denúncias, para as quais tiveram que redigir vastos memoriais de defesa ao Tribunal Inquisitorial.

---

[43] MILLER, op. cit, p. 302

Dominicanos como Morález e Navarrte escreveram volumosos livros, nos quais acusavam os missionários jesuítas na China; o jansenista Antoine Arnauld aderiu a eles, enquanto que o Papa não conseguia chegar a um julgamento imparcial, sem averiguação *in loco*. Tais questões não chegaram a um termo até em 1607, no pontificado de Clemente IX, inimigo declarado da Companhia de Jesus. Em 1715, partiu para a China um legado papal, para estudar o litígio, o qual comunicou a Kang-hi a condenação ao culto dos antepassados como alegoria pagã, fato que teria levado os chineses a ponderar a que ponto eram objeto de uma luta no interior da Igreja, desde há algumas décadas.

1.4.2 Os Jesuítas na África e na América.

Na África, além da sua atuação na educação e catequese nas várias partes dos territórios portugueses, envolveram-se nas atividades legadas ao tráfico de escravos e em questões administrativas de interesse da Ordem.

Alencastro[44], nos informa que no continente africano, em 1571, o donatário de Angola, Paulo Dias *Novais concede aos conquistadores e aos jesuítas, terras ,nativos e rendas (...)* cujos feudatários, os amos controlavam os chefes nativos, os sobas, e cobravam tributos dos ambundos (população local), quitados em escravos que jesuítas e capitães (amos), exportavam para a América.

Numa época em que o tráfico transatlântico se tornava uma atividade lucrativa. A Coroa retoma Angola e extingue a capitania, nomeando um governador, com ordens de suspender os amos, o que levou os jesuítas e conquistadores se revoltarem contra o governador, o qual foi excomungado pelos jesuítas e posto a ferro pelos rebeldes e preso. (id, p.14) .

Em relação à América, os jesuítas fizeram uso dos anzóis para apostolar: chegaram após os puritanos, por volta de 1534 e se estabeleceram por pouco tempo, uma vez que as primeiras tentativas de evangelização foram vãs.

Procuraram aprender a língua dos Peles Vermelhas e, munidos de anzóis, doces e agulhas, conquistaram o chefe, Chitomachon até que o mesmo se convertesse e recebesse os sacramentos e depois outras tribos.

---

[44] O trato dos viventes. A formação do Brasil no Atlântico Sul, 2000, p.13

Aí foram perseguidos pelos puritanos, os quais eram maioria, foram banidos de Maryland, voltando após um tempo, disfarçados de fazendeiros, usando nome seculares, para em seguida, deixar a região e seguir para nova Iorque, por ocasião da subida do duque de York (Jaime II), ao trono inglês. Aí ficaram e fundaram os primeiros colégios católicos do país, até Guilherme de Orange chegar ao trono da Inglaterra.

No século XVII, lá se encontravam eles no Canadá a explorar os rios Mississipe e Missuri, enfrentando um clima e uma natureza hostis e em seguida a usar táticas e mais táticas para a conversão com êxito de várias tribos, enquanto o governador puritano da Nova Inglaterra não estabelecesse prêmios pela entrega de jesuítas.

No que diz respeito ao México, foram os primeiros a entrar em contato com as tribos nativas do norte, cujos membros foram conquistados e palavras amáveis até penetrarem nos territórios do novo México, Arizona, Califórnia e Texas.

Nas áreas do Peru e Bolívia, os jesuítas descobriram o eq6uivalente a uma centena de tribos e reuni-las em reduções fechadas, onde introduziram a agricultura, criação de gado e indústrias, onde eram ensinadas técnicas de construção de cabanas e de utensílios vários, além de tratar os nativos com remédios da farmacopéia européia, além da instalação de colégios diferenciados para os índios e onde os filhos dos caciques seriam educados, reunir as tradições históricas de culturas pré-incaicas e instalação de tipografia em Lima, a fim de redigir livros e compilar gramática em língua quechua.

No caso do Brasil, a epopéia inaciana tem início com Anchieta e seu trabalho reconhecido como tão nobre e infatigável ao ponto de ser conhecido por *Apóstolo do Brasil* e, com o tempo, a história da Companhia de Jesus, custou dez volumes, sem mencionar a vasta quantidade de documentos produzida pela Ordem, cuja maioria permanece inédita.

Suas atividades em nosso país também é um tanto polêmica: abriram territórios; fundaram colégios; ergueram igrejas; adquiriam um número elevado de bens imóveis; converteram índios; vários jesuítas entraram em conflito com os colonos quanto à escravidão do nativo ou tiveram uma postura inadequada para a época em relação ao tratamento ao escravo negro, enquanto que outros, julgavam que os negros africanos não deveriam ser poupado.

Outra questão de disputas entre colonos e padres, foi o tratamento dispensado aos índios nas colônias portuguesas e espanholas da América do Sul, lugar em que o comércio de escravos era considerado o mais rendoso e, cujas caçadas, movimentavam o comércio de algumas províncias e o meio garantido de consegui-los era através da guerra justa, a qual

consistia em açular as diversas tribos umas contra as outras para que entrassem em guerra, para em seguida, adquirir os prisioneiros aos vencedores.

Cada vez mais freqüentemente, os jesuítas se manifestaram abertamente contra o costume das caçadas e dos mercados de escravos e tomavam o partido dos indígenas contra os colonos e, entre eles, Antônio Vieira.

1.5 A posição de Vieira na Companhia de Jesus

Não se trata neste trabalho de recuperar biograficamente Vieira, mas de identificar alguns traços curiosos de sua vida, como por exemplo, o fato de não restar dúvida que foi um filho dileto da Ordem Inaciana, tanto quanto Francisco Xavier, embora tivessem atuado em direções opostas (o primeiro no Ocidente e o segundo no Oriente), com algumas diferenças que não cabe aqui considerá-las, o que não é de se estranhar, visto que Antônio Vieira sobressaiu-se um tanto rápido no interior da mesma, notadamente por suas qualidades intelectuais.

Essa particularidade deve ser avaliada através de um conjunto: a perspicácia dos padres em captar sua inteligência; a formação com base nos clássicos, como Virgílio, Ovídio e Sêneca e comentários da Bíblia e do Cântico dos Cânticos; sua versatilidade em conviver nos ambientes mais diferenciados; sua tendência para a pregação; sua fé e o fato de ser educado na fase áurea da Companhia de Jesus , ou seja, quando esta já se encontrava estruturada e consolidada, entre outras.

Serafim Leite[45], não deixa transparecer sua origem mestiça, herdada pelo lado da avó materna, o que é observado por João Lúcio de Azevedo, o qual acreditava ser sua bisavó africana e levada como escrava para Portugal, uma vez que nessa época a população de origem afro já era abundante no Reino, além do seu retrato evidenciar indícios de traços mestiços[46]

O pai, Cristóvão Vieira Ravasco, embora de família de poucas posses, recebera certa educação formal, comprovado pelo ofício que exerceu ainda no reino ao servir no exército e se tornar escrivão das devassas dos pecados públicos de Lisboa e na Bahia, ao

[45] V. IX, p. 192-363
[46] História de Antonio Vieira, v.1, p.14

exercer o cargo na Relação, teria retornado ao reino após seis anos, enquanto que a mãe vivera recolhida e dedicada ao filho[47].

Ao vir para o Brasil com os pais com apenas seis anos de idade, é bem possível que tenha experimentado as emoções das histórias contadas durante o trajeto das várias e monótonas semanas em alto mar, histórias essas que retratavam ataques de corsários, tempestades e outras aventuras, que possivelmente poderiam ter ficado registradas em sua memória e ter influenciado Vieira na idade adulta.

A Bahia daquele tempo era tida como a corte do Brasil**,** abrigava duas vezes mais índios do que negros e portugueses; contava com mais ou menos quarenta engenhos de açúcar e o colégio, pode-se dizer, onde se centrava a intelectualidade da colônia, quando este á havia adotado o método do Ratio Studiorum (estudo de Gramática: latim e exercício de memória; Humanidades e Retórica: destreza da formulação mental e formação oral dos pensamentos, inspirados em Cícero e Virgílio e antologia de outros autores latinos; dialética: de acordo com a lógica da Escolástica Medieval, de Santo Anselmo e Guilherme Ockan) e considerada a única via possível para se escolarizar.

Percebe-se que a mãe o teria educado e o influenciado um tanto em questão de fé, por se tornar devoto de Nossa Senhora das Maravilhas, cujo altar adornava o interior da sé da Bahia, a qual teria operado o milagre do aprendizado hábil nos estudos, o que teria acontecido após uma dor de cabeça terrível e o transformado num aluno diferenciado na argüição, se bem que a mãe almejasse outro destino para o filho.

A argúcia dos padres diante de uma possível represália dos pais o levou, ainda noviço, para a aldeia do Espírito Santo, próximo de Salvador, num povoado de indígenas que recebiam doutrinação e onde conheceria de perto a obra prática dos jesuítas junto aos nativos, o que deve ter-lhe causado fortes impressões e o teria influenciado em abraçar o trabalho de missionário, o que pode ser comprovado pelo vivo interesse no aprendizado da língua indígena, com intenções ser usado na evangelização.

Nessa época, vários prodígios relacionados a Vieira, são relatados por vários biógrafos, entre eles, João Lúcio de Azevedo, fruto da própria Companhia de Jesus, o que sugere que os padres deveriam ter-lhe preparado uma carreira ao notarem seu talento para a evangelização, uma vez que o reitor Fernão Cardim fora à casa dos pais de Vieira justificar sua fuga para o Colégio, num tempo e lugar, onde certas virtudes prezadas pelos padres, eram um tanto raras, dada a soltura dos costumes tão comum no ultramar daqueles tempos e

[47] id. p.15

que contrastava com o sentimento religioso, tão presente nas pregações dos membros da Companhia de Jesus .

Por essa tempo já circulavam histórias na boca do povo sobre a estada de São Tomé na região e suas façanhas para converter selvagens; cerimoniais religiosos com nuances pagãs, fruto do teatro do culto católico representados em cortejos, dos quais participavam os estudantes do Colégio da Bahia, os quais figuravam como atores e que atraía o povo e o motivava à penitência e á devoção; o contato com as relíquias sacras das mais variadas, a exemplo do corpo de Anchieta, sempre venerado e exaltado por seus feitos nos momentos mais propícios.

Estudar num colégio religioso jesuíta, significava ainda participar diariamente da missa, da confissão e comunhão amiudamente; praticar ao menos por três dias os Exercícios Espirituais e imaginar o terror do Inferno; *ganhar contas bentas, relicários e imagens santas; ouvir sermões* , nos quais eram retratados a missão da Ordem, eleita por Deus. O contato com a biblioteca não poderia impressionar menos: as crônicas contavam os feitos heróicos dos primeiros jesuítas, com destaque para o primeiro apóstolo do Brasil.

A arte arquitetônica que retrata a Bahia dos seiscentos, coloca em evidência poucos prédios de vulto e entre eles, o Colégio jesuíta destacava-se pela arquitetura expressiva, pode-se dizer arrojada para o local e a época.

Era na Instituição jesuíta onde se hospedavam autoridades que se dirigiam à Bahia até resolverem problemas de moradia fixa e daqueles que encontravam-se em trânsito para a Índia ou desta para Lisboa.

O tempo equivalente de dois anos para o noviciado era preenchido com uma série de atividades, a fim de discipliná-los rigidamente (embora sem castigos corporais, o que não era comum), era dividido entre a pregação, a catequese e a escola (os pilares da missão do jesuíta), de forma a não tempo para as lembranças familiares e de amigos. Abolia-se portanto, todas as relações com o mundo exterior.

Segundo ainda João Lúcio de Azevedo, os alunos dedicavam-se a cumprir regras escritas, a exemplo dos *exercícios de memória, com textos decorados do Antigo e Novo Testamento (...)repetição de tons, para as inflexões do púlpito, orientação sobre o porte e adamares, sobre o andar, o riso, a voz, a posição das mãos, a direção do olhar, o modo de compor o vestido*[48]**,** enquanto que as conversações ocorridas durante os intervalos eram entremeadas por reflexões entre as história de vida e morte do Salvador, a morte individual,

[48] Ibid, , p.21

o céu, o inferno, os vícios, as virtudes, os mártires católicos, as heresias, pedagogia justificada para o aprendizado necessário para manter o espírito ligado às coisas da fé e servir para a edificação e onde a obediência deve ser cega e assimilada através da leitura da obra de Afonso Rodrigues, *O Exercício da Perfeição*, a exemplo de Loyola, embora o mesmo afirme que nessa segunda fase da Companhia de Jesus, as regras já não fossem tão rígidas, como no reinado de D. João III.

Foi apenas com dezesseis anos que Antônio Vieira presenciara a primeira invasão holandesa e o comportamento do clero, do povo e das tropas, claramente relatados na Carta Ânua, na qual justifica inclusive o atraso ocasionado pela dificuldades de transporte e pelas circunstâncias, isto é,

> ...de *sobressaltos que impediram o notar e não deram lugar a escrever***.** Na Bahia, *alguns dias antes da chegada dos inimigos, estando no coro dois dos nossos padres, viu um deles a Cristo senhor Nosso, com uma espada desembainhada contra a cidade da Baía, como quem a ameaçava. Ao outro dia apareceu o mesmo Senhor com três lanças, com que parecia atirava para o corpo da igreja. (...) os que isto viram que prognosticava algum castigo grande*[49].

Em seguida, narra os horrores e a insistência do ataque holandês e a fuga em massa, inclusive os padres do Colégio a carregar objetos de valor, como a prata e os ornamentos , dirigiram-se à Quinta do Tanque[50], enquanto que no dia seguinte, os inimigos tomaram *as casas reais, onde o governador, desamparado de todos e acompanhado só de um filho e três ou quatro homens,* foram presos e despojados, além de saquearem varias residências,

> *arremetem com furor diabólico às sagradas imagens dos santos e do mesmo Deus (...). A esta tiram a cabeça, àquela cortam os pés e mãos, umas enchem de cutiladas, a outra lançam no fogo. Desarvoram e quebram as cruzes, profanam altares, vestiduras e vasos sagrados; usando dos cálices, onde ontem se consagrou o sangue de Cristo, para em suas desconcertadas mesas servirem a*

[49] Cartas, T. I., p. 3-70
[50] Espaço de retiro dos Jesuítas, localizada a poucos quilômetros do colégio da Bahia

> *Baco, e dos templos e mosteiros dedicados ao serviço e culto divino, para suas abominações e heresias*[51].

Vieira refere-se ainda às dificuldades de acomodação, à parca mesa, à situação um tanto precária em que se encontravam os enfermos e feridos e à caridade prestada pelos jesuítas aos mais necessitados.

Em 1627, embora atrasado nos estudos, foi enviado ao colégio de Olinda, para aprender retórica, com o diferencial de dominar o latim e o português de forma invejável e pouco ou nada se sabe sobre suas atividades entre o tempo que passou em Olinda até se tornar sacerdote, visto que reaparece em cena em 1633, a pregar domesticamente antes de se ordenar e, em cujo discurso esclarece as funções da oratória: ...*persuadir e mover o ouvinte***,** no Sermão do Nascimento do Menino Deus.

Essa postura nos leva a crer que Vieira de fato persuadiu e moveu seus superiores, pois nesse mesmo ano pregou publicamente numa Quarta Feira da Quaresma, na Igreja a Conceição da Praia, ocasião em que a Bahia encontrava-se em guerra contra os holandeses e na presença do general de armas portuguesas, não poupou elogios ao exército baiano, comandado por um conterrâneo.

Ao que se sabe, esporadicamente, foi aparecendo em púlpito nas mais diversas igrejas baianas, incluindo a Catedral, cujos discursos apresentavam conteúdos diferenciados, como por exemplo, os morais, teológicos, evangélicos, sociais, filosóficos, patrióticos e até políticos, o que evidencia seu domínio na arte da oratória e o conhecimento da causa da Companhia de Jesus; do que representava o nordeste da Colônia do Brasil, para a economia portuguesa, agora dominado pelos holandeses e o domínio em relação aos demais assuntos coloniais.

Antônio Vieira entrara para a Ordem durante o governo de Múcio Vitelleschi (1615-1645), momento um tanto delicado, dadas as difamações publicadas na Monita Secreta[52], o que teria levado Vicente Carafa (1645-1649), se esforçara para recuperar a imagem da Instituição, como por exemplo, incentivar o estudo das letras e proibir seus membros de possuírem bens seculares, o que foi reforçado entre 1652-1664, com Gosvino Nickel, para amenizar os ataques, além de evitar o nacionalismo exacerbado no interior da Ordem, com

---

[51] p. 39.
[52] De autoria desconhecida, indicava uma legislação secreta na qual evidenciava escrúpulos um tanto negativos em relação à Ordem que teria sido elaborado por vingança.

intenções de inibir essas dissenções internas (postura que demonstra rivalidades internas, uma vez que a Ordem abrigava candidatos das mais diversas nacionalidades européias e, muitas vezes, serviam os interesses de seus soberanos), além de impor a prestação de contas aos provinciais assim que deixassem o cargo.

Esse superior da Ordem enfrentou ainda as crises em torno dos debates contra o jansenismo[53], as quais teria influenciado ordens religiosas como a do Oratório, Dominicana e Carmelita, justamente contrários e críticos dos jesuítas e o galicanismo[54], o que acabou atraindo um sem número de inimigos, cuja maioria encontrava-se em Portugal.

Durante o generalato de João Paulo Oliva (1664-1682), ajustou as regras em relação à moral, uma forma de impor respeito interno e amenizar as críticas externas quanto ao envolvimento de seus membros com o temporal, se afastando dos princípios pregados pelo seu fundador, numa época em que a Companhia encontrava-se estável economicamente.

Para entender Vieira, torna-se necessário olhar o tempo de Vieira, com os olhos do mesmo e ao praticar essa tática, o que chama um tanto a atenção do estudioso é a contestação ao pai, ainda na adolescência, ao participar-lhe o desejo de professar, justamente numa época em que a paternidade era incontestada. Sua decisão definitiva teria acontecido dois meses mais tarde, ao fugir de casa e ir para o Colégio, atitude não aprovada pelos seus progenitores, mas comum nas instituições jesuítas, por ser um local em que os superiores agiam de forma a captar talentos, fortuna ou posição social, qualidades vistas como valiosas para a Ordem, através de discursos vários, a partir do incentivo *do amor à roupeta (...) aos afagos* e uma série de outros incentivos, os quais acabavam por sensibilizar os mais jovens e inexperientes.

Ainda muito jovem recebera a missão de escrever as Cartas Ânuas, exercício um tanto delicado, uma vez que era necessário dominar o latim de forma elegante, para relatar minuciosamente a situação de todos os núcleos jesuítas na Colônia ao Geral de Roma e Vieira o fez da melhor forma possível.

O fato de ir para Lisboa no momento cruciante que o Reino atravessava com as guerras pela Restauração; conseguir se posicionar em favor de D. João IV, exercer forte influência junto à Corte e obter regalias até então nunca delegadas a quem que seja, são provas de seu talento, perspicácia e desenvoltura, atitudes que justificariam a conquista

---

[53] Doutrina de Jansênio (1585-1638), teólogo holandês e bispo de Ipres, sobre a graça e a predestinação e sobre a capacidade moral do homem presente, e que foi adotada na Abadia de Port. Royal por várias correntes espirituais com tendência ao rigorismo moral

[54] Tendência jurídica e teológica do século XVI que dependia a interferência dos reis franceses nos negócios eclesiásticos e no século XVII, a autonomia dos mesmos bispos franceses diante da autoridade do Papa romano

rápida do casal reinante, seja pelo caráter temperamental do rei; conhecimento da causa restauracionista, da evangelização ou de assuntos que envolviam a delicada situação colonial. Todos eles facilitaram a carreira de pregador, de político e de diplomata durante a maior parte do reinado de D. João IV.

Sua aproximação à Corte permitiu-lhe ainda tornar-se mestre de D. Teodósio, envolver-se em políticas casamenteiras (a favor do Príncipe) e diplomáticas um tanto desastrosas ao negociar a independência do reino, inclusive os diversos contatos com comunidades judaicas em vários países, onde teve oportunidade de conhecer sua política, sua economia, sua sociedade, sua cultura e sua visão de mundo (embora raras foram as ocasiões em que expôs essas experiências em seus sermões, cartas ou nas demais obras), revelam tato e habilidade amalhados durante o aprendizado de jesuíta e as normas de Inácio de Loyola.

Esse sucesso teria facilitado inclusive para que seus familiares fossem premiados com várias mercês de D. João IV, igualmente convencido a proibir o seqüestro dos bens dos judeus e não poupar esforços para que se criasse uma Companhia de Comércio para o Brasil, em 1648, com capital judaico, a fim de recuperar as finanças do Reino e Ultramar e que levantaria suspeitas de heresia na Ordem, pelo Tribunal do Santo Ofício, embora o ponto culminante que marcou sua desaprovação na Instituição, teria sido pelo fato de opinar na na polêmica divisão da Província Portuguesa da Companhia de Jesus e incitar a independência do Alentejo, Ilhas e Angola, ocasião em que o geral o teria despedido. E, mais uma vez D. João IV livrara-lhe da dispensa em Carta ao provincial Antônio Mascarenhas, datada de 1644:

> *(...) O padre Antônio Vieira fez um papel em que representava alguns meios em ordem à conservação deste reino; e ainda que foi conveniente recolher-se por ser publicado (posto que sem culpa sua) contra o que pedia a importância da matéria e o segredo dela. Eu me não houve por desservido do seu zelo; e assim quero que o tenhais entendido, e que me havereis por bem servido de que por esta causa não padeça vexação, e vô-lo encomendo assim o mais apertadamente que posso; e encarregarei-lhe fizesse uma política para o príncipe: ordenareis que lhe dê toda a comodidade necessária para essa obra*[55].

Outra semente de certa discórdia foi o seu envolvimento na disputa jurídica do Engenho de Sergipe do Conde, contenda entre o Colégio de Santo Antão de Lisboa e o Colégio da Bahia, herdado com a morte de Mem de Sá, pelo Colégio e Misericórdia e pobres, no caso da morte de seus filhos. Consta que a filha falecida por último, deixara seus bens, incluindo o referido engenho ao Colégio de Lisboa. E, Vieira, como não podia deixar

de ser, defendia a causa de sua Província, isto é, da Bahia e que a Ordem não teria poupado esforços no sentido de tornar legítima sua posse.

A imprensa divulgou a proposta direcionada aos cristãos-novos e, imediatamente, a edição teria sido apreendida, fato visto com complacência pelo soberano da época, D. João IV, o qual justificou ao Santo Tribunal, lembrando que o próprio Rei nomeava vários de seus membros.

Em meio a auditórios dos mais requintados, o púlpito das igrejas e catedrais mais famosas do reino foram palco para seus discursos, cujos temas, os mais heterogêneos e questionadores, eram argüidos com elegância, além de demonstrar que possuía conhecimento profundo das Escrituras, o que fica evidenciado no conteúdo dos sermões proferidos, principalmente nos do tempo de sua estada em Lisboa e acarretaram-lhe fama desmedida de um lado, e conflitos com a própria Ordem e com o Tribunal do Santo Ofício, por outro, por exemplo ao acalentar profecias bandarristas com desmedida sutileza, o que pode ser observado no Sermão dos Bons Anos; ao criticar o excesso de impostos cobrados ao povo, enquanto o clero e a nobreza também devessem contribuir de forma eqüitativa, no *Sermão de Santo Antônio.*

Vários panegíricos justificam sua presença e influência junto à Corte, embora os temas apocalípticos, as tendências teológicas e coloquial quanto à interpretação da História, a condenação às festividades pagãs, a evangelização, as homílias e discursos enconomiásticos e restauracionistas onde deixa claro os louvores ao Rei e um exarcebado patriotismo com intenções de infundir a confiança de vencer a guerra contra Castela, mas que seguiam o modismo da época.

Sua carreira de missionário teria se iniciado ainda em Lisboa, claramente ressentido com D. João IV, ao perder o cargo de árbitro nas questões políticas, em virtude do fracasso das viagens diplomáticas, experiência nova para o reino luso e quando esse mais necessitava do sucesso das mesmas, dado o momento da Restauração, a qual se arrastara até 1668.

Durante a maior parte da década de 1600, Vieira proferiu cinco sermões, dos seis escritos, em meio a uma situação deveras delicada com a subida de Afonso VI ao trono; seu desterro para o Porto o banimento para Coimbra, onde foi ouvido por várias vezes a mesa do Santo Ofício, com uma saúde precária, ocasião em que perdera o direito à liberdade e à voz.

A temática evangélica e política que mais caracterizaram suas falas, encontram-se *no Sermão da Epifania*, em que deixou transparecer abatimento e indignação com os

---

[55] apud. AZEVEDO, p.78. V. I

problemas do Maranhão. Procurou tocar a Rainha quanto à necessidade de dar seqüência à evangelização, caso contrário faltaria religião naquelas paragens, no *Sermão do santíssimo Sacramento*.

Próximo a esse, numa *Sexta Feira da Quaresma*, Vieira redirecionou seu discurso, desta vez político, contra a nobreza ambiciosa e, de certa forma, imprevisível nas decisões e, por isso mesmo incapaz de destruir reinos, crítica que poderia ser interpretada pela situação interna delicada do Reino; a guerra contra Castela e sua luta pela recuperação do espaço na Corte.

Através de uma exposição aparentemente filosófica e moral, mas de forte conteúdo econômico, combate o Conselho do Rei, por sua ineficácia; gasto excessivo dos conselheiros, pagos pelo Estado, com a ressalva de que razões de Estado e razões de Deus, não se separam.

Na Universidade de Coimbra, época que coincide com seu desterro, discorreu sobre as várias heresias, insinuando uma forte crítica ao grupo conimbriscense, por seu vanguardismo, além de contrariar o avanço científico, no sermão de Santa Catarina, comprovando sua forte ligação aos princípios da Nova Escolástica.

Na Capela Real de Lisboa, seus discursos têm a ver muito pouco com os acontecimentos e problemas ligados à colônia do Brasil e, sim mais ligados à política econômica do reino, frente às nações européias, Oriente e África e questões internas.

Ao assumir o trono, D. Pedro, procurou afastar todos os que, direta ou indiretamente se ligavam ao irmão, D. Afonso, como o marquês de Cascais, D. Rodrigo de Meneses, ligado às finanças do Reino e Pedro Vieira da Silva, secretário, inclusive chamar para seu confessor, o padre Manuel Fernandes, em detrimento de Vieira. Poderíamos arriscar a influência de Maria Francisca de Sabóia, cujo confessor era o jesuíta francês Villes, o qual defendia interesses de seu país e ao fato do casal reinante não ser favorável às manipulações públicas do orador em questão.

Os sermões proferidos em Lisboa, em sua maioria panegíricos, Vieira mostra que não se afastara das questões políticas, embora pregações de caráter moral, congratulatória, filosófica e teológicas, estejam presentes sem suas falas, com o diferencial de que a moral estivesse sempre vinculada à política, sendo que os primeiros estivessem ligados à causa da perda de valimento junto a D. Pedro, daí o objetivo de chamar-lhe a atenção ou por não prestigiar o orador, como fizeram seus pais em tempos passados.

O panegírico de *Santo Inácio*, por exemplo, além de destacar a missão evangélica da Companhia de Jesus, deixa transparecer o misticismo cabalístico e a perseguição à sua

pessoa e a outros membros da Ordem e estaria incluindo o tratamento injusto e cruel do tribunal do Santo Ofício de Lisboa, enquanto que no sermão *dos Pretendentes ou da Terceira Quarta Feira da Quaresma,* não pregado, ligou a moral à política, com uma arte insuperável, assim como a defesa ao absolutismo.

Justificou que sua viagem a Roma objetivava a canonização dos 39 mártires, vítimas de corsários calvinistas, em viagem para o Brasil mas, na realidade o que estava em jogo era obter um breve papal que o isentasse da Inquisição, diante da falta de valimento do monarca, com quem não poderia contar naquele momento.

Recebido com uma certa deferência pelos irmãos da Companhia e pelo Geral, o Padre João Paulo Oliva, um tanto sensível às suas qualidades intelectuais, foi por ele introduzido nos meios sociais e eclesiásticos de Roma, incluindo a Corte de Cristina, da Suécia, um dos centros da intelectualidade de Roma, a cidade mais cosmopolita da época, por abrigar políticos de todos os reinos católicos europeus, interessados em manter um política de boas relações com o Papa.

A sua produção de cartas é um tanto generosa, dada a possibilidade de se manter informado sobre tudo o que acontecia no mundo de então e o acesso à troca de correspondência entre os membros da Ordem, deram-lhe oportunidade de saber com antecedência sobre as várias decisões papais antes que as mesmas fossem divulgadas oficialmente.

Quanto aos sermões proferidos em Roma, à primeira vista, panegíricos e apologéticos, dissimulou várias críticas àqueles que se supõem vencedores e, excluindo o *Sermão do Mandato*, de 1670 e tratando do primeiro de *Santo Antônio*, panegírico e apologético, coloca em evidência a qualidade do Santo para socorrer nos casos de perda de objetos, hábito notório no Brasil da época e conservado até a atualidade: o de prendê-lo até alcançar a graça ou do responsório que se reza para tal.

No *Sermão de Santo Antônio de 1671*, não pronunciado, exaltou a localização de sua terra natal relacionado-a com a missão apostólica e a qualidade de vários portugueses que se exilaram para cumprir deveres para com a pátria, perderam suas vidas, mas seus feitos foram reconhecidos, embora um de seus filhos (ele) também se exilara por vontade própria, por perseguições de seus conterrâneos, quando poderia ser mártir sem sair dela, lembrando que a justiça divina não faltará.

A laicização de Roma é um dos temas preferidos do *Sermão de Cinzas*, de 1672, ocasião em que insiste na preparação da morte e quando as festas profanas de Roma , são duramente criticadas.

Dos *Cinco Sermões da Funda de David*, coloca em evidência o julgamento severo em relação á corrupção dos costumes e da acumulação desenfreada de capital, em detrimento da causa religiosa, com o único fim de sustentar a aparência; o perigo do avanço da religião reformada e a dificuldade de converter a própria Roma.

O talento para negociar com Deus é tratado no *Sermão de Santa Isabel*, diferente daquele para negociar os bens materiais e que, no primeiro caso, falta tato aos cortesãos e aos ministros.

Em quase todos os sermões proferidos em Roma, deixa transparecer os fortes vínculos que o ligavam à Escolástica mas, em nenhum momento deixou transparecer as suas preocupações e nem fez referências às lutas políticas, trabalhadas por ele de forma um tanto camuflada.

O Apocalipse e o Juízo Final permearam vários dos seus discursos, notadamente no *Sermão das Lágrimas de São Pedro e de São Bartolomeu*, onde ambos são descritos nos mínimos detalhes e reforça a missão evangélica do povo português ao terminar sua temporada em Roma, com o *Sermão de Santo Antônio*.

Com uma série de incidentes em Portugal que envolviam sua pessoa, não lhe permitiram sua volta no tempo programado, daí foi desfrutando do que a cidade lhe oferecia: confabulou com cristãos-novos, influenciado pelo padre Baltazar da Costa, provincial de Malabar, e pelas informações do procurador português no Japão, sobre as aversões dos nativos em relação aos batavos, engenhou a criação e uma Companhia privilegiada e atrelada ao capital judaico, para combatê-los.

Era evidente que D. Pedro negasse, uma vez que a transação viera a público e Vieira foi acusado por propagar panfletos que ameaçavam fidalgos e o próprio D. Pedro, motivo mais do suficiente para que o Santo Ofício se manifestasse contra em troca de ajuda financeira ao Reino, enquanto o povo protestava ,os bispos o pressionavam e o grupo afonsista se alvoroçava. E, Vieira foi acusado de encabeçar os planos.

Foram proclamados vários autos-de-fé (cerimônia em que se proclamavam e executavam as sentenças da Inquisição, onde os penitenciados abjuravam ou eram condenados ao suplício da fogueira), em Évora e Lisboa, incluindo freiras professas de Santa Clara, e outras da Congregação de Santa iria, foram penitenciadas, por suspeita de heresia.

De volta a Lisboa por ordem de D. Pedro, insuflado pelo povo e pelos seus inimigos que o viam como uma ameaça em Roma, Vieira ingenuamente ligou essa decisão ao fato de estar pregando a uma estrangeira, a Rainha Cristina da Suécia; também não aceitou pregar a

convite do arcebispo de Lisboa, alegando a idade avançada e a falta de dentes, decisão difícil de ser interpretada, se atentarmos para o fato de ter pregado várias vezes na Bahia, posteriormente, inclusive na Catedral; se foram problemas relacionados à sua saúde; não estar preparado para se expor publicamente ou por excesso de orgulho ferido ou ainda pela vaidade.

Somente em 1675 é que recebeu o Breve do papa que o livrava da jurisdição do Tribunal do Santo Ofício português e vinculava-o apenas à Congregação do mesmo tribunal em Roma.

Entre as considerações desse capítulo podemos observar que o fato de ser oriundo de uma família até distante da pequena nobreza, recebeu formação religiosa num colégio da colônia, possivelmente com o diferencial do método de ensino ser baseado no Ratio Studiorum[56]; se identificou com os ideais da Companhia de Jesus e com membros que fizeram grande história, a exemplo de Inácio Xavier. O posto mais alto que ocupou foi de Visitador Geral na Colônia do Brasil, em detrimento de muitos de seus pares que cursaram brilhantemente universidades européias e de outros tantos que aprenderam apenas ofícios mais humildes.

Os primeiros, além de ocuparem postos de comando, foram responsáveis por emitir uma série de decretos e medidas, a fim de aperfeiçoar a Instituição, de torná-la mais eficaz, desde obedecer as regras elaboradas por seu fundador, até gerar recursos das origens mais diversas e consideradas ou identificadas como suspeitas, para administrar com eficiência *os bens divinos.*

Usou de todos os recursos do poder da oratória, do conhecimento de assuntos coloniais, de forma a se sintonizar com a política-econômica direcionada pela metrópole ao próprio reino e ultramar.

O desempenho de tantos papéis, a começar pela influência junto a D. João IV, de Bragança antes de fazer os votos definitivos, revelam qualidades aprimoradas pela formação e com as quais lidava com uma certa naturalidade e como quem se sente com uma certa liberdade de ações, numa época em que o púlpito era um veículo considerado infalível e talvez o único meio para a divulgação da ideologia do poder laico e do poder religioso e onde a moral cumpriria sua presença.

---

[56] Plano pedagógico de todos os institutos Jesuíticos, no qual ficavam estabelecidos todos os princípios a serem observados na direção dos colégios, seminários e universidades. Consistia em fundir de forma orgânica o

pensamento medieval da Escolástica com as novas aspirações humanísticas da época. Afirmava a autoridade da Igreja e assegurava em certa medida, um campo livre para as atividades espirituais da nova geração.

E, curiosamente, ao fazer uso dos recursos dessa dialética, discriminou segmentos diversos da sociedade, como freiras, nobres burgueses, cristãos novos refratários, estrangeiros, protestantes, negros, mulheres, entre outros, assunto a ser tratado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II
A MORAL DE VIEIRA E OS VÍCIOS DA SOCIEDADE COLONIAL.

Os hábitos e costumes da Colônia têm sido explorados em trabalhos de vários estudiosos de diversas áreas do século passado e de intelectuais da época de Vieira, os quais trataram do tema das mais diversas formas, inclusive teceram críticas aos maus costumes locais e à habitual ausência de lisura com que altos funcionários do Reino, administravam seu cargos, em detrimento dos interesses metropolitanos e coloniais.

Para tornar possível a elaboração desse capítulo, foram selecionados sermões com conotações políticas, evangélicas, sociais e morais, entre outras, com o intuito de captar o que há de velado no conteúdo de seus discursos, referentes ao tema.

A conjuntura colonial em que Vieira, ainda jovem, proferiu essa fala é o mesmo tempo do violento ataque de Nassau à Bahia e à situação difícil, para não dizer desesperadora em que a mesma se encontra, por ser a parte mais representativa da Colônia.

No Sermão da Visitação de Nossa Senhora (folhetos publicados em 1690, T. IX – p. 321 – 349), proferido na Igreja da Misericórdia – Baía, 1640), em ação de graças pela vitória de 1638, contra os holandeses, quando da chegada do Marquês de Montalvão, vice-rei do Brasil

Trata-se de um sermão político, na medida em que retrata as circunstâncias em que vivia o Brasil na época da ocupação holandesa e Vieira dá a entender que a vinda de Montalvão seria o remédio que faltava para os males que afligem a Baía, parte mais importante do Brasil, chegando ao ponto de comparar sua chegada com a de Cristo, embora seja necessário ressuscitá-la, como Ele fez a Lázaro, tamanha as precariedades em que a mesma se encontra.

O orador afirma que os quatro que anteciparam Montalvão não conseguiram salvar a Bahia, apesar dos seus profissionalismos, resultou no sofrimento calado do Brasil em diversas ocasiões, pela falta de justiça. E o Marquês seria o seu intérprete nessa hora em que seus padecimentos chegam ao fim.

Aqui falta a *justiça primitiva, que castiga os maus como a justiça distributiva, que permeia os bons* (p. 321) pois justiça e castigo são os dois suportes em que se sustentam a monarquia, a exemplo os romanos: enquanto aguardavam igualdade, seu Império floresceu.

Vieira discorre em detalhes sobre os onze anos de guerra cheios de horror, prejuízos, mortes, retiradas que podem levar à destruição da república, caso providências não forem tomadas e justiças não forem praticadas, incluindo castigos e prêmios, os quais devem ser distribuídos por merecimentos, se bem que lembra que os serviços praticados no Brasil, são muito bem pagos por Sua Majestade.

Recorda toda a tragédia do cerco de 1638, sustentado bravamente pelos soldados, os quais padecem tanto na guerra, nos hospitais ou quando se tornam prisioneiros. Destaca novamente a falta de meios de transporte da colônia e o enfrentamento com o meio natural e os inimigos.

Através desse discurso, Vieira procura até convencer os holandeses a respeito da infâmia de sua dominação e ao rei da Espanha pela precariedade de assistência ao seu exército no Brasil, embora seu país seja um dos mais ricos do mundo, seus soldados andam descalços e rotos. E, com os portugueses, não é diferente o seu sofrimento e menor a sua fidelidade e prontidão com que morrem para servir ao seu Rei.

Mas, ao relatar a enfermidade do Brasil, vitimado da cobiça, do interesse, ganhos e conveniências particulares, deixa transparecer conhecimento de causa em relação a problemas econômicos da metrópole, ocasionados pela falta de escrúpulos de funcionários, evidencia aspectos de moralidade...

> *[...por onde a justiça senão guarda, e o Estado se perde. Perde-se o Brasil, Senhor (digamo-lo em uma palavra), porque alguns ministros de Sua Majestade não vêm cá buscar nosso bem, vem cá buscar nossos bens (...), assim podemos dizer que se perde também o Brasil, porque alguns de seus ministros não fazem mais do que a metade do que el-rei lhes manda. El-rei manda-nos tomar Pernambuco, e eles contentam-se com o tomar. Se um só homem que tomou, perdeu o mundo, tantos homens a tomar, como não hão de perder um estado?]*(p. 242 – 243).

Vieira não poupou críticas nem aos Ministros do rei, seja ele da Fazenda, da República ou da Milícia, cuja voluntariedade está explícita nas nuvens, uma vez que nunca se sabe onde elas se dissolverão em chuva. Os ministros adquirem fortuna por vários meios e acabam gastando-a em Lisboa ou Madri, uma vez que, muitos nobres que vieram para o Brasil ocupar cargos administrativos acabaram se enriquecendo em poucos anos e retornando. E o fizeram à custa *das lágrimas do miserável, e de todos os suores do pobre, que não sei como atura já tanto a constância e fidelidade destes vassalos. (p. 345).*

Profetiza a restauração do Brasil, aplicando aqui tudo que daqui se tira e, aproveita para solicitar ao Marquês de Montalvão eu se tome providências quanto à construção de um novo hospital, para acudir os *pobres enfermos*, visto que o enviado do rei possui um a piedade cristã, de forma a denunciar suas preocupações sociais, além de procurar conquistar a simpatia do governante na causa da Companhia - as obras da Misericórdia.

Assim que chegou ao Maranhão, em 1552, Vieira escreve ao Rei de Portugal, em Carta datada de 20/05, dando conta da vida espiritual dos moradores, embora portugueses e degredados e aventureiros, vivam pior que os naturais da terra: não têm e sacramento, *havendo muitos deles que não ouvem missas nem pregação em todo o ano por não terem, nem sabem os dias santos para os guardarem, nem os guardam, ainda que saibam...E a causa maior é a falta de igrejas e padres***;** denuncia os cativeiros injustos devido à cobiça, além de opinar sobre os cativeiros dos índios, de forma a influenciar o rei a proibir a lavoura de tabaco ao governador ou ao capitão-mor[57].

Vieira entende que as atitudes dos colonos ou portugueses-moradores têm levado o nativo cada vez mais para longe, a embrenhar pelas matas e perder a oportunidade de salvação, através do ensino do evangelho ministrado pelos jesuítas.

Mas, é no *Sermão da Vigésima Segunda Depois de Pentecostes,* publicado em 1689**,** T V, p. 225 – 253, no Maranhão, em 1653, político e moral, pregado na época em que esse estado foi dividido em dois governos, os quais foram entregues a moradores locais, que Vieira denuncia o abuso de poder dos altos funcionários e dos moradores.

É um dos mais conhecidos e comentados sermões do orador, pela crítica ferrenha que dirige aos surrupiadores do Estado português.

O sermonista toma como exemplo os Hebreus quando foram governados por Saul e Davi – *um que andava buscando os jumentas de seu pai. e outro andava guardando as ovelhas do seu* (p. 225). Seus ofícios eram simples, pois Deus não levava em conta esses detalhes, numa época em que os pastos e as lavouras eram mais do suficientes para o sustento a todos.

No caso do Maranhão, o governo foi dividido entre pessoas da mesma terra e acredita ser obrigação dos pregadores alertar a todos quanto aos problemas que podem surgir.

Todos os que governam são imagens de seus príncipes, nos que os representam em pessoa, e no exercício dos poderes (p. 227),... independente das suas qualidades. E isso

---

[57] AZEVEDO, vol. I, p. 297-298.

aconteceu desde que Deus deu a Adão o governo do mundo, porque o fez à sua imagem e semelhança. (id).

Em se tratando de governar homens, estes têm que representar a imagem do príncipe, coisa difícil e arriscada. *Fácil no que toca ao poder, mas no mandar e obrar muito dificultosa e de poucos* . É necessário sabedoria e prudência. Uma coisa é a imagem refletida no espelho e outra é a imagem esculpida ou pintada, mais trabalhosa, pois depende muito da arte. A escultura produz a imagem tirando e a pintura produz a imagem acrescentando, embora as duas produções exigem muito talento, acrescenta Vieira e que ao sair para pregar, São Paulo e Barnabé foram confundidos com Mercúrio e Júpiter pelos gentios, como pode ser ilustrado pelo texto a seguir:

> *A imagem de Júpiter pintava-se com um raio na mão (deus do poder) e a de Mercúrio (deus da prudência e sabedoria) com um báculo entre as serpentes* (p. 231), visto que *a ação do raio é fulminante, enquanto que o bastão é a temperança, a razão! Menos há de cinqüenta anos que nesta terra não se conhecia o nome de rei, nem se tinha ouvido o de lei: e que dificuldade será fazer obedecer e guardar nela as leis dos reis? Desde o mesmo tempo se sustentam os que conquistaram, não dos postos de animais domésticos, senão da caça e montaria de homens, e que dificuldade será ainda maior manter em paz e justiça os que só se mantém da guerra justa*. (p. 232).

Outro problema, diz ele, é que a imagem de César (do rei) encontra-se muito distante, *o rei está na Europa, e a imagem na América*. A ignorância do homem fê-lo crer que Deus, ao construir a corte no Céu, se esqueceria da Terra. E, muitos que recebem poderes para governar as conquistas abusam dele e o fazem de forma absoluta.

Em se tratando da distância a separar Portugal da Índia e do Brasil, *a fé, a obrigação, a obediência, o respeito, tudo se esfria, tudo se mareia, tudo referve. Vendo-se tão longe de quem os manda, como lá podem o que querem, não se contentam em querer o que podem* (p. 234). Confundem os poderes que receberam.

O sermonista esclarece que no Reino ainda usam métodos antigos para produzir imagens, as quais ainda tinham que ser rotuladas, como nos tempos de Tróia, quando produziam imagens das sombras refletidas através do Sol, em tamanho natural. No caso presente, produzem de acordo com a posição do Sol, daí serem bastante desproporcionais, por se excederem à medida dos reis, dos quais são imagens. Vê-se então o excesso de poder daqueles que representam o rei, no além-mar.

A réplica da imagem, afirma Vieira, pode levar muitos ao cativeiro, à morte, à mendicância e até à canonização daqueles que se tornaram vítimas da imagem que aqui chegou, pequenina e rude e tão logo foi adornada de finas roupas, *e pintadas com as falsas cores com que enganaram a fama, por ela são recebidas em andores, e freqüentadas com romarias. (p. 238).*

As imagens que saem do reino pequenas, ao chegarem aqui se tornam avantajadas e poderosas, pois quando são esculpidas, pintadas ou entalhadas, conservam sempre a visão do artista.

> *Porém as que são formadas de plantas, como têm as raízes na terra, donde recebem o humor, crescendo naturalmente os ramos, facilmente se decompõem, e se fazem monstros. Isto mesmo sucede, ou pode suceder aos que têm o governo da sua própria pátria, e não por outra razão ou fundamento, senão porque têm as raízes na terra. Ali têm os parentes, ali os amigos, ali os inimigos, ali os interesses da fazenda, da família, da pessoa* (p. 239).

Isso revela o perigo da imagem se degenerar. Se não souber ouvir, as informações ficarão prejudicadas; se não olhar com piedade inverterá os valores, se não falar com segurança e dosagem, as ordens não serão cumpridas a contento e se atingir os braços governará até onde não deve e tomará o que não lhe cabe.

Por isso, tais governantes devem tomar o exemplo das plantas que crescem livres e ilustra-o com o conteúdo do livro dos Juízes, IX,12, quando foi perguntado à oliveira, à figueira e à vinha, se queriam governar as demais árvores. Todas se escusaram, por amor a seus frutos.

Os governantes devem entender que tais encargos não podem ser executados levando em conta as ambições pessoais mas devem exercê-los de acordo, ou privilegiando o bem comum.

Após um consenso entre as árvores, ofereceram o governo delas ao espinheiro, o qual chamou todas a seus pés para usufruir da sua sombra e aquela que não aceitar será consumida pelo fogo. *Em conclusão, que quem há-de governar bem, deixa as suas raízes, e quem governa mal, arranca as dos súditos, e só trata de conservar as suas*.(p. 242)

Vieira ainda exemplifica a situação, ao mostrar o poder dos magistrados da República romana que carregavam um feixe de varas, mas cortadas das mesmas raízes e vara secas. O mais correto seria não aceitarem os governos mas, já que isso não aconteceu, podem

se tornar o espinheiro *que prometeu sombras e ameaçou raios* (id). Têm que seguir o exemplo do jardineiro que apara, dobra, endireita e corta as plantas de um jardim e, no caso da grande distância que os separa do Reino, não pode deixar de seguir o regimento que, sendo bem observado, verá nele a figura do rei.

Vieira passa a impressão que entende os reis, como representantes legítimos do poder absoluto, inspirado nas teorias bossuetianas, ou seja, do direito divino de governar e que as suas ordens são identificadas como espelho da sua alma.

Em seguida, discute os deveres dos súditos e vassalos do Rei, os quais devem apenas obedecer e esquecer o mando, pois a autoridade só pertence a quem manda, independente dos erros e acertos. Aos súditos cabe reprimir a tentação, sob a pena de serem tragados pelo Inferno com seus familiares, como aconteceu quando *da eleição do sumo sacerdote na pessoa de Aarão (...) mal recebida por muitos... (p. 249).*

Tem-se que contar que qualidades como a *honra e lustre* também não podem faltar naqueles que governam, sob pena de levar à ruína os seus governados e nem servir de suporte de ostentação do poder.

E, aquele que não respeitar e não se sujeitar ao poder do rei, não receberá as bênçãos do Céu.

A guerra *a farda e a ração dos próprios soldados, despidos e mortos de fome* (p. 71); o fato enviar degredados à *Índia com uma beca* se no próprio país explorava os seus conterrâneos.

Tudo isso foi noticiado por São Francisco Xavier a pedido de D. João III, através de cartas. E, de forma generalizada na Índia, *onde o verbo rapio se conjugava por todos os modos* (p. 72), como os sátrapas do Império persa, cujo termo é composto *de sat e de rapio*, isto é, roubam muito. O mesmo se pode falar de outras partes do ultramar português, onde

> *...conjugam por todos os modos o verbo rapio (...) Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo indicativo (...) pelo modo imperativo (...) pelo modo mandativo (...) pelo modo optativo (...) pelo modo conjuntivo (...) pelo modo potencial (...) pelo modo permissivo (...) pelo movo infinitivo (...) porque a primeira pessoa do verbo é a sua, a segunda os seus criados e as terceiras, quantas para isso têm indústrias e consciências (p. 72 – 73).*

Essas são as facilidades que se encontra no reino de Portugal, enquanto que na Holanda, armadores de corsários, dividem entre eles as costas da África, da Ásia e da América com tempo limitado, e nenhum pode sair a roubar sem passaporte, a que chamam

carta de marca. Isso atinge os moradores das províncias litorâneas e os nativos em terra, enquanto que os que ficam na república, *roubam os vassalos do mesmo rei, em cujas mãos juraram homenagem (p. 74).*

Adverte quanto à falta de interesse dos príncipes para assunto tão sério. E, se medidas não forem tomadas nesse sentido perder-se-á o Brasil e Índia, visto que, quando se trata de ladrão conhecido tem-se que bani-lo para sempre do ofício, caso perdure, comete-se uma grande injustiça.

Os exploradores dos rendeiros também não ficaram impunes. Os primeiros chamam os segundos apressadamente,

> *... rompe os escritos das dívidas, faz outros de novo com antedatas, a uns diminui metade, a outros a quinta parte, e por este modo roubando ao tempo os dias, às escrituras a verdade, e ao amo o dinheiro, aquele que só tinha sido quase ladrão, enquanto encartado no ofício, com a opinião que só tinha de o ter, foi mais que ladrão depois.* (p. 77).

No caso de conservação de bem público, Vieira sugere a dissimulação (não se aplicar a pena de morte) e se referem aos que ocupam altos cargos e são necessários ao Estado. Mas, quando se trata de furto, a perda do posto deve ser infalível. Tais suposições estariam ligadas ao castigo que sofreu Adão ao ser colocado fora do Paraíso e não sofrer a pena de morte, pois da sua vida dependia a propagação do mundo o crescer e multiplicar.

Se Deus age assim, os que estão em seu lugar também deverão fazê-lo. Vê-se a aqui a defesa do poder absoluto através da teoria do direito divino de governar.

Com certeza, a *Parábola dos Talentos* não poderia ser aplicada hoje, visto que, se o rei mostrar prudência e justiça não admitirá sujeitos de reputação duvidosa a seu serviço.

A idéia que se faz de um príncipe é que se entrasse na companhia de ladrões, teria uma parte no que fosse roubado, mas geralmente são os primeiros a serem roubados, *Antigamente os que assistiam ao lado dos príncipes chamavam-se latrones.*

Uma das formas dos reis resolverem esses problemas será fazer restituir tudo o que roubaram, salvando-se assim a si e aos ladrões. E, como bons ladrões deveriam fazer tais pedidos aos reis, desde que observassem as diferenças entre as fazendas do rei e dos particulares. As últimas pertencem a eles próprios e as do rei, pertencem à república.

A forma de como restituir pode ser imitada à de Frei Teodorico ao prestar contas a Carlos IV, ocasião em que o monge ficara apenas com seu humilde hábito, enquanto que o restante foi restituído ao Imperador.

Quanto aos particulares que subiram rápido na vida é porque rapinaram bastante e *contra a lei de Deus, ou com as leis e regimentos reais, e por qualquer destas cabeças, ou por ambas, injustamente. Assim se tiram da Índia quinhentos mil cruzados, de Angola duzentos, do Brasil trezentos, e até do poder do Maranhão, mais do que vale todo ele* (p.87). O rei tem como exemplo o Imperador Maximino, o qual fazia voltar para o fisco real tudo aquilo que roubavam nas províncias que haviam sido solapadas, aspecto que o rei tem que cuidar.

O governante tem que observar *que nos particulares cura-se um homem, nos reis toda a república* (p. 89). E, aqueles que roubaram com intenção de restituir que não se demorem, e os que não tinham tal intenção, tenham consciência de que o Inferno os aguarda.

Nesse discurso, Vieira deixa transparecer claramente o domínio que possuía, no que diz respeito ao funcionamento do sistema mundial capitalista e suas repercussões em áreas dependentes e periféricas, como o roubo institucionalizado, ausência de punição e do poder central, incluindo a presença da iniciativa privada.

Na seqüência, o *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma* (publicado em 1685, T. IV – pp. 153, pregado na Igreja Maior Maranhão, 1654, carregado de moral, Vieira, parte do princípio de que *a verdade e mentira* não caminham lado a lado, uma vez que a primeira é qualidade do pregador e a segunda dos ouvintes, os quais mentiram de três formas *não creram a verdade (...) porque impugnaram a verdade (...) porque impugnaram a mentira – pensamento, obra, palavra* (p. 153), respectivamente.

Em seguida, Antônio Vieira, passa a considerar as verdades que passará a pregar, afirmando *que no Maranhão não há verdades.*

Em cada lugar do mundo tem um vício. Segundo uma fábula alemã, quando o Diabo se despedaçou no ar, cada pedaço do seu corpo caiu num lugar, o que passou a caracterizar o seu povo. O fato da cabeça cair na Espanha fez seu povo ser fumoso, altivo, e arrogante; o fato do peito cair na Itália, fez com que os italianos fabricassem máquinas e trouxessem o coração sempre coberto; o ventre caiu na Alemanha, daí a gula prevalecer nesse povo, os pés, por caírem na França, os fez apressados e dançarinos; os braços, as mãos e as unhas crescidas ficaram na Holanda e em Argel, daí serem corsários.

Supõe-se então que a língua coube a Portugal e cada estado desse país ficou com uma letra do abecedário, tanto é que o

> *...M coube ao Maranhão, M. murmurar; M Motejar, M Maldizer, M Malsinar, M Mexericar, e sobre tudo, M Mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras,*

> *mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente novelas e novelos, são as duas moedas correntes desta terra: mas têm uma diferença, que as novelas armam-se sobre muito, para tudo ser moeda falsa (p. 156 – 157).*

Ao comparar a Baía com o Maranhão, destaca o tempo regular da primeira e o tempo instável do segundo, embora D. Fradique de Toledo, quando esteve na Baía, em 1625, se surpreendeu com a inconstância do clima, afirmando *que En el Brasil hasta los cielos mientem.* (p. 157), embora em Roma, as mudanças também são bruscas e o céu sobe às influências da terra. Mas, no caso do Maranhão as transformações repentinas são realmente marcantes, ao ponto do mais experiente piloto não conseguir prever mudança alguma e acabar perdendo embarcações, uma vez que *até o Sol mente.*

Vieira alerta que o mesmo se pode dizer da sociedade. *Cuida o homem nobre hoje, que está em altura de honrado, e amanhã acha-se infamado e envilecido. Cuida da donzela recolhida, que está em altura de virtuosa, e amanhã acha-se murmurada nas praças. Cuida o eclesiástico, que está em altura de bom sacerdote, e amanhã acha-se com reputação de mau homem* (p. 158).

Sua inconformação com a falta de justiça no Maranhão fá-lo tornar o discurso por demais violento, ao afirmar que **...** *a verdade é filha legítima da justiça, porque a justiça dá a cada um o que é seu* (p. 159).

Assim como o Céu, afirma ele, influiu uma virtude numa terra, nela virá outra e depois outra, e com os vícios não se passa diferente. *Se o clima influi soberba, nasce a inveja, se influi gelo, nasce a luxúria: se influi cobiça, nasce a avareza, se influi ira, nasce a vingança...* (id) e da ociosidade faz nascer a mentira, qualidades um tanto em evidência no Maranhão, daí a facilidade para gerar tanta erva daninha. Os próprios portugueses se deixam contagiar por essas *virtudes que vêm do Céu*, e podiam ser comparados aos escribas e fariseus, tidos por abastados e ociosos, por mentirem até a Cristo.

O povo que trabalha não tem tempo de cuidar das coisas alheias, enquanto que os ociosos, sim.

A ociosidade de Eva fê-la se deixar levar pelo engodo da serpente, a qual *começou pela especulação e acabou na mentira* (p. 161). Davi já afirmava que os ociosos imaginam com a língua, com a falta de escrúpulos e acabam prejudicando inocentes.

Deus alega pecado mortal àquele que faz mal juízo de seu próximo, em pensamento, dada a delicadeza da honra e da reputação, o que implicaria em falso testemunho.

No caso do Maranhão, a terra é um tanto ociosa, daí ficar sujeita a imaginações e, segundo São Tiago, *não há fera mais dificultosa de enfrear que a língua* (p. 163). Aqui mentem até a si próprios.

Muitas vezes, os homens não ouvem com clareza**.** *Quantas vezes entre a boca do outro e os nossos ouvidos ficou a honra alheia pendurada por um fio? E queira Deus que não ficasse enforcada* (...). E com os corações, a situação ainda é pior, pois *cada um ouve, não conforme tem ouvidos, senão conforme tem o coração e a inclinação (...). Tudo que luta pelos ouvidos faz ecos no coração* (p. 165).

O coração deu a forma às estátuas de São Bartolomeu, tão formosa e do Diabo, tão horrorosa, embora o metal fosse o mesmo. Devido ao retorcimento e textura do ouvido, passam para a boca com os mesmos defeitos e, de duas verdades que entram nos ouvidos, chega à boca uma mentira.

E, mesmo aquele que julgar que não se encontra aqui, se fizer um exame de consciência *antes de se deitar, não o há de poder fazer sono* . Os olhos mentem mais à noite que de dia. E, quando há a luz tênue da Lua e das estrelas, o engano é maior.

Embora pensem que os homens dessa terra foram afrontados, não é verdade. *Hoje vos restitui vossa honra, porque provei que mentem todos os que dizem mal de vós* **(**p. 173**).** *O mentiroso conhecido há de se entender às avessas; e entendido às avessas, nem afronta, nem mente, porque diz verdade* (p. 174).

> *É verdade que os forasteiros a quem eu prego esta doutrina fazem um terrível argumento contra a nossa terra. Chegam a este porto, põem os pés na letra, e ouvindo dizer mal de todos e de tudo, fazem este discurso. Ou estes homens mentem, ou falam verdade, se falam verdade, esta é a mais má terra de todo o mundo, pois nela se cometem tantas maldades, e se mentem, também a terra é muito má, pois os homens têm tão pouca consciência que levantam tantos falsos testemunhos (id)*

No Maranhão, continua Vieira, é verdade que há muitas mentiras, mas mentirosos, isso não; os falsos testemunhos são levantados por si mesmos.

E essas mentiras para o orador, não têm por onde repartir**:** *aqui nascem e aqui ficam: e quando as mentiras todas ficam na terra, e todas vos caem em casa, ainda por conveniência e razão de Estado as haveis de lançar fora* (p. 177).

Ao pronunciar o *Sermão e Santo Antônio aos peixes* (T.VII – p. 246–80) em São Luís – Maranhão, 1654), aparentemente moral, Vieira continuidade à crítica ao povo do

Maranhão pelo excesso de corrupção, uma vez que nem o sal, tão vulnerável à diluição, não consegue impedir, por ineficácia dos pregadores ou pela má qualidade da terra, uma vez que: os ouvintes se recusam a absorver a doutrina.

Seria o caso dos pregadores seguirem o exemplo de Santo Antônio ao pregar aos hereges de Arímino, os quais não assimilaram os ensinamentos e o ofenderam muito. Mas, não abandonou a doutrina e acabou por pregar aos peixes, os quais tão logo o ouviram se ajuntaram em grandes cardumes e de todos os tamanhos. Tornou-se *sal da terra e (...) sal do mar*.

Admite que os seus sucessos no Maranhão podem ser comparados aos de Santo Agostinho em Arímino: as pregações foram muitas e os resultados tão poucos, daí também pregar aos peixes – ouvem e não falam, facilitando a pregação e, por outro lado, não se pode convertê-los; embora isso não seja causa de tanto sofrimento.

Como o sal tem qualidades para conservar o que é são, os pregadores *devem louvar o bem e repreender o mal*, e isso cabe aos homens e aos peixes, pois quando *Cristo comparou a sua Igreja à rede de pescar, disse que os pescadores recolheram os peixes bons, e lançaram fora os maus* (p. 248 – 249). E, louva suas virtudes: foram os primeiros seres animais criados por Deus e os mais numerosos desse reino, se bem que o direito de reinar sobre todos os reinos foi dado ao homem.

São capazes de ouvir o que não entendem, por serem irracionais, enquanto que os homens, mesmo sendo racionais não compreenderiam, daí o respeito que deveriam ter pelos peixes. A história de Jonas é um exemplo da sabedoria dos peixes: jogado no mar, foi engolido por um peixe, o qual levou-o a pregar em Nínive. *É possível, que os peixes ajudam na salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação?* (p. 250).

Segundo Aristóteles, apenas os peixes não são domesticáveis (enquanto que os animais da terra e os do ar, sim), motivo que o leva a condená-los. Mas, Vieira os louva, por serem prudentes ao viver distante dos homens. E, por ocasião do Dilúvio, foram os únicos animais que se salvaram.

Os próprios filósofos já advertiam que a melhor terra para se pregar é a mais deserta, exemplo seguido por Santo Antônio, o qual deixou o lar, tornou-se religioso, saiu de Portugal, fugiu dos homens e chegou a passar por idiota.

Diante de tantas virtudes com que dotou-os Deus, menciona apenas algumas, iniciando por Tobias que, ao parar às margens do rio para lavar os pés deu de cara com um grande peixe. Assustado diante da ameaça, o anjo disse que o pegasse pela barbatana e o

levasse à terra. Ao matá-lo, deveria guardar suas entranhas para que, com o fel curasse da cegueira, enquanto que o coração era útil para espantar os demônios.

Vieira mostra também a necessidade de um anjo para livrar os homens da cegueira e tirar os demônios para fora de suas casas, dirigindo-se aos moradores do Maranhão, soberbos, cobiçosos e dados à sensualidade.

O pescador pesca mais na terra que na água, onde *pescam as varas (e tanta sorte nas varas), pescam as ginetas pescam as bengalas, pescam os bastões e até os ceptros pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros* (p. 257). Esses seriam os pescadores de cargos e de riquezas que não tremem e não temem.

Outra qualidade dos peixes é a de serem servidos nas ceias das famílias austeras, ajudam na penitência da quaresma, festejam a Páscoa com Cristo, *companheiros do jejum e da abstinência dos justos; os mais fecundos entre os animais, saciam as sardinhas a fome do pobre, enquanto que o salmão tem lugar apenas na mesa dos ricos*.

O único mau conceito que é feito a respeito dos peixes é que os grandes comem os pequenos, daí ser necessário muitos destes para saciarem aqueles, referindo-se alegoricamente à exploração do trabalho indígena pelos moradores locais.

Como afirmou Santo Agostinho, *os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia cousa é não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer* (p. 261). Na verdade, os brancos se comem mais que os tapuias que são antropófagos. Comem-se até depois de mortos, tamanha é a ganância dos colonos.

> *Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores: comem-no os oficiais dos órfãos, e os dos defuntos e ausentes: come-o o médico que o curou ou ajudou a morrer, come-o o sangrador que lhe tirou o sangue, come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho da casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que cantando o levam a enterrar: enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra (...); mas se comem vivos também (p. 261).*

Deus mesmo afirmou *que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe,* porque lhes tiram o pão, alimento de todos os dias.

Todavia, para Vieira, tais injustiças não passam sem castigo, como pode ser ilustrado a seguir:

> *Os mais velhos, que me ouvis e estais presentes, bem vistes neste estado, e quando menos ouvíreis murmurar aos passageiros nas canoas, e muito mais lamentar aos miseráveis remeiros delas, que os maiores que cá foram mandados em vez de governar e aumentar o mesmo estado, o destruíram; porque toda a fome que de lá traziam, a fartavam em comer e devorar os pequenos. Assim foi: mas se entre vós se acham acaso alguns dos que seguindo a esteira dos navios, vão com eles a Portugal e tornam para os mares pátrios, bem ouviram estes lá no Tejo, que esses mesmos maiores, que cá comiam os pequenos, quando lá chegam acham outros maiores que os comam também a eles. Este é o estilo da Divina Justiça, tão antigo e manifesto, que até os gentios o conheceram e celebraram (p. 263- 264).*

Em seguida, Vieira passa a advertir aos que governam, sobre a necessidade de zelar melhor pelo bem comum, sobrepondo-se aos desejos particulares. Critica severamente o comerciante de panos que ilude o comprador um tanto iludido e indefeso.

O orador admite que o pano é a isca e o pescador é o vendedor, mostrando a ilusão que tem o primeiro no trajar e o segundo, por explorar o trabalhador que investe num simples vestuário o trabalho de um ano inteiro nas roças de tabaco e algodão, quando não penhoram até a próxima safra.

Observa ele que na idade das vaidades, a tendência é iludir-se com as vestimentas, ao contrário de Santo Antônio que deixou as nobres vestimentas que lhe cabiam, dada à sua classe social, vestiu-se simplesmente e saiu a pescar homens, uma forma de criticar a preocupação com o visual.

Os peixes pequenos são os que mais roncam, identificando-os com os pequenos comerciantes do lugar, os quais ludibriam os pobres compradores de seus artigos.

Vieira retoma à viagem que fez entre o Maranhão e o Pará pela costa, quando à altura da linha equatorial, encontrou pegadas de caçadores, cuja presença se tornou comum após a chegada dos portugueses na região, *porque não parte vice-rei, ou governador para as Conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remédio* (p. 270). Na predação ao peixe grande, muitos pegadores morrem, dada a sua fúria ao se ver com a isca na goela.

Outra crítica interessante é feita ao peixe voador, o qual não se contenta em ser criatura da água, quer voar, ajudado pelas imensas barbatanas, morre sem ser fisgado, apenas tocando a vela ou a corda. Não contente com o seu habitat, torna-se vítima fatal do vento.

À vista deste exemplo, peixes, tomai na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem (p. 274). O caso de Simão Tiago ilustra esta afirmação: tentou uma apresentação em Roma ao tentar voar ao Céu. Como não conseguiu seu intento, Deus permitiu que apenas quebrasse os pés. Assim, não pode andar e nem voar.

Segundo o Apocalipse de São João, II, 14, o santo viu *aquela mulher, cujo ornato gastou todas as luzes ao firmamento, e diz que lhe foram dadas duas grandes asas de águia (...) para voar ao deserto.* As duas asas foram dadas a Santo Antônio para que pudesse descer e subir ao Céu. Se os peixes usarem as barbatanas apenas para descer, estarão mais seguros.

Nas profundezas do mar, encontra-se também o polvo, cujo capelo assemelha-se ao do monge, tido por *maior traidor do mar*, usa vários artifícios para camuflar sua ação predadora contra os mais ingênuos e distraídos. Age como Judas agiu com Cristo: abraçou-O para que o prendesse, daí ser Antônio o exemplo da retidão e honestidade.

Antigamente, bastavam essas qualidades para ser português. Não era necessário ser santo, daí Vieira se referir àqueles que vivem dos bens doa náufragos, os quais *ficam excomungados e malditos* (p. 277).

O sermão aos peixes é endereçado aos homens cobiçosos que morrem sem receber o Sacramento, para cujo sacrifício foram escolhidos animais da terra e do ar, visto que os do mar chegariam mortos.

E, como se pode observar, esse sermão demonstra preocupações sociais, políticas e administrativas.

Os desentendimentos entre jesuítas e colonos, em relação à exploração dos índios, disputada entre colonos e jesuítas, embora os últimos amparados pelo Rei, pela carta de 21-12-1652, em que confia a Vieira a missão de evangelizar os nativos, na verdade, lhe dá amplos poderes de um lado e de outro, indefinidos, uma vez que os meios para colocá-los em prática desde sua chegada à região.

Para os jesuítas, os indígenas representam um papel duplo: representam uma força de trabalho imprescindível para todas as tarefas e almas a converter, o que o leva a endereçar várias propostas ao rei, com intuito de reforçar o controle dos missionários sobre o aprovisionamento e a distribuição da mão-de-obra indígena, interesses irreconciliáveis com os dos colonos. Esse é o contexto do *Sermão do Bom Ladrão*, publicado em 1683**,** T**.**V – p.

55 – 91), pregado na Igreja da Misericórdia de Lisboa, em 1655, também moral e político, logo que chega à capital do reino e, com certeza diante de um público envolvido com a empresa colonial, após três anos de vivência na Amazônia.

Justifica que a pregação do dia deveria ocorrer na Capela Real, porque o texto pertence àquele lugar. Segundo o Evangelho de São Lucas, XXIII, foram sentenciados em Jerusalém dois ladrões e executados pela crucificação sem apelação. E, tal assunto não cabe à Misericórdia de Lisboa pela sua humildade, pois a *primeira diligência que faz, é eleger por procurador das cadeias um irmão de grande autoridade, poder e indústria; e o primeiro timbre desse procurador, é fazer honra de que nenhum malfeitor seja justiçado em seu tempo* (p.55). A segunda parte caberia ao Paço e à Capela Real, onde se fala com o rei e onde o mesmo despacha seus memoriais. E o único receio do pregador era não contemporizar *a doutrina com o lugar.*

Por isso, inspirou-se em Jonas que pregara pelas ruas de *Nínive e logo sua pregação chegou aos ouvidos do rei*. Espera que ocorra o mesmo e que chegue a todos os monarcas, os quais devem imitar o *Rei dos Reis.* Mas, hoje se satisfará em persuadir os mais próximos, lembrando a todos do ladrão que pediu a Cristo que não se esquecesse dele no Reino do Céu. Todavia, aqui acontece ao contrário**,** *em vez de os reis levarem os ladrões ao Paraíso, os ladrões são os que levam consigo os reis ao Inferno* (p. 57. E o que anima a pregar é a presença de grandes autoridades.

Como se trata de *um discurso importante,* admite Vieira tem que se fundamentar em bases sólidas, daí supor *que sem a restituição do alheio não pode haver salvação.* Santo Tomás fundamenta a explicação baseando-se em Santo Agostinho assim*: se o alheio que tornou ou retém, se pode restituir e não se restitui, a penitência deste e dos outros pecados não é verdadeira penitência, senão simulada e fingida* (p. 57), desde que se tenha condições de repor. Só o arrependimento sério e o não poder restituir salvaram o ladrão. O fato de ser bom ladrão o salvou. Os maus ladrões roubaram quanto puderam em vida e tinham com que restituir, mas testamentaram seus bens a seus descendentes.

A restituição já era levada muito a sério no Antigo Testamento, no qual já se previa a escravidão por dívidas. Nada desobrigava a restituição, tido como *direito positivo, enquanto que a lei natural (...) manda restituir a quem pode, e tem com quê... (p. 58).*

Segue-se então que só Dimas se salvou de imediato, enquanto Zaqueu[58] demorou mais, pois o primeiro era pobre e o segundo rico e com imunidade *para roubar sem castigo...* (p. 59), embora praticasse obras pias.

A restituição atinge a todos, sejam súditos, particulares, príncipes e reis. A *lex naturalis obriga os reis, porque a natureza fez igual a todos* (p. 61), e a lei divina faz Deus maior que todos. A rapina que comete os príncipes em relação a seus vassalos faz parecer o roubo lícito em certos casos. E, tomando o que não lhes é lícito, estão sujeitos à restituição como ladrões.

O exemplo dos cativeiros dos reinos de Israel e Judá ilustram essa situação, pois *seus príncipes em vez de guardarem os povos como pastores, os roubaram como lobos* (p. 63). Segundo Esequiel[59], apenas Saul e David não praticaram tais crimes.

De acordo com as palavras de Santo Agostinho, os reinos onde são comuns tais injustiças, são os.

> *...latrocínios ou ladroeiras" e incluem reinos grandes e pequenos. Tal é a passagem ou diálogo entre Alexandre e um pirata que roubava os pescadores das redondezas e foi repreendido pelo soberano, ao qual lhe respondeu: Basta senhor, que eu porque roubo em uma barca sou ladrão, e vós porque roubais em uma armada, sois Imperador? Roubar pouco é culpa e "roubar muito é grandeza* (p. 63-64).

Mas, todos estão condenados, diz Sêneca, tão corajoso por expor suas idéias justamente na época de Nero, enquanto *que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos e timoratos* (id.), não são capazes da mesma coragem. Não passam de *eloqüentes mudos*, pois esquecem *que mais ofendem o rei com o que calam, que com o que disserem... (ibid).*

Outro caso a considerar é o ladrão famélico, este *não vai nem leva ao Inferno*. O predicado de ladrão cabe mesmo àqueles *que cortam bolsas*, pegam as roupas dos que se vão banhar, identificados com os que *dirigem exércitos e legiões, ou o governo das províncias....* Diógenes já criticava esse tipo de ladrão e observava quando os justiceiros levavam ladrões para a forca: *Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos.* Em Roma

---

[58] Zaqueu era o mais conhecido chefe judeu dos publicanos de Jericó. Teria subido numa árvore alta para ver Jesus que passava, Pode ser identificado por puro.

[59] Esequiel era um dos profetas menores, cujo livro, não escrito por ele, relata suas experiências e suas atividades de profeta , entre elas o cerco de Nabucodonosor a Jerusalém e a deportação de seus habitantes. Por não se converterem, Javé a castiga por corrupção (Born, op. cit, p. 548)

não era diferente: enforcava-se aquele que roubava um carneiro *e premiava um cônsul, ou ditador por ter roubado uma província....* Seronato, por exemplo, era criticado por acabar com os ladrões para poder roubar sozinho.

São esses ladrões que carregam consigo os soberanos ao Inferno, embora sejam os reis as maiores vítimas do roubo e vítimas de várias formas e maneiras: por lhes darem *os ofícios e poderes com que roubam: porque os reis os conservam neles; porque os reis os adiantam e promovem a outros maiores sendo os reis obrigados, sob pena de salvação, a restituir todos estes danos, nem na vida, nem na morte os restituem.(p. 66).*

A crítica de Vieira, passa a ser endereçada aos fidalgos pobres que provém os cargos, quando deveriam receber por esmola apenas a tença, prover com uma fortaleza nas Conquistas o capitão mais antigo, esquecendo ou ignorando que o próprio fazia dos primeiros despojos de guerra a *farda e a ração dos próprios soldados, despidos e mortos de fome;* o fato de enviar à Índia com uma beca se no primeiro país explorava os seus conterrâneos.

Tudo isso foi noticiado por são Francisco Xavier a pedido de D. João III, através de cartas. E, de forma mais generalizada na Índia,

> *... o verbo rapio se conjugava por todos os modos, como os sátrapas do Império persa, cujo termo é composto de sat e rapio - roubam muito. O mesmo se pode falar de outras partes do ultramar português, onde conjugam por todos os modos o verbo rapio... Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo imperativo (...) pelo modo imperativo (...) pelo modo mandativo (...) pelo modo optativo (...) pelo modo conjuntivo (...) pelo modo potencial (...) pelo modo permissivo (...) pelo modo infinitivo (...) porque a primeira pessoa do verbo é a sua, a Segunda os seus criados e a terceira, quantas para isso tem indústrias e consciências (p.72-73)*

Essas são as facilidades que se encontra no reino de Portugal, distinto da Holanda, onde há armadores e corsários, estes dividem os litorais da África, da Ásia e da América com tempo limitado, *e nenhum pode sair a roubar sem passaporte, a que chamam carta de marca,* enquanto os que ficam na república, *roubam os vassalos do mesmo rei, em cujas mãos juraram homenagens.*

Vieira mostra-se estarrecido quanto à falta de interesse dos príncipes por assunto tão sério. E adverte que, se medidas não forem tomadas nesse sentido, perder-se-á o Brasil, e Índia, visto que, quando se trata de ladrão conhecido tem-se que bani-lo para sempre do ofício, caso perdure, cometer-se-á uma grande injustiça.

Os exploradores dos rendeiros também não ficam impunes.

> *Os primeiros chamam os segundos apressadamente, rompe os escritos das dívidas, faz outros de novo com antedatas, a uns diminui a metade, a outros a Quinta parte, e por este modo roubando no tempo os dias, às escrituras a verdade, e ao amo o dinheiro, aquele que só tinha sido quase ladrão, enquanto encartado no ofício, com a opinião que só tinha de o ter, foi mais que ladrão depois (p. 77).*

No caso de conservação dos bens públicos, sugere a dissimulação (não se aplicar a pena de morte) e se referem aos que ocupam altos cargos e são necessários ao Estado. Mas, quando se trata de furto, a perda do posto deve ser infalível. Tais suposições estariam ligadas ao castigo que sofreu Adão ao ser colocado fora do paraíso e não sofrer a pena de morte, uma vez que sua vida dependia da propagação do mundo: o crescer e multiplicar.

Se Deus age assim, os que estão em seu lugar também deverão fazê-lo. Vê -se aqui a defesa do poder absoluto através da teoria do direito divino de governar.

Com certeza, a Parábola dos talentos, não poderia ser aplicada hoje, visto que se o rei mostrar prudência e justiça, não admitirá sujeitos de reputação duvidosa a seu serviço.

A idéia que faz de um príncipe é que se entrasse na companhia dos ladrões, teria uma parte no que fosse roubado mas, geralmente são os primeiros a serem roubados. *Antigamente os que assistiam ao lado dos príncipes chamavam-se latrones.*

Ensina os reis uma forma de resolverem o problema: Fazer restituir tudo o que roubaram, salvando-se assim a si e aos ladrões. E, como bons ladrões, deveriam fazer tais pedidos aos reis, observando as diferenças entre as fazendas do rei e dos particulares: as últimas pertencem a eles próprios e as do rei, pertencem à república.

A forma de como restituir pode ser à de Frei Teodorico ao prestar contas a Carlos IV: o monge ficou apenas com seu humilde hábito e o restante foi restituído ao Imperador.

Quanto aos particulares que subiram rápido na vida é porque rapinaram bastante e *contra as leis de Deus, ou com as leis e regimentos reais, e por qualquer dessas cabeças, ou por ambas, injustamente. Assim se tiram da Índia quinhentos mil cruzados, de Angola duzentos, do Brasil trezentos, e até do poder no Maranhão, mais do que vale todo ele (p. 87)***.** O rei tem como exemplo o imperador Maximino, o qual fazia voltar para o fisco real tudo aquilo que roubavam nas províncias que haviam sido solapadas, aspecto que o rei tem que cuidar.

O governante tem ainda que observar que nos particulares cura-se um homem, nos reis, toda a república. E, aqueles que roubaram com intenção d restituir que não se demorem, e os que não tinham tal intenção, tenham, consciência de que o inferno os aguarda.

É pertinente ressaltar a defesa dos interesses jesuítas, através de todas as denúncias feitas publicamente, durante sua fala e que resultou na lei de 9 de abril de 1655, favorável aos interesses dos jesuítas na região, na qual ficam restritos os casos de escravatura, doravante cabendo ao soberano decretar a propalada *guerra justa;* monopólio da organização de expedições para trazer índios às missões aos jesuítas, aos quais caberia a responsabilidade de administrar espiritual e temporalmente os índios, em detrimento de outras ordens religiosas.

Na seqüência , o *Sermão da Terceira Dominga da Quaresma* (publicado em 1679, T**.** III – pp. 171 – 215), proferido na Capela Real – Lisboa – 1655, de tendências morais e políticas, pregado na presença da Corte, para a qual expõe a doutrina ou dogma da Confissão, sem a qual a ida para o Inferno é infalível.

Ilustra sua fala com o exemplo do filho pródigo, perdoado antes mesmo de voltar para casa e confessar sua culpa, enquanto que na Confissão dos membros da Corte *o mudo fala, e o Demônio não sai***...** As confissões são em grande número, mas os efeitos da graça são poucos, por isso elas são mais temíveis.

Os que praticam as confissões negadas, se esquecem do Dia do Juízo, segundo São João, I, 20, *virá o dia do grande cadafalso do mundo* , onde todos serão julgados.

Cada um deve fazer um exame de consciência a respeito das suas confissões, mas essa proposta não deve atingir *todos os estados, senão os que têm o Estado à sua conta* – os nobres.

Tece em seguida, severas críticas *ao desembargador da Casa de Suplicação, dos Agravos, do Paço*; aqueles que acumulam cargos, justificando que até o Sol tem seu próprio ofício e é o mais importante de todos e não dá conta de iluminar os dois hemisférios de uma só vez. E nem Adão deu conta de presidir a Terra, o Mar e o Ar – ele, que saíra das mãos de Deus, perdera todos os seus ofícios de uma só vez, perdeu o mundo, perdeu a si e a todos os homens. E, na República de Platão, ninguém exercia mais de um ofício.

Após os exames dos ministros, mostra que é necessário *um Dia do Juízo* todo para exame, e a questão que merece mais crítica é a aquela que envolve as eleições que ocorrem no Reino.

Já se sabe que em Portugal e no Ultramar, por se tratar do maior império do mundo), onde é necessário um imenso corpo burocrático e outros cargos.

> *Tantos reinos, tantas nações, tantas províncias, tantas cidades, tantas fortalezas, tantas igrejas catedrais, tantas particularidades na África, na Ásia, na América, onde põe Portugal vice-reis, onde põe governadores, onde põe generais, onde põe capitães, onde põe justiças, onde põe bispos e arcebispos, onde põe todos os outros ministros da fé, da doutrina, das almas... (p. 190).*

Torna-se necessário distribuir bem os cargos em tantos lugares, uma vez que o cobiçoso, se tem a chance, acaba roubando**,** *e o fraco onde há ocasião de renegar, e o pobre onde há ocasião de empobrecer; que há – de - ser das conquistas, e dos que com tanto e tão honrado sangue as ganharam ?* (id).

Nos Brasis, nas Angolas, nas Goas, nas Malacas, nos Macaus, onde o rei se conhece só por fama, e se obedece só por nome; aí são necessários os criados de maior fé, e os talentos de maiores virtudes (p. 191).

Se no reino, onde estão tão próximos do governantes, não cumprem as suas obrigações, não se pode esperar muito do Ultramar, uma vez que o mesmo encotra-se distante e não há como o Rei punir.

Como vê, Vieira não poupou argumentos para criticar aqueles que se enriquecem às custas dos cargos que possuem, inclusive a burocracia do Sistema, por facilitar a corrupção.

Como não há penitência sem confissão, *ninguém vai ao Inferno sem seu porquê*. E os modos, são os mais diversos e caprichosos e envolvem as mais perigosas tramas, como por exemplo a que envolveu os filhos de Isaac. Mostra o engano em relação a Jacob e a astúcia de Rebeca – *a verdadeira arte de furtar*. (p. 207).

Por fim, Vieira volta-se para as audiências dos ministros que tantos danos causam ao Reino.

Dois anos mais tarde, após seu retorno, profere o *Sermão da Quarta Dominga da Quaresma* (publicado em 1699), T IV - p. 51 –74, pregado na Igreja Matriz - Maranhão, em 1657, moral e social, onde se percebe que seu discurso não fora amenizado, apesar das deliberações que confirmavam a posição dominante dos membros da Companhia de Jesus no Maranhão; de intermediar conflitos entre índios e moradores; de deter a exclusividade da evangelização e controle da distribuição de mão-de-obra nativa, aspectos que dominavam o sistema colonial em seu conjunto, Vieira procura reforçar o seu poder, através da oratória.

Inicialmente, o orador esclarece que nos sermões anteriores pregou apenas à alma e que desta vez tratará do corpo, por serem ambos criados por Deus. *Ensinará como se hão de alcançar os bens espirituais, e ainda acrescentar os temporais* (p.51).

Embora o mundo todo se preocupa em buscar a sobrevivência, a começar pelo lavrador, o soldado, o navegante, o mercador, o estudante, o requerente nos tribunais, ela tem um preço. *Os pobres dão pelo pão o trabalho, os ricos dão pelo pão a fazenda, os de espíritos generosos dão pelo pão a alma, e nenhum homem há que não dê pelo pão todo o seu cuidado* (p. 52).

Com a natureza tal preocupação se repete, como por exemplo, a finalidade das ervas, o crescimento das plantas, o florescimento, os frutos, o trabalho dos animais, os mansos do campo, a criação dos silvestres nas brenhas, os do mar, os do rio. Ao trabalhar, os elementos da natureza, também não foge ao fim da sobrevivência. É só ver *o fogo na fornalha e nas azenhas, o ar nas velas e nos moinhos, a terra nas vinhas e nas searas, e até o Sol e a Lua, e as estrelas* (p. 52), não ficam ociosos**,** *porque o que todos aqueles orbes celestes, fazem andando em perpétua roda e voltando sem nunca descansar, é produzir e temperar com suas influências o que há de comer o homem* (id). E até o céu se preocupa com o sustento de cada um.

Para terem pão à vontade e de forma mais segura é seguir a Cristo através das Sagradas Escrituras, quando do milagre *dos cinco pães e dos dois peixes,* com que Ele alimentou uma multidão.

Vieira lembra que n*o Levítico XXVI,* Cristo promete a chuva e os frutos a seu tempo, desde que o sigam; nos *Livros Sapientiaes,* repete que não afligirá com a fome o corpo do justo; nos Salmos, Cristo livrará da pobreza aquele que o serviu, em detrimento dos ricos, nos Livros Proféticos já vemos um Deus irado e vingativo*: se me servireis comereis, se não me servireis, sereis comidos*; no Evangelho de S. Mateus, o homem tem que primeiro buscar *o reino de Deus, e tudo o que vos for necessário, vos buscará a vós,* e nas Epístolas, São Paulo diz que *os que servem a Deus e estão em graça, são seus filhos adotivos*, daí serem os seus herdeiros e nada lhes faltará.

É aqui que encaixa a forte crítica aos que ganham fortunas no Brasil (Maranhão) e vão gastá-las em Portugal. Esquecem-se de que com as letras de Deus, estariam mais seguros do que com as letras de um herege, de um judeu ou de um turco, referindo-se ao mercador.

Deus não ajudou os filhos de Israel, enquanto cativos no Egito e sim quando se dirigiram à Terra Prometida, contrapondo assim o pecado e a salvação. A escolha da Terra da Promissão é a escolha do Céu, contra o Inferno de quando viviam no Egito.

O mesmo aconteceu com as bênçãos que dera a Isaac, a Esaú e a Jacob. Ao primeiro coube os bens da Terra, e depois os do Céu e em segundo, pôs os da Terra, porque este furtara as bênçãos que deveriam ser por direito de sucessão a Esaú .

Com uma série de outros exemplos bíblicos, lembra a servidão a Deus por parte de Abraão: a castidade de José que trouxe searas para sua família, para o Egito e todo o mundo e as riquezas espirituais de David por perdoar as injúrias. E, para recebê-las também terá que imitá-los, isto é, provar a servidão a Deus.

Vieira entende que era preciso também provar ao Rei para poder receber suas mercês, como pode ser observado no sétimo mandamento exprime bem as conseqüências de não se servir bem a Deus, por não se pode juntar o que é alheio ao que nós possuímos, pois além de perdê-lo, podemos perder o que tínhamos. Isso está claro na tomada de uma vinha que Naboth fez a Acab.

Ao buscar exemplo em Tito Lívio, conta que Suastilau (príncipe dos rutenos, quis tomar as terras dos Piezenigos: teve a cabeça cortada numa emboscada e dela foi feita uma taça com incrustações de *ouro, por onde se bebia, com esta letra: Quaerendo aliena, própria omisit*. Trazendo esse exemplo para o Brasil da época, a crítica de Vieira não é nada sutil**:** *se no Brasil déramos em desenterrar caveiras, em quantas pudéramos escrever a mesma letra! Cuja é esta caveira? É de fulano, viveu rico, e morreu pobre, testou de muitos mil cruzados, e seus filhos pedem esmola* (p.65). Misturou sua fazenda com a alheia, perdeu a alheia, e mais a sua.

O quarto mandamento, *guardarás domingos e as festas* ,usaria para atacar os senhores de escravos que não enviam à missa nesse dia e, nem ao menos os dispensam dos trabalhos e, aquele que não guarda o domingo, em vez de juntar, apenas consome o que adquiriu durante a semana.

Na Guiana e na Paraíba, os senhores já não cultivam mais a cana e nem funcionam seus engenhos. E o prêmio para aqueles que não cumprem o terceiro mandamento é a fuga e a folga do escravo, além de ser o seu engenho transformado numa tapera.

> O segundo desejo que é o de *alcançar muito pão (...) uns haviam que negociar, e melhor que tudo, negociar para o Maranhão, porque em Portugal vale dous, aqui se vende por vinte* (p.66), o que é um meio muito arriscado, enquanto *no mundo não houver quatro coisas: quando em Zelândia não houver pichilingues; quando em Argel não houver turcos; quando na agulha de marear não houver suestes; e quando na costa do Maranhão não houver baixios* (id).

Servir ao rei bem próximo ou bem distante, também se pode tirar grande proveito. *Dizem que o rei se há de tratar como o fogo, nem tão perto que queime, nem tão longe que não aquente (ibid).*Há inclusive aqueles que acreditam que para ter muito, é preciso poupar ao extremo, o que não é certo, pois o que se poupa serve para que outros aproveitem.

Para ter muito é preciso dar por amor a Deus. É só lembrar da ação dos Apóstolos: ao dar cinco pães, receberam doze, assim como o sacrifício dos animais feito por Noé a Deus, a multiplicação veio segura.

Deus disse: *Tudo o que dais ao pobre dai-lo a mim. No que toca aos provérbios o Espírito do Santo diz que ao darmos a esmola ao pobre, recebemos mais das mãos de Deus, o qual paga cem por uma* (p. 70).

E, quanto ao Eclesiastes, XI,1., está escrito: *Semeai o vosso pão em terra regada com águas, e eu vos prometo que ainda que pareça perdido, o achareis depois* (p, 71). Por isso, dê esmolas à viúva honrada que verte lagrimas pela sua penúria, semeai ali a vossa esmola, *semeai ali o vosso pão, e vereis quão bem vos rende a seara, porque não há terra mais fértil* (id). E o tempo melhor para semear é a Quaresma, pois ela é feita de jejum e esmolas e, segundo os doutores da Igreja, nos dias de jejum comemos uma só vez para que demos aos pobres.

Queixa-se da falta de um hospital na capital do estado *e que a Misericórdia não servia mais de que enterrar os mortos* (p.72), o que Cristo cobrará no dia do juízo, *pois as imagens de Cristo, que são os pobres são imagens vivas que padecem***(** p.73), o que sugere também preocupações sociais.

Do mesmo ano é o *Sermão de Santo Antônio* (publicado em 1683), T**.**VII - pp. 281-314), no Maranhão, em 1657, moral, evangélico e anti-escravista.

Nesse sermão, Vieira comenta sobre as duas comemorações: a do domingo e a de Santo Antônio, através da Parábola de São Lucas que fala sobre a mulher que perdera uma dracma (nota) e, encontrando-a com o auxílio de uma candeia, festejou com as amigas.Na ilustração a seguir, pode - se perceber que:

> *Nas festas do Céu que são grandes também se festejam os anjos e cumprimentam os recém-chegados, como por exemplo, todas as vezes que um pecador perdido se acha e se converte pela penitência (...). A mulher, diz que é a Igreja, a qual enquanto militante na Terra, perde e acha os pecadores, e enquanto triunfante no Céu, celebra e festeja suas conversões. A dracma perdida e achada, são as almas dos mesmos pecadores que se perdem*

> *pelo pecado, e se acham e recuperam pela penitência. A candeia que se acendeu para buscar a dracma, suposto que o Senhor não declarou qual fosse, haverá quem no-lo diga? Se fora em tal dia, eu me não atrevera a o dizer facilmente.(p. 282).*

...se bem que aqui quem faz encontrar o perdido é Santo Antonio**,** *a candeia que alumia***,** afirma Vieira.

Ele recupera o que Deus nos deu e perdemos, mesmo que seja apenas uma unidade, como a dracma ou uma alma, como a do filho pródigo ou ainda a estrela que apareceu aos Magos no Oriente e em seguida desapareceu, para tornar em Jerusalém. A festa aconteceu depois de achados.

A dracma[60] *(...) é a alma, a estrela a Graça, o pródigo cada um de nós, grandes perdas e grandes achados para o reino de Deus*.(p.285).

Os grandes vícios são considerados perdição do homem*: uns perdem pelas dracmas, outros pelas damas (...) A cobiça cega a uns, a sensualidade cega a outros(p.286).*

E continua a tecer severa crítica aos maus costumes do Maranhão, como a bigamia e poligamia, através da parábola do banquete (a Ceia do Senhor), ocasião em que o primeiro convidado teria se desculpado por ter que cuidar dos negócios da quinta e o terceiro porque havia se casado (...), porque a mulher e fazenda são as duas coisas que mais apartam, os homens do Céu. *Se a fazenda comprada vos impede que não vades ao Céu, que fará a fazenda roubada? Se a mulher vos estorva que não vades às bodas da Glória, que será a alheia?* (id).

Adão também foi tentado pela mulher e pelo alheio. Sem eles, não haveria a sensualidade e a cobiça. As Escrituras trazem muitos exemplos delas.

Mas, Santo Antônio consegue trazer as vítimas da sensualidade para o seio de Deus, como o fez com a monge desenganado da Salvação. Corrigiu-se e salvou-se ao confessar e se apegar a esse Santo e, ao vestir sua túnica se livrou da tentação.

E ao converter os ladrões, Santo Antônio mostra também a sua eficácia e os que não se convertem receberão a condenação de Deus.

Em seguida, seus ataques caminham agora em direção aqueles que vivem do trabalho alheio - o do índio.

---

[60] Dracma era uma moeda e peso da Grécia antiga e teria sido usada em vários países. Eqüivalia a três gramas e 586 miligramas.

> *Os ladrões que vieram depois, souberam e puderam tanto que trocaram a sentença; e em lugar de comerem o seu pão com suor do seu rosto, comem o pão não seu com suor do rosto alheio. E homens acostumados a esta vida, tão sem cuidado nem trabalho, que a trocassem de comum consentimento, e se deixassem prender e roubar das palavras de Santo Antônio. (p. 263),*

pois até nas roças de subsistência se emprega o trabalho indígena.

Comer do alheio é diferente, ainda que seja pão e água, alimento de penitência e jejum, mas atraente, como disse certo fidalgo ao responder a D. João III sobre uma receita que o rei lhe pedira para não se enfastiar com o que comia. *O alheio é pírula do Inferno, ouro por fora, mas inferno por dentro, ninguém come o alheio, que não trague o inferno juntamente. (p. 308).*

Vieira admite que a cobiça é outro vício mortal. Em Portugal, os poderosos, ao morrerem endividados, deixam seus bens testamentados inclusive suas dívidas, abraçam-se com um Cristo, e ficam os parentes e amigos consolados, dizendo que morreu como São Paulo, embora este não tomara nada do alheio.

Além de não pagarem a dívida, deixam uma herança polpuda e ainda aumentam as dívidas com as pompas do sepultamento.

Para tecer considerações sobre a atuação moral e temporal de Vieira no Maranhão, é necessário lembrar que, ao chegar ao Maranhão, em meados do século XVII, como já foi referenciado anteriormente, *a presença portuguesa limita-se a menos de um milhar de residentes, agrupados principalmente em redor das duas cidades, São Luís do Maranhão e Belém do Pará*[61].

E, ao ser efetivado o Regulamento das Missões, em 1658, consolida seu poder dentro da Ordem e o título de Visitador, o que lhe dá uma certa independência de ação na província do Brasil, ligada à missão do Maranhão, uma vez que esse título não depende do Provincial mas, sim do Geral da Companhia de Jesus, em Roma.

A nova situação implicaria na prática de certas ambições, ou seja, tornar possível a construção de uma verdadeira teocracia inaciana dentro da Amazônia, entre 1652 e 1661, ocasião em que são organizadas, nada menos que doze expedições missionárias que resultam na posse de um vasto território, a criação de dezessete aldeias, entre o Ceará e o Xingu, as quais conciliam tribos hostis aos portugueses e aliadas aos holandeses, além de procurarem,

---

[61] CASTENAU-L'ESTOILLE, 1997, apud. Oceanos, Nos 30-31, abr/set, p. 28

através do rio Tocantins ir de encontro aos missionários de São Paulo e aos redutos do Paraguai.

Essa ação permite que cada missão traga seu lote de escravos e índios livres, destinados às aldeias próximas das cidades , portanto disponíveis ao serviço dos moradores, se bem que sob o controle dos jesuítas, utopia alcançada através dos apelos aos jesuítas europeus, para que se tornem sensíveis às vocações para o Maranhão.

Os intermediários do sonho de Vieira devem ser arrojados e disciplinados em modelos de eficácia e virtudes, cooptados por ele em toda a Europa e, cujas exigências impostas por ele aos religiosos e aos laicos, reflete a superioridade espiritual dos jesuítas e contribuem para reforçar a sua posição dominante que o próprio Vieira pretende reivindicar para os missionários na sociedade colonial, inseridas no Regulamento: observar as regras religiosas dos jesuítas; curar espiritualmente os índios e administrá-los temporalmente.

Enquanto que a moralização dos costumes impostas aos colonos ocorria através dos sermões, diga-se de passagem, prática um tanto comum nos países católicos dos séculos XVI e XVII, aos indígenas deveria ser muito mais racional. E, uma delas que pode ter passado despercebido foi a organização de um catecismo em sete línguas nativas. Em seguida, deixar os índios em suas terras, de forma a afastá-los do contato com os brancos, devido o fato da sua não observância da moral e, por último, aplicar uma pedagogia para facilitar o aprendizado da doutrina que consiste em saber e compreender a doutrina, contidos no Regulamento e que inibiria danças e bebidas em vésperas de domingos e dias santificados, consideradas de ordem moral; o uso de imagens, da cruz e de gestos. (Id,p.61).

Para tanto, são organizadas confrarias destinadas a organizarem as festas, como a da Virgem e dos Santos; a Via Sacra, na quaresma e as disciplinas, presentes na auto-flagelação, um tanto cruel, com uma certa apreciação por parte do indígenas, possivelmente pelas semelhanças da paixão com as profecias tupis (ibid, p. 62).

Apostolar para o missionário, significa estar aberto aos exercícios espirituais, o quais lhe propiciariam a salvação individual, útil para salvar o coletivo, cujas técnicas, embora sejam variadas, poder-se-ia resumi-las em três detalhes: a aldeia, o colégio e o rio (elo de ligação entre os primeiros): a primeira, local de tentação permanente, dado o perigo da nudez exposta das mulheres, poderia desvirtuar o religioso, o que refletirá na opção pela tecelagem, com o fim de ir à igreja cobertos.

Esta, continua Vieira, pode ser ainda um local de cupidez e violência, daí requerer aos missionários trabalharem em conjunto; o colégio é o espaço onde se concentram os padres e visitado anualmente por eles, a fim de desfrutar de um ambiente urbanizado e

português, para desfrutar da companhia de seus pares, praticar os Exercícios Espirituais de Loyola por oito dias, o que contribuiria para reforçar sua identidade e vocação. E, quanto ao rio, único meio de transporte na região, faria com que favorecesse as meditações durante as viagens, pela paisagem que as mesmas propiciam, acrescido do fato de ocuparem o tempo ocioso na longa duração dessas travessias.

O espaço da aldeia é religioso, marcado pelo rigor da clausura, próprio dos espaços monásticos e em função das atividades: no centro, a igreja - local de oração; casa do missionário, proibida aos índios; o hospital - espaço dos doentes, onde os missionários colocariam em prática sua abnegação; a hospedaria, para abrigar os viajantes em trânsito, considerado um dever religioso.

A clausura parece permear a organização de todo o espaço, ilustrado abaixo:

> *Para que na ditas casas se guarde a clausura como convém, acabados os ofícios divinos, se fechará a porta da Igreja e se levará a chave ao cubículo do Superior. A dará outra vez à tarde, quando se houver de fazer a 2ª doutrina, e as horas de Ave-Marias se ficarão todas as portas que têm trânsito para fora ou para a cêrca; e havendo-se de abrir alguma dessas portas, depois de ser noite, se não houver na Casa dois nossos, que vão acompanhados, ao menos esteja o Superior à vista, enquanto o companheiro abre e fecha (p.7- 10)*

As atividades da aldeia, por sua vez, refletem também um ideal econômico que deveria estar ligado aos interesses espirituais dos jesuítas: a auto-suficiência, regras que contribuiriam para o missionário se abrigar da avareza e respeitar o voto de pobreza, ao menos teoricamente: as relações mercantis estavam restritas ao necessário à sobrevivência, sem a intervenção direta dos seus membros; proibido o empréstimo de dinheiro e recorrer a transações econômicas com terceiros, apenas em caso d compra de vestuário pessoal e dos índios e ornamentação das igrejas, tornados possíveis com um mínimo de rendimentos auferidos elas aldeias.

Para tornar possível atingir esse ideal, a aliança e os exercícios espirituais reforçariam a fé e as táticas para se evitar o pecado, aliados às textos normativos produzidos na Europa , desde o século XVI, com destino à reforma do clero.

No entanto, a visão de Vieira parece muito clara a respeito dos problemas do Maranhão, enfrentados pela Ordem jesuíta, o que o levava a propor soluções para tais entraves, em torno de uma velada percepção econômica. Ao mesmo tempo em que aconselhava proibir as entradas para o sertão, fazia-se necessário trazer escravos de Angola,

para atender às necessidades e exigências da população, uma vez que sem o trabalho indígena, estaria à míngua, para em seguida fazer descer todos os índios dos sertões, os quais seriam empregados de acordo com as habilidades; o capital a ser usado na aquisição de escravos africanos, vindos da Bahia ou Pernambuco (mais ou menos duzentos, entre homens, mulheres), seria conseguido com a Fazenda Real, um empréstimo de sessenta mil cruzados, cuja repartição ficaria a cargo do governador e curador real da província e empregados no cultivo do cacau, anil, baunilha e outras drogas de utilidade, sugestões que acabaram sendo incorporadas, se bem que parcialmente em futuras legislações que envolviam a substituição da mão-de-obra indígena pela do escravo africano.[62]

Mas, a preocupação com a evangelização o perseguirá até o final da vida, notadamente durante o tempo em que ocupou o cargo de Visitador, o que é notado no *Sermão da Exortação I*, pregado na Capela do Colégio, na Bahia em 1688 (T. V, p. 377-395), Vieira encoraja seus irmãos noviços e estudantes do cargo da superintendência das missões da Província do Brasil, da necessidade de se sacrificar por inteiro ao trabalho da conversão e salvação dos gentios das missões, inspirado no episódio da Torre de Babel, para mostrar da eficiência do poder de Deus e, desta vez a torre representa a Igreja solidificada, por ser *militante na Terra e triunfante no Céu,* usa agora o poder do Espírito Santo para edificar, processo que teria iniciado com os doze apóstolos e que se estendeu pelo mundo todo, embora na época fossem milhares, pouco conseguiram edificar (p. 329)

Ressalta a relevância do apostolado na *conversão das almas, a ciência e a inteligência das línguas,* ao mesmo tempo que reclama não terem recebido *o dom das línguas de fogo* como os apóstolos. Deus deu-lhes *fogo nas línguas*, assim que se descobriram América e Ásia, na época em que apareceram *novos homens e novas nações, tão diferentes nas línguas, como nas cortes, tinha-se ouvido falar de novas gentilidades, não conhecidas, nem nomeadas no tempo dos Apóstolos...(p.381*) e, Santo Inácio abraçou e abrasou a todas ao criar a Companhia de Jesus, chamada por ele de *terceira torre.* A primeira seria Babel (Membrot), a segunda, o espírito Santo e a terceira a construída por ele, cujos membros deveriam saber a língua para o êxito da evangelização.

Vieira coloca em evidência a educação aprimorada da Instituição que, segundo seu fundador *é para discorrer e fazer vida em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de Deus e ajuda das almas...(id),* incluindo *a Terra incognita.*

---

[62] BOXER:1969, p.294.

O Colégio da Companhia de Jesus tem que imitar o *Cenáculo dos Apóstolos de Jerusalém*, visto que a inscrição colocada na cruz de Cristo era escrita em hebraico, grego e latim, línguas ensinadas nas universidades européias, onde se destaca a referida Instituição E o latim já havia sido introduzido por Anchieta, desde os primórdios da Evangelização no Brasil, além, dele aprender a língua indígena e escrever uma gramática para facilitar a tarefa da conversão.

E, se Deus deixou uma missão de relevo, esta foi a da propagação da Fé no Brasil e de responsabilidade unicamente dos membros da Companhia de Jesus, embora sejam poucos os que aprendem a língua brasílica no Colégio da Bahia, o que favorece para diminuir a evangelização.

> *Quando o povo de Israel foi desterrado para a Pérsia, retiraram os sacerdotes o fogo santo que ardia no Templo, e o esconderam na cova de um vale secreto, onde ficasse guardado...quando os descendentes dos mesmos sacerdotes foram buscá-lo, o que tinha sido fogo ardente, agora era água fria e grossa (p. 383).*
>
> *A portuguesa com que por tantos meios se insiste na reformação dos portugueses, na etiópica, em que só nessa cidade se doutrinam e catequizam vinte e cinco negros, não falando dos de fora: as duas tapuia, com que no mais interior ainda remotíssimo se tem levantado as seis novas cristandades dos Paiaiás e Chiriris, nem finalmente a própria brasílica geral, com que nas doze residências mais vizinhas do mar, em quatrocentos línguas da costa, doutrina a Companhia, e conserva as relíquias dos índios deste nome, que estariam acabados se ela os não conservara. (p. 384)*

Isso demonstra que no Brasil, por falta de diminuir o ensino de uma língua, na realidade são várias e todas em detrimento da conversão, o que traduz preocupação por parte do personagem em questão que, bem poderia ser identificada com as mudanças ou alterações de objetivos de seus irmãos de Ordem, podendo arriscar até que a Companhia de Jesus estaria transitando para uma nova etapa de existência ou de mentalidade, diante de tantos membros que vinham de outros países, onde já prenunciava uma era e cujos interesses não se identificavam com os de Vieira.

Observa que os índios vem diminuindo em número em relação aos portugueses e o incentivo do latim e português visa trabalhar a criança na fase da primeira aprendizagem, o que tornaria mais fácil o ensino da retórica, filosofia e teologia, para que em tempo mais

breve surjam mais letrados. Mas, no que diz respeito ao Maranhão e Amazonas, extensos territórios, há necessidade de aprender a língua geral do Brasil, motivo que a Companhia, devesse tomar providências quanto à aprovação de um membro após a prova de suficiência da referida língua. O tempo da conversão tem que ser tão rápido quanto a ação do Espírito Santo, no passado.

E, em certo momento indaga se todos os ouvintes fossem atingidos pelas línguas de fogo do Espírito Santo, no caso, um irmão acompanharia o padre, como Aarão acompanhou Moisés, o qual não recebera as línguas de fogo, mesmo assim cumpriu missão.

No trabalho da conversão têm que estar presentes os irmãos da Ordem,

> *... para catequizar os gentios(...), para Batizar catecúmenos (...), para doutrinar cristãos (...), para sustentar famintos, para vestir os nus, para curar enfermos, para os resgatar cativos, para os sepultar mortos, como mestres, como pais, como pastores, como médicos, como enfermeiros, servos e escravos seus em tudo, para viver perpetuamente, e morrer com eles e por eles, e também às mãos deles, como algumas vezes têm(p. 388).*

Vieira lembra que muitos padres da Companhia dedicavam-se ao estudo da ciência e tal foi a ânsia a que se dedicaram a tal tarefa que ficaram tísicos, como por exemplo os que viviam em Roma trabalhando nos arquivos, tanto que era comum solicitações ao geral da Ordem para os enviarem *às missões ultramarinas, mais arriscadas e perigosas,* atividade que faria salvar almas. E, assim que terminavam o terceiro ano de teologia, iam para o Maranhão.

Descreve a viagem ao ultramar, de curta duração, desde que não houvesse calmarias na Guiné ou tormentas na região sul-africana, às quais se expõem jesuítas e seminaristas de Coimbra, Lisboa e Évora, tidos como apóstolos e mártires.

Faz votos aos que saírem do colégio da Bahia, *teólogos, filósofos e humanistas*, que se dirijam ao amplo território do Grão-Pará e Amazonas, se esqueçam um pouco da ciência, para alcançarem êxito na Evangelização, um vez que o próprio Cristo carregou e pregou neste mundo uma única ciência, a da Salvação, e teria atingido com ela as camadas mais humildes, cuja língua não se aprende nos famosos colégios reais das Companhia de Jesus.

Nem sempre, adverte Vieira, o caminho das letras, tão cobiçado por tantos, leva à salvação das almas, inclusive David não o seguiu. E a conversão é uma obra divinissima.

No árduo trabalho do maranhão, todos tiveram que renunciar aos mais diversos graus das letras para catequizar o gentio na sua língua, para surpresa do próprio índio que, a o ouvir sobre Deus único e verdadeiro foram se achegando vários grupos, como os

Tupinanbaranas, Tupa oie pein, Juruunas, Tupã Memê, Mihunas, Tupã jemejém. Tapaios, Tupã catamocim. Mamaiamás, Neangaíbas, Tupã amoperecerimperim. O progresso era rápido, para satisfação dos jesuítas e surpresa dos gentios(p.392)

Exemplo da praxis do bom caminho que cabia ao jesuíta encontra-se presente na *Prática Espiritual da Crucificação do Senhor* (sem data de publicação, T XI, p.37-54), pregada domesticamente no Colégio da Companhia de Jesus, no próprio Maranhão, entre 1553-1559, de características morais, teológicas e evangélicas.

Trata-se de uma oração, colecionada por André de Barros, após a morte de Vieira, cujo título é *Voz Compadecida*, encontra-se incompleto.

De tudo quanto aconteceu de trágico, a crucificação de Jesus no Monte Calvário superou a tudo. Seu martírio foi pior que o sacrifício de Amã[63] pelo rei Assuero[64], pior que o sacrifício de Isaac sobre a própria lenha que carregara, pela obediência de Jacob. Desde então, o Monte Calvário *se tornou o mais glorioso e o mais santo*, mais que o Olimpo, tido pelos gregos como

> *...a coluna que sustenta o Céu, que o Monte Olivete, onde Cristo subiu ao Céu, que o Monte Tabor, onde mostrou a sua Glória a poucos. Por mais que o Calvário seja horrível, pior é o coração dos homens. É daí que saem os homicídios, os adultérios, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias, e todos os pecados. É aí que se formam os delitos (...), formam-se os furtos (...), formam-se os adultérios, formam-se as blasfêmias e falsos testemunhos...(p.36).*

Mas, assim como Cristo transformou o Calvário, de monte infame e abominável em monte venerável e santo, assim os nossos corações de lugares de abominação e torpeza, se transformarão em lugares de pureza e santidade, se nós pusermos hoje e fixarmos bem neles um Cristo crucificado, ou seja, *um coração contrito e arrependido.* E, vieira esclarece que foi assim que ao ser crucificado, Cristo teria pedido apenas o nosso coração: *Filho, dá-me o teu coração.*

---

63 Trata-se de um supremo magistrado da corte persa, sob o rei Xerxes, descendente da corte régia amalecita, odiada entre o clã Mardoqueu ou Benjamin. Determinara a exterminação dos judeus no reino pérsico, impedida por Ester, junto a Xerxes, o qual suspeitou de Aman por crime de lesa majestade , por tê-lo apanhado em atitude duvidosa ao lado da rainha, no divã, condenou-o à morte e teria sido encontrado na própria forca que destinara a Mardoqueu.

64 Assuero refere-se a Xerxes, e relaciona-se com a história bíblica apenas por sua atitude para com os judeus na Palestina.

Enquanto Lhe preparavam a cova pediram que Ele se despisse pela última vez, para que se tornasse público o que possuía de mais íntimo, bem ao contrário de quando nasceu na discreta e humilde Belém e no silêncio da noite.

Jerusalém, continua Vieira, era uma cidade populosa, que abrigava gente de várias partes do mundo e o monte ficava à vista e descampado; era tempo de Páscoa e ao meio-dia. E isso aconteceu para que todos soubessem a afronta, para que todos vissem, para que fosse divulgado e para que a todos fosse notório, o que o leva a exemplificar a crucificação e os horrores a que Cristo foi exposto são descritos passo a passo, assim como o sofrimento da Mãe.

Os que sentirem *a Crucificação de Cristo em sua própria carne, estarão com ele se forem crucificados seus vícios e apetites, enquanto aqueles que não a tem, desconsolem-se, entristeçam-se, temam e tenham-se por infelizes e desgraçados* (p.42), pois não estarão com Ele.

Antônio Vieira procura convencer os ouvintes que é hora de crucificarmos junto com Cristo, mostrando *o arrependimento de todos os pecados passados (...), a emenda de todos os pecados presentes (...), e o propósito firme para todos os pecados futuros* (p.43). Mas, São Paulo lembra que em vez de nos sacrificarmos com Ele, nós é que O sacrificamos todas as vezes que pecamos.

Jesus até pediu perdão ao Pai por aqueles que o sacrificavam, porque não sabiam o que faziam. E, para nós não há desculpas, pois não merecemos o perdão por sabermos que a Sua crucificação foi por nós.

Assim que a cruz caiu na cova, o golpe foi tão grande que os membros foram tão abalados que o sangue passou a jorrar por quatro fontes, de tal forma que a terra foi regada com ele.

Segundo ainda o sermonista, essas quatro fontes se referem aos quatro Continentes, conhecidos da época, já que todos nós somos protagonistas da tragédia e do martírio da crucificação. Os quatro rios de sangue são para nos limpar das lepras que são os nossos pecados. Todos os cristãos devem alcançar essa fonte, seja a da mão direita para os que sentem mais amados ou a da mão esquerda, os *que se sentem mais desfavorecidos, enquanto que os mais humilhados cheguem se às duas fontes dos sagrados pés, que correm pelo mesmo canal em maior cópia*.(p.45).

Na fonte da mão direita estarão os predestinados no Dia do Juízo e *com o sangue da mão esquerda, que está mais perto desse amoroso coração, com o sangue desses santíssimos pés, que foram o refúgio de Madalena e o de todos os pecadores*.(p.46).

Todos que passaram pelo Calvário, perguntaram quem eram os crucificados, e ao obterem a resposta de que se tratava de três ladrões justiçados, *todos blasfemaram ao Senhor*, e apenas o Sol cooperou, escondendo-se num eclipse, enquanto que o povo ignorou-o e não se converteu diante desse milagre. Faltou-lhes compreensão por seus pecados passados e Deus não o permitiu. Não se deve aguardar a morte para a conversão ela pode ser negada por Deus.

No testamento do Senhor, não há bens materiais. Apenas olhou para a Mãe e disse:

> *Mulher, eis ai teu Filho, ao discípulo: Eis ai a tua Mãe. São João alega em seu Apocalipse, 1, 16 (...)que agora estava ao pé da cruz, que viu sair da boca de Cristo uma espada que era aguda de ambas as partes (...) não tinha cabos esta espada, senão ponta para uma parte e para outra .... Essa espada simboliza as palavras que dissera à sua Mãe (...) que feria e magoava o coração da Mãe e o coração do Filho. Cristo não chamou o Pai e nem a Mãe de Mãe, devido o ultraje que sofria ao carregar os pecados de todo mundo e ser justiçado em uma cruz, como pecador e malfeitor. (p.*50)

Chama os cristãos à devoção da Virgem Maria**,** *cujos mistérios estes dias celebramos. E adverte que os três primeiros meninos que aqui começaram a entoar, o Terço do Rosário, já a todos três tomou a Senhora por verdadeiros filhos seus*.(p.51).

O padecimento de Cristo devido à excessiva perda de sangue, a sede, o fel e vinagre que bebeu, fizeram consumar a profecia. Aguardou a morte em silêncio, acabado-se com a vida antes de morrer cristãmente.

Caso semelhante aconteceu com um capitão de Carlos V que não aceitou o governo que o soberano lhe oferecia, justificando *que queria meter tempo entre a vida e a morte, e queria acabar a vida antes de morrer,* uma sugestão para que analisemos a questão da morte em vida e saúde.

Cristo teria encomendado seu espírito ao Pai e inclinaria a cabeça, uma forma de consentir universalmente todas as nossas petições.

Do lado posto da Colônia, no final da década de 1880, vamos encontrá-lo refazendo seus sermões para publicação, principalmente os da Série do Rosa Mística, como *o Sermão Segundo do Rosário* (escrito na Bahia no final de sua vida e não pregado**,** T.X – pp. 295 – 344), onde fornece esclarecimento que apenas um sermão não é suficiente para mostrar as excelências do Rosário, pois é necessário lembrar as advertências de Cristo aos Apóstolos ao serem *levados a juízos diante dos príncipes e tribunais do mundo em defesa da minha fé, e*

da vossa doutrina. Deveriam meditar sobre *o que havíeis de dizer e o modo com que as haviam de dizer.*

Vieira se refere à igualdade de todos perante a nobreza de Deus, o qual a todos iguala pela primeira prece do Rosário, enquanto que os homens, não. A nobreza de nascimento os desiguala. Exemplo disso vemos no poder de Felipe que trouxe a inveja de Alexandre e se dizia ser filho de Júpiter. Todos se esquecem que é mais nobre ser filho de Deus.

Condena o orgulho, a ausência de cristandade, a falta de fé, explícito no texto a seguir.

> *Os grandes, que se estimam por mais nobres que os pequenos, os senhores, que se têm por mais honrados que seus escravos, os mesmos reis, que cuidam que são melhores que o menor de seus vassalos, guardem-se de dizer a Deus Padre nosso. Se querem que Deus se não ofenda e os ouça, deçam-se primeiro desse pensamento, que na maior alteza é altivo, reconheçam a todos por irmãos, e por seus iguais na nobreza como filhos do mesmo Pai: porque este é o foro em que Cristo nos igualou a todos, quando a todos sem diferença nos mandou dizer: Pater Noster* (p. 312),

Tal oração a todos iguala. *É tão nobre e tão honrado é o pobre que pede esmolas pelas portas, como o rei que está assentado ao trono e com a coroa na cabeça* (id).

A vontade de Deus encontra-se acima de tudo e de todos, pois trata-se de uma vontade Racional e perfeita, mesmo que uma seja oposto da outra: riqueza – pobreza; honra – afronta; aplauso – perseguição, bonança – tempestade; fortuna – fome; saúde – doença; vida – morte.

Retorna ao pecado do casal do Gênese e na decadência dos impérios antigos: Assírio, Persa, Grego e Romano, assim como no dilúvio universal, tudo pela vontade de Deus e até na recuperação da terra, após o Apocalipse *(São João, XXI, 1 e 2),* quando os seus costumes serão como os do Céu.

Mas não devem se esquecer que aqueles que pedem vaidades, deveriam se envergonhar ou pedir a Deus que os livre desse mal., como por exemplo os ricos por julgarem que a petição do pão é apenas para os pobres, mas se esquecem do poder e vontade de Deus e se Ele não quiser dar, não o terão e que as orações têm que ser feitas em coletividade e não individualmente, o que significa participar dos ofícios divinos.

E, no *Sermão de São Gonçalo,* (publicado em 1689**,** T. VI - pp. 291- 333), pregado na Bahia, em 1689, possivelmente em caráter doméstico e um dos últimos de sua vida), moral e panegírico, no qual, Vieira inicialmente questiona a dúvida dos historiadores sobre a origem do santo (clerical, monástica ou mendicante). Durante muito tempo, São Gonçalo teve dúvidas quanto à melhor maneira de servir a Deus, o que foi resolvido após longa meditação.

Cristo admite ter dividido a vida do homem em quatro fases que correspondem às vigias noturnas e aqueles que participarem da segunda e da terceira são os bem-aventurados.

> *A primeira parte, ou idade é a do menino, a segunda a do mancebo, a terceira a de varão, a quarta a do velho. Na segunda e na terceira o sono é mais carregado, o mesmo acontecendo com a vida, porque na idade de mancebo, e de varão, (...) "as tentações são mais fortes (...) é mais trabalhosa a resistência dos vícios, mais dificultosa a observância das virtudes* (p.293), uma vez que os meninos não têm entendimento e os velhos já não têm forças.

São Gonçalo teria feito *todas as vigias e antecipou os limites e vagares da natureza e logo adquiriu o lume da razão, passou a chorar copiosamente e fazer abstinências e só deixava de praticá-las quando ia à Igreja e mirava o Cristo.*

Para Vieira, o homem tem uma vida animal (vegetativa e sensitiva) e espiritual (racional) e o sinal mais certo da velhice é a pureza da vida: para mancebo, a média é quarenta anos, justamente quando Moisés arrebanhava as ovelhas, atividade sem perigo, bem diferente de arrebanhar homens. Mas, mesmo num rebanho de ovelhas, há aquelas *e armada, que se batem uns com os outros, mas todos temem e reverenciam o pastor valentes de testa tão dura*, (p.302). No caso do rebanho de homens, antigamente também era assim, mesmo que alguns fossem *Teodósios e Arcádios*.

Na época de São Gonçalo, não se pensava em acumular riquezas: o que sobrava do sustento era dividido entre os necessitados e se ficava atento aos ouvidos e olhos para verem os exemplos. Todavia, existiam os que ainda abusavam e só acreditavam no que viam, motivo que levou o Santo a transformar em carvões os alvos pães que certa mulher carregava para surpresa de todos. Mais tarde, transformou os carvões em pães, provando que o segredo do milagroso é fazer e desfazer o milagre.

Na idade de varão era peregrino à Jerusalém e lá viveu para sempre a venerar os passos do Senhor, coisa incompreensível se levarmos em conta que Cristo se ausentava por pouco tempo para recuperar apenas poucas ovelhas desgarradas e, São Gonçalo o fez por

*espírito (...) devoção particular (...) impulso e vocação especial, o que é lícito, louvável e prêmio de Deus para os puros. É privilégio concedido no Céu aos virgens, diz São João no Apocalipse, XIV, 4, que eles só sigam o Cordeiro, que é Cristo, a todas as partes por onde, e para onde for...(*p. 312).

Na quarta etapa da vida, deixando o mundo e passando a contemplar a eternidade, o que deveriam fazer todos os velhos, pois da morte pela velhice ninguém escapa. Mostrou o quanto se desapegava da terra.

A quinta etapa ou vigia é a imortal, quando São Gonçalo aperfeiçoa as obras pias que praticara aqui na Terra, ou seja, os milagres presenciados por muitos milhares, pois as peregrinações ao local onde se encontram suas relíquias são imemoráveis, mesmo naqueles mais longínquos da África, Ásia e daqui da América, onde não há um só templo erigido em seu louvor.

Conclui o sermão orientando *que sejamos santos sem aspirar à canonização* e o imitemos na construção de pontes, dada as dificuldades de locomoção no Brasil da época, problema raro na Europa, embora haja tanta gente com recursos, mas que não se interessa por tais melhorias.

Devemos inclusive observar que nesse tempo, Vieira se encontra no cargo de Visitador da Província do Brasil, cargo que lhe oferecia oportunidade de saber o que se passava nas missões, poderia relembrar seus sucessos e insucessos como missionário em conflito com os colonos, e que o teria levado a usar proventos da publicação de alguns volumes dos sermões, em favor de missões, o que já acontecera na época do Maranhão; ver vingados aqueles que o expulsaram no passado, como Jorge Sampaio e Manuel Bequimão; enfrentava uma saúde precária; o trabalho infindável da Chave dos Profetas; contendas entre o poder religioso e civil em Pernambuco com uma correspondência volumosa, entre outras.

Sua dialética se torna mais suave, embora não tenha abandonado as profecias e se afastado de todo da política.

Ainda permanece um Vieira um tanto ligado também aos problemas relacionados à infra estrutura colonial, preocupação constante durante suas estadas no Brasil.

Nessa apologia, percebe-se que São Gonçalo e Vieira têm algumas coisas em comum: Vieira é o retrato do Santo na quinta fase de uma atribulada vida; os dois carregavam vastas experiências; fizeram uso de diversas formas de servir a Deus, a idade avançada, o atraso da colônia, com seus núcleos urbanos escassos e distanciados uns dos outros, o que contribuía para afastar o homem da religião, além de dificultar a ação evangélica

CAPÍTULO III
OS EXCLUÍDOS DO REINO DE DEUS NOS DISCURSOS DE VIEIRA

É opinião corrente dos estudiosos sobre Vieira e sua obra, comentarem a respeito da diversidade de temas que sua obra proporciona aos que se interessam por ela, com destaque para os Sermões. São pouquíssimos os temas que o sermonista não fez referências em seus discursos, como a exploração sexual dos senhores às suas escravas, talvez porque o sexo ainda não figurasse na temática do púlpito da época ou, porque estivesse mais preocupado com a salvação, com a heresia protestante, com o trabalho do escravo, seja negro ou indígena, com a evangelização, com os bens da Instituição ou com a política, o que pode ser conferido inclusive em suas cartas.

Além dos raros artigos, pouquíssimas de suas cartas fazem referências ou insinuam discriminação a grupos. Por exemplo, uma delas direcionou um certo preconceito ao francês e em outra discrimina os judeus confessos, enquanto que em vários sermões, quando lidos mais atentamente, percebe-se que Vieira norteou um claro e negativo discurso ao protestante, considerado herege, ao negro e à mulher.

Os sermões, cujos conteúdos morais estariam direcionados aos grupos acima referidos, foram cuidadosamente selecionados e receberão comentários, ora individual, ora coletivamente, de forma a compreender o que se passava em seu imaginário a respeito desses grupos e as diretrizes a serem tomadas, para sua exclusão e ou salvação.

Iniciando pelo discurso aos protestantes, sempre identificados por hereges (mesmo sendo cristãos), Vieira marca-os, seja pela sua posição econômica, seja pela religião reformada que professam ou pelos horrores por obra deles, presenciados durante a invasão holandesa, no Nordeste, pelas características físicas de seu país ou por dominarem o Nordeste, a parte mais rica da Colônia e subsidiária em potencial da Metrópole.

3.1 Protestantes

A chegada dos primeiros padres jesuítas na Alemanha coincide com o eminente triunfo da Reforma no país, enquanto que a Igreja Católica não se encontrava em condições de se opor à nova doutrina, e já se prenunciava em Roma, o afastamento da mesma.

No início, esses jesuítas que se apresentavam com tanta reserva e a desempenhar um papel até apagado, a exemplo de Le Jay, Pedro Faber e Bobadilha, os quais pregavam aos estudantes, aos padres e aos cônegos, dirigiam os exercícios espirituais, distribuíam esmolas aos pobres e cuidavam dos doentes em hospitais, não se avaliava até então o poderio que representariam num futuro tão próximo, no combate à Igreja Reformada.

Possivelmente, em virtude do seu zelo discreto e da atividade silenciosa que teriam exercido, fizeram com que muitos eclesiásticos e leigos ainda hesitantes se transformassem em católicos fervorosos, ao julgarem acertadamente que uma luta aberta contra os protestantes não os colocava em situação de superioridade e que teria levado Faber a afirmar que...

> *Não se deve crer que seja pelo sofisma de suas doutrinas que os luteranos tenham afastado da Igreja de Roma tanto povos: foi antes, o nosso próprio clero o responsável por essa mudança. Praza a Deus que se possa encontrar nesta cidade de Worms somente dous ou três eclesiásticos que não sejam concubinários ou não estejam maculados por outros vícios notórios*[65].

Foi por diversas vezes que Loyola recomendara aos seus discípulos enviados à Alemanha, *demonstrarem cheios de brandura e de modéstia para com a heresia***,** assim como se unir aos líderes heréticos e católicos hesitantes, mas que exerciam influência sobre o grupo e com habilidade e doçura, livrá-los do erro**.**

Entretanto, o tempo de Vieira é outro, ou seja, pertenceu à segunda geração da Ordem, num contexto em que já encontrava-se estruturada, pode-se dizer até de expansão, assim como a empresa colonial e, quanto à ocupação holandesa no Nordeste , se não era um caso de vida ou morte para o colonialismo português ou, ao menos ameaçador, quando profere o *Sermão Décimo Segundo do Rosário* (publicado em 1686), na Sé da Bahia, datado de 1639-1640, após a derrota da Armada Real, T. XI:p.207-250), de características aparentemente patrióticas.

---

[65] apud: MILLER, op. cit, p.381-382.

Neste, Vieira argumenta sobre a guerra que padece o Brasil e da tão almejada paz. E, compara aquela situação ao conturbado governo de David e o próspero governo de Salomão, o que o leva a justificar a guerra, por ser dela que nasce a paz. *Cada guerra tem uma finalidade: vaidade, cobiça, justiça e necessidade. A que move a vaidade tem por fim o triunfo; a que move a cobiça, tem por fim o despojo; a que move a justiça ou é movida da necessidade, tem por fim a paz: e tal é a nossa.* E assim a vê *justificada, racional e inocente.*

Ao repassar os nove anos de guerra que vem sofrendo o nordeste brasileiro como sombrios e desesperadores, não poupa argumentos para retratar a situação:

> *...o mar infestado, os portos impedidos, as costas com perpétuos rebates de ameaças, as campanhas taladas, as lavouras abrasadas, as casas despovoadas e destruídas; as cidades e vilas arruinadas, os templos e os altares profanados, as pessoas de todo estado e condição, de todo sexo e idade desacatados, e por mil modos oprimidas: as prisões, os desterros, as pobrezas, as fomes, as sedes, uns mortos nos bosques, outros mirrados nos desertos, fugindo dos homens para ser pasto das aves, e das feras: as mulheres e meninos inocentes entregues à fúria e voracidade dos bárbaros, e os mesmos cadáveres com horror na natureza incessantemente afrontados: as mortes desumanas a sangue-frio, as traições, as crueldades, as sevícias, os martírios, e tantos outros gêneros da herética tirania, contrários a toda a fé e direito das gentes, e de nenhum modo compreendidos debaixo do nome da guerra; esta é a guerra que padecemos. (p. 209)*

Nesse texto, o sermonista qualifica o holandês de infame, opressor que não respeita sexo ou idade, profanadores de templos, bárbaros, seviciadores, tiranos, heréticos.

Vieira estaria pregando a esperança no poder da Virgem do Rosário que, em 1475, apareceu ao *Frei Jacobo Sprenghero, prior do Convento dos Pregadores, e lhe mandou que logo pregasse e exortasse a todos,* a devoção do Rosário, e lhe prometesse em seu nome que, por meio dela, não só a cidade, mas toda a província ficaria livre da opressão e temor das armas inimigas", referindo-se à cidade de Colônia (Alemanha) e foi atendido. No caso do Brasil, a situação não é diferente e se orarmos à Santa do Rosário, conseguir-se á os mesmos favores.

E assim, através de várias alegorias e metáforas, descreve os poderes da Virgem do Rosário; a necessidade da guerra para se trazer a paz e os vários exemplos na história, onde se apegaram a Ela e foram vitoriosos, mas esclarece que se a vitória não chegar, perder-se-á a liberdade.

Na Igreja de N. S. da Ajuda – Bahia, em1640 (publicado em1685), *no Sermão do Quarto Sábado da Quaresma*, (T.III - pp. 353 - 396), o orador trata na primeira parte a respeito do pecado e as questões que envolvem a sua incidência, uma vez que os homens se esquecem do *tribunal da Divina Justiça*, quando os reincidentes serão severamente julgados. Mas, como estão acostumados com a condescendência de Deus, conseguida através da confissão, se tornam sempre reincidentes.

Na segunda parte, continua o sermão referindo-se à notícia da chegada em Pernambuco e deste à Baía, vinda da Holanda certa *proposição ou teologia* que afirma que para um cristão alcançar o Céu, basta *ter confessor e dinheiro***...** Devem ter se esquecido o exemplo de Judas e Ananias[66] e Safira[67]. Judas perdeu a salvação; Safira caiu morta, por ter escondido o dinheiro que deveria ser colocado aos pés dos Apóstolos. Tinha confessor e dinheiro, mas trapaceou.

A resistência do ser humano é frágil diante dos argumentos do Diabo. Ignora que Deus estabelece certa medida para os pecados. E, uma vez cheia, não tem remédio, ilustrado com o texto a seguir:

> *A primeira vez que Deus revelou este segredo da sua providência e justiça, foi nos pecados dos reinos, das repúblicas, e das cidades, que também é muito boa suposição e doutrina para o tempo, estado, e contingências em que se acha o Brasil (...), porque nos corpos políticos, quais são as repúblicas, que duram em muitas vidas, os pecados dos pais, filhos e netos, todos concorrem a encher a medida. (p. 379)*

No Velho Testamento, a ânfora era a medida, vista nas visões de Zacarias[68], o qual profetizou a destruição de Jerusalém e do Reino de Judá e em seguida o Cativeiro que duraria setenta anos. Ao reincidirem, veio outro *cativeiro e hoje já são mil e quinhentos e setenta e sete, sem se saber quantos serão ainda (...) No ano de 1624, castigou Deus a Baía*

---

66 Sumo sacerdote judeu que, por volta de 47-49, teria tratado São Paulo de modo injusto, no processo diante do sinédrio e o apóstolo predisse-lhe uma morte violente Foi assassinado no início da guerra judaica por sua prepotência e ganância. (BORN, p. 5).

67 Teria morrido junto com Ananias (At. 5,1-11).Id., p. 1365

68 Zacarias era um dos profetas menores que, juntamente com Ageu exortou os judeus a reconstruírem o Templo. A ele são atribuídas três visões: na primeira, exorta a conversão e promete que Javé voltará ao seu povo; na segunda, narra as oito visões noturnas (os quatro cavaleiros do Apocalipse, os quatro cornos, a purificação de Josué, o candelabro de ouro, o livro volante, a mulher no efá, os quatro carros), entremeados por oráculos; na última, responde à pergunta do jejum do 5º mês, em comemoração do incêndio do templo (ibid, p. 1575-1576).

com a entrega aos holandeses, posto que não passou o cativeiro de um ano, como já passa de nove o de Pernambuco. (p.382)

Deve ser observado que os pecados perdoados pela confissão também fazem parte dessa conta e não importa que sejam mais graves ou menos graves. *Nas cousas secas o último grão, e nas líquidas a última gota*, justifica Vieira**.**

No *Sermão pelo Bonsucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda* (publicado em 1683), T XIV – pp. 297 – 326, proferido no último dos quinze dias em que durou a vigília, na Igreja de N. S. da Ajuda – Baía, 1640, político e evangélico. Comentado por diversos especialistas do assunto, por ser considerado uma obra prima pela eloqüência, inspiração e originalidade, nele Vieira deu vasão ao seu patriotismo e teria conseguido inflamar a fé e o nacionalismo, além de não se intimidar em fazer ataques a Deus e advertir sobre do mal que cairia sobre sua cidade, a Bahia, semelhante à Cidade de Deus, de Santo Agostinho.

Encontram-se em jogo duas causas: a política e a evangelização, pois como poderia deixar uma obra cristã (católica) de tamanho porte em mãos de protestantes, os quais eram considerados hereges.

Vieira queixa-se dos incessante trabalho dos pregadores em chamar o povo à penitência, em vão, o que levou a tentar converter o Senhor, uma vez que a causa é primeiramente da Igreja e argumenta sobre o perigo da heresia que invade a Bahia, uma vez que os holandeses a tem por dominada**:**

> *Já o pérfido calvinista dos sucessos que só lhe merecem nossos pecados faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua verdadeira, veja ela na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompõem e derrotam as nossas armada, derrotem e desbaratem as suas; as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem nossos exércitos, escalem as suas muralhas e despovoem os seus presídios; os conselhos que , quando vós quereis castigar, se corrompem , em nó sejam alumiados e neles enfatuados e confusos. Mude a vitória as insígnias, desafrontem-se as cruzes católicas, triunfem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a perfídia, que só a Fé romana, que professamos, é Fé, e só ela a verdadeira e a vossa.*

Argumenta que as mesmas terras conquistadas à custa de tantas vidas, para aumentar o império cristão, através da ação dos missionários:

> ...*os mesmos se sentem afrontados pelo hereges, sente que os sacrifícios dos portugueses e espanhóis, foram vãos e, caso entrem na Bahia, não perderão a estado, a sexo nem a idade; com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos; chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro à sua modéstia; chorarão os velhos que não se guarda respeito a suas cãs; chorarão os nobres, vendo que só se guarda cortesia à sua qualidade; chorarão os religiosos e veneráveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os inocentes, porque nem a este perdoará (como em outras ocasiões não perdoou), a desumanidade herética...*

Nesse texto, como pode ser observado, Antônio Vieira procura atingir todos os segmentos da sociedade local, de forma a instigá-la à luta contra os holandeses, cristãos e heréticos ao mesmo tempo mas, ameaçadores do império cristão, identificado com o império ibérico.

Quanto ao *Sermão da Publicação do Jubileu (3a Dominga post – Epiphaniam* (publicado em 1692), T. XIV - pp. 120-149, cujo púlpito foi a igreja de São Luís – Maranhão, 1654 (ano da expulsão dos holandeses), de conotações evangélicas, coloca em evidência a Bula de Inocêncio X, em que se publica-se o jubileu do sumo Pontífice.

Ao pregar o Evangelho, mostra os dois lados do mesmo, isto é, da *boa nova*, quando se trata de comemorar as duas faces das boas novas: *batalhas e as vitórias, as quais posto que universalmente se festejam com repiques e aplausos públicos, a muitas casas particulares cobrem de lutos e se recebem com lágrimas (p. 122).*

Em seguida, Vieira enfatiza que o Papa tem o poder de *conceder as indulgências e perdoar os pecados, que os hereges tão cega, como ignorantemente lhes negam (p. 124*), o que pode ser lembrado em relação ao ano de 1517, quando Leão X promulgou a todos que concorressem com certa esmola para a guerra contra os turcos e fábrica do templo do Vaticano.

> *E querendo Lutero ser o pregador que publicasse este jubileu e indulgências, o arcebispo de Mogúncia, a quem o Papa cometera a superintendência deste negócio, encomendou a publicação a outro pregador, por hábito e por outras causas seu êmulo. Queixoso e como afrontado Lutero, daqui tomou ocasião para pregar contra as indulgências, chegando por palavra, por*

> *escrito e por conclusões públicas, a negar e defender que o pontífice não tinha poder, nem na Igreja o havia para conceder tais indulgências* (p. 125).

Vieira acrescenta que o mesmo teria apostatado e condenado.

Isso foi o bastante para que a Reforma logo se estendesse por toda a Alemanha, Suécia, Inglaterra, Holanda, mas não em Portugal, a quem estava reservado a missão de evangelizar.

Ao comparar a heresia com a lepra, pois isola o homem, queima-lhe as roupas e a casa, para evitar o contágio, relembra as penitências que o cristão cumpria até o século XI – *por um pecado contra o sexto mandamento se prescrevem nos Cânones de São Basílio quinze anos de penitência (...), todos vestidos de luto, desgrenhados, e sem nenhum ornato(p.* 133-134).

Apenas nos últimos anos podiam assistir os ofícios religiosos, mas não comungar, o que era permitido só na hora da morte. *Enquanto ela durava, nem podiam ser soldados, nem casar, nem assistir a convites, nem usar de banhos, jejuando, trazendo cilício, mas não dormindo em cama, e castigando-se a si mesmo com estas e outras asperezas que lhes eram sinaladas (p. 134),* e se referiam aos pecados públicos e secretos.

Já no século XVII, não acontece assim, por existir o segredo da confissão, como o Dia do Juízo: *ninguém sabe nem o dia nem a hora***.** E, as penas são bem mais leves, a de visitar cinco igrejas, orar, esmolar e jejuar. A oração é feita na igreja e na intenção do Papa, enquanto que a esmola, é de acordo com as posses de cada um, e o jejum durante três dias na semana da promulgação do Jubileu. E lembra que a oração eleva a alma do homem até Deus, o jejum alivia o peso do corpo e a esmola o peso da bolsa.

Em 1669, na Capela Real, T XIV (publicado em 1689), *pronuncia o Sermão da Quinta Quarta- Feira da Quaresma***,** com fortes conotações evangélicas e filosóficas, mais conhecido por *sermão do Cego,* por se tratar da cegueira física e espiritual.

Toma como exemplo o milagre de Cristo em Jerusalém quando fez um cego de nascimento enxergar, para espanto dos escribas e fariseus que, *cegos de inveja (...) negaram, blasfemaram e condenaram Cristo.*

Aos cegos fez ver, e aos que tinham visão cegou – efeitos da vinda de Cristo, como foi previsto em Isaías, XXIX, 32, considerado o primeiro milagre de Cristo em resposta a São João. Subtende-se então que a maior cegueira é a que cega de olhos abertos, como a de Saulo ao perseguir Cristo.

No mundo de hoje, vemos muitos cegos com olhos e que poderão ver se quiserem**,** embora se padeçam de muitas cegueiras. E, tratando-se dos escribas e fariseus (sábios e letrados), *liam as Escrituras (...) interpretavam os profetas*, daí terem a obrigação de melhor conhecer o Cristo.

Em sua época, Vieira culpa os católicos por sua cegueira ser maior ou por serem cegos de olhos abertos, enquanto que os hereges, judeus e os gentios, são cegos de olhos fechados *O católico, que crê e conhece evidentemente pelo lume da fé e da razão, que fé sem obras é morta, e que sem obras e viver bem, ninguém se pode salvar: que viva nos costumes como Lutero e Calvino? (p. 92)*, assim como eram cegos e idólatras os assírios, babilônios, egípcios, etíopes, moabitas, indumeus, árabes e tírios, no passado. Os hebreus eram os mais cegos entre eles, porque eram cegos com olhos, pois já tinham conhecimento do verdadeiro Deus. E, nesse tempo, entre os católicos, o português é o maior cego, por professar a única e verdadeira religião católica.

A primeira cegueira *é de cegos, que vêem e não vêem juntamente*, refere-se à dos escribas e fariseus, por não virem o milagroso e não queriam ver o milagre, enquanto que no segundo caso, refere-se aos *cegos que vêem uma cousa por outra, Trata-se da ida dos anjos à cidade de Sodoma, para que salvassem a Loth*[69]*, e abraçassem a seus habitantes* (p. 97), e os anjos cegaram a todos para defender a casa, embora de olhos abertos. Viam tudo, menos a casa de Loth.

Vieira se refere aí à necessidade de penitência em época de quaresma, quando as igrejas se tornam mais freqüentadas. Mas os fiéis não aproveitam a palavra dos pregadores, dispostos a mostrar o caminho da salvação, através da palavra de Deus que é a porta de entrada para a vida eterna.

Nessa mesma porta, afirma Vieira: *andam os homens cruzando as cortes, resolvendo reinos, dando voltas ao mundo; cada um em demanda das suas pretensões* (id), mas não enxergam a porta. Apenas buscam

> *... a honra com olhos de lince, e sendo que para a verdadeira honra não há mais que uma porta (que é a virtude) (...) Andai-vos desvelando pela riqueza com mais altos olhos que um Argos; e sendo que a porta certa da riqueza não é acrescentar fazenda, senão diminuir cobiça" (...) Andai-vos matando por achar a boa vida; e sendo que a porta onde se entra à boa vida, é fazer boa vida" (...).*

---

[69] Uma das tradições é que Lot morava em Sodoma e, devido ao seu extremo senso de justiça, foi poupado por ocasião do castigo infligido por Deus à cidade, embora as narrações sobre ele ainda permaneçam obscuras. (BORN, op. cit, p. 901)

> *Andai-vos cansando por achar o descanso; e sendo que não há, nem pode haver outra porta para o verdadeiro e seguro descanso, se não acomodar com o estado presente, e conformar com o que Deus é servido... (p. 99).*

Quanto ao terceiro caso, trata-se *dos cegos que vendo demais, só a sua cegueira não vêem,* são de todo cegos. O exemplo é extraído de uma das parábolas de Cristo em que um cego guiava outro cego e o primeiro julgava enxergar, enquanto que o segundo tinha consciência que era cego. Logo se entende que *a causa da primeira cegueira (...) é a desatenção: e a da terceira, tida por maior, é a presunção (p.113).*

Ao caminhar para a parte final do discurso, a eloqüência de Vieira é exultante e endereça uma crítica príncipes, eclesiásticos, ministros, pais de família e o próprio...

> *...homem cristão de qualquer estado e de qualquer condição que sejas: vês a fé e o caráter que recebestes no batismo, vê a obrigação da lei que professas, vês o estado em que vives há tantos anos, vês os encargos de tua consciência, vês as restituições que deves, vês a ocasião de que te não apartas, vês o perigo de tua alma e de tua salvação, vês que estás atualmente em pecado mortal, vês que se toma a morte nesse estado, que te condenas, hás de arder no Inferno, enquanto Deus for Deus, e que hás de carecer do mesmo Deus por toda a eternidade? (p. 119)*

Adverte que não podemos deixar de remediar os males na hora da morte ou última velhice.

Ao apresentar o *Sermão das Lágrimas de São Pedro,* (publicado em 1679, T. V, p. – 93 – 117), na Catedral de Lisboa – 1669, trata-se de um panegírico – filosófico em que compara a tentativa de Cristo em converter Judas, por sete vezes sem êxito, enquanto que Pedro converteu-se na primeira vez que o galo cantou e após ter negado o Senhor por três vezes.

Embora Cristo tenha conseguido a conversão, não quer dizer que o pregador conseguirá. As lágrimas de Pedro foram as mais bem choradas por nascerem dos olhos de Cristo e eram tão profusas que fizeram romper *as fontes do abismo*.

Implora ao Pai que faça verter lágrimas para que choremos nossos pecados e suplica a Moisés, Pedro, Madalena e à Virgem Maria, dada a importância do dia santo. Não é sua intenção fazer um panegírico *se os olhos ficam enxutos*.

Chorar os olhos porque vêem não é novidade, mas o que causa polêmica *é que sejam tão cegos os nossos olhos, que vejam para chorar*. Pedro entrava na casa de Caifás para ver e saiu para chorar, *porque do ver segue-se o pecar: do pecar segue-se o chorar, antecedente e conseqüente.*

O pecado de Adão e Eva, afirma Vieira, em seguida ...

> *... o fez chorar, porque viram, e o homem, mesmo pecando por outras vias são os olhos que pagam, por serem os olhos cúmplices dos pecados do corpo e da alma , sejam os pecados da avareza ou da cobiça; da luxúria ou da ira; da inveja ou da gula, e se ofendeis a Deus, não há nada pior no mundo. A Igreja manda chorar porque esses olhos foram a fonte da culpa, sejam também a fonte da penitência (p.112).*

Os olhos são o caminho para se resgatar do pecado – o caminho da salvação e, no caso das lágrimas de São Pedro, vemos que suas negações foram *pecador da língua* (instrumento) e *olhos deram a causa*. E assim, chorou amargamente, por negar o que viu e só chorou depois que saiu, pois só se chora depois que vê.

E, para ilustrar, mostra como exemplo o enterro, ocasião em se chora após a saída.

Na seqüência, o *Sermão Primeiro - Anjo* (T. XIII – pp. 159 – 184), Xavier encontra-se acordado *e com um pé sobre o mar, outro sobre a Terra*, segundo as profecias de São João, Apoc. X, 1 e 2, referindo-se às vitórias da Igreja.

As visões do Apocalipse, consideradas horrendas pelo profeta, identificadas pelas heresias, segundo opinião dos antigos e modernos. Refere-se à estrela que caiu identificada por Lutero e Calvino, pelo perigo que representa a Igreja Reformada; o primeiro por ser religioso e o segundo por ser eclesiástico, não ensinam leis condizentes com o Evangelho e sim e...

> *...conformes a largueza da vida, apetite, e sensualidade da natureza corrupta. Com eles escureceram o lume da razão e da fé, e cegaram e levaram brutalmente após si tanta parte do mundo setentrional e nações do Norte, uns enfeitiçados do doce veneno da liberdade, sem obediência de mandamentos, sem continência da carne, sem confissão dos pecados, e sem necessidade de boas obras: outros sujeitos por força e violência das armas, seguindo, como manadas de brutos sem*

> *razão, a cegueira de príncipes inconstantes, covardes, e afeminados, que por isso sobre cabelos de mulheres traziam na cabeça as coroas (p. 161).*

E assim Deus refutou os perigos trazidos pelas heresias através da ação dos *Doutores fiéis e católicos*, embora o Anjo fosse apenas Santo Inácio e a sua Companhia. A cada época a heresia foi combatida por um fiel à Lei de Cristo. Mas, à Companhia de Jesus coube o privilégio de combater as heresias, com a cura do remédio contrário, e não pela paridade.

Xavier, como filho da Instituição, representado no Apocalipse de São João, XIV, 11 e como pai e filho, pela perfeição, embora as regras da Sociedade de Jesus ainda não se codificaram, seguia as de Santo Inácio, mesmo sem se comunicarem, o que é explicado pela Providência Divina é que fariam vitoriosas a Igreja e o Papa.

No passado, a Igreja também sofreu a guerra contra Lúcifer e seus seguidores e foi salva pela ação de São Miguel e outros anjos.

Nesse momento, a Companhia de Jesus luta contra seus sequazes no Oriente e Ocidente, numa época em que muitos países se levantam contra a Igreja, como Inglaterra, Escócia, Holanda, Dinamarca, Suécia e outras, enquanto que os do Oriente se convertem e engrossam as fileiras do Cristianismo. Embora fossem idólatras, Xavier superou em muito as almas que foram roubadas à Igreja pelos heresiarcas.

Insiste em fazer sobressair a farta produção intelectual dos soldados de Santo Inácio, uma arma poderosa contra os hereges, pelo seu conteúdo e em várias línguas, sem sair do seu lugar de origem, enquanto o Santo enfrentou a travessia e o perigo dos mares. Daí, estar com um pé na Terra, o esquerdo *para alimpar e sepultar nela os ladrões; e o direito sobre o mar, porque o havia de alimpar também, e afogar nele os piratas* (p. 171), embora reconheça ser este um milagre muito difícil, tanto quanto o de ressuscitar morto. E, Vieira reconhece que os pés deveriam ser trocados porque na Terra os males são bem maiores que no Mar.

> *Estes se furtam sem carta de marca, enforcam-nos, e aqueles com as suas patentes e provisões têm licença para furtar; e o castigo que lhes dão pelo que furtaram, são novos e maiores poderes para furtarem mais (...). Os políticos, que não contentes com interpretar a sua Bíblia, que é o Tácito, se metem também a comentar a nossa, dizem que o anjo forte tinha o pé esquerdo sobre a terra e o direito sobre o mar, para ensinar aos príncipes (principalmente*

> *os que têm domínios ultramarinos, que devem pôr o pé direito, isto é, o seu maior poder no mar, se querem conservar a terra (p. 172).*

Comenta a simplicidade de Xavier ao sair em público, *vestido de uma roupeta preta, pobre e grosseira*, à vezes descalço, enquanto que os núncios das cortes européias apresentavam-se publicamente em liteiras, dirigidas por cocheiros ricamente uniformizados e acompanhados por um séquito. Por onde passava o Santo, chamava a todos para ouvir as lições de doutrina cristã extraídas de um pequenino livro – o catecismo cristão original (e que até o século XVII foi usado em Portugal), em que trata de várias matérias, além de espalhar a doutrina por onde passava e a todos indistintamente .

Pedia a quantos encontrava para que libertassem *os filhos e filhas, escravos e escravas à santa doutrina por amor de Deus* e também era seu costume pregar ou doutrinar através do dialeto local com grande êxito.

Queixa-se das dificuldades de doutrinar as crianças da América, alegando *que é por culpa ou desmerecimento dos mesmos discípulos, e pela natural ingratidão com que desconhecem o benefício da mesma doutrina (p. 180 – 181).*

Tece também uma crítica já conhecida aos senhores, feitores, capelães e filhos quanto ao modo de ensinar aos seus escravos. *Os menos negligentes fazem, quando muito, que os escravos e escravas braçais saibam as orações na língua portuguesa, não entendendo mais o que dizem, que os papagaios pardos de Angola, ou verdes do Brasil. E assim vivem e morrem tão gentios como dantes eram* (*p. 182***).** Acreditam que apenas o batismo e o nome português é suficiente para salvá-lo. Esquecem-se da prestação das contas no final da vida. É preciso ensinar antes do batismo: todos os escravos e seus filhos têm que receber a doutrina, com certa diferenciação para as meninas, tanto as aias, quanto suas escravas, pois as primeiras gastam muito tempo com vaidade e pouco com a doutrina.

Segundo Delumeau, a descoberta da América e o contato com uma civilização até então desconhecida e exótica, tenha levado os missionários, influenciados por correntes milenaristas, sentiram que o tão propalado reino dos santos estava próximo ou que o final dos tempos estava próximo, entre eles, Vieira e, que a conversão dos naturais deveria ocorrer antes da volta de Jesus Cristo, no final dos tempos, para estar presente ao Juízo Final, ou seja, antes da Parúsia. À Portugal e Espanha, impérios católicos extremados e que

escaparam da Reforma, caberia o papel redentor da salvação dos gentios, através da ação dos jesuítas, garantindo assim o seu lugar à direita do Pai Eterno[70]**.**

As primeiras décadas do século XVII são caracterizadas pelo avanço do reformismo protestante na Europa que levou à sanguinolenta guerra política dos Trinta Anos, envolvendo todos os países do ocidente europeu, com exceção dos países ibéricos, paralelamente à colonização das terras americanas, uma das partes do império cristão em construção e onde a Companhia de Jesus atuava como intermediária e defensora de interesses próprios (visto que, possuía um infinito número de propriedades rentáveis no nordeste) e dos do Estado Português: perder a Bahia, significava perder grande parte do Brasil.

3.2 Negros

A discriminação em relação ao negro já aparece na Vulgata de São Jerônimo, cuja inferioridade estaria relacionada à maldição de Cam, o qual teria zombado de seu pai Noé, quando este se embriagara e, sendo os pretos seus descendentes, pesava sobre eles tal castigo, o que o que justificava sobretudo ao trabalho mais pesado, ou seja, da escravidão.

Loyola e outros jesuítas da primeira geração, não aceitavam o fato da Ordem possuir escravos, como ilustra Alencastro[71]**:** *dias há que tenho feito resolução que não convém que a companhia se sirva de escravos (...) encomendo que procure como se desfazer com suavidade dos que têm em Portugal*[72].

Mas, tudo indica que os primeiros inacianos que vieram para o Brasil, já possuíam opiniões divididas no que se refere à escravidão, possivelmente inspirados na teoria de Santo Agostinho, o qual afirmava que *o homem não deverá dominar sobre o homem, mas o homem sobre as bestas*: uns comungavam a idéia de que a Companhia de Jesus não deveria possuir escravos, uma vez que a prática escravista de prognósticos negativos para o bom êxito da obra da Companhia de Jesus, enquanto que outros já a fundamentavam muito bem, por constituir a moeda da conquista**,** com é o caso de Barreira, que defendia a guerra justa contra os que negavam a fé cristã, após a conversão na Guiné **,** como nos atesta Alencastro[73]**,** observando que a escravidão foi legalizada desde o governo de D. João III e tolerado como lícito o seu comércio

---

70 História do medo no Ocidente, 1989, p. 214-214).
71 O Trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul. 2000, p. 104.
72 Carta do Geral Francisco Borja ao Provincial J. Henrique. Apud. ALENCASTRO, 2000, p. 426)

O mesmo autor admite também que a *segunda geração de jesuítas possuía mais habilidade no trato de escravos (...) pois entre as diversas fontes de renda da Companhia de Jesus, incluía o tráfico negreiro, o que teria causado dissidência entre alguns de seus membros*. Cita o caso ocorrido na Bahia que envolveu o padre Miguel Garcia (1550-1614), deixou de confessar senhores de escravos; Gonçalo Leite (1546-1603), mestre de noviços também exerceu forte influência sobre seus companheiros e deixou d e ouvir confissões de senhores escravistas. Foi disciplinado a ouvir confissões apenas na porta do Colégio, além de se suspenso do exercício do ministério[74] e que ambos e mais seus confrades da Bahia, *viam no escravismo um entrave ao ensino do evangelho no ultramar*[75]**.** Miguel Cardoso (1659-1721), denuncia ao Geral que os jesuítas possuíam escravos em Angola e no Brasil, em quantidade maior que os senhores brancos, sugerindo inclusive ser mais viável menos padres, desde que fossem sustentados pela própria Companhia. E, ao denunciar a situação da escravaria, foi penalizado a voltar ao país de origem, por não comungar com pareceres de tratadistas da Ordem[76].

No entanto, Serafim Leite não abordou tais fatos nas referidas biografias. Do primeiro, coloca em evidência o ensino de teologia e sua volta à Província de Toledo, de onde viera e, do segundo, o primeiro professor de filosofia do Brasil e Prefeito dos Estudos no Colégio da Bahia, além de ser um defensor acirrado da liberdade dos índios. Admite ter retornado a Lisboa e do terceiro, originário de Luanda, nos informa que *era catequista dos negros e administrador, tem a seus cuidados os escravos de Angola, cuja língua sabe muito bem. Visita os navios que chegam de África e é procurador das missões* e, pelo restante das informações, ocupou cargos de liderança, como reitor do colégio de Recife; procurador a Roma, e de Lisboa, reitor do Colégio do rio de Janeiro e Provincial[77].

A opinião de Miller, também é digna de ser mencionada nessa questão: para ele, o fato dos missionários possuírem escravos negros...

> *...provocava muitos aborrecimentos entre os fazendeiros brancos e, de acordo com a usança da época, imprimiam neles uma marca de ferro em brasa, como convinha, como de escravos, mas sim os chamavam de criados ou mui simplesmente de negros, e concediam liberdades e direitos sem exemplos: os escravos dos sacerdotes recebiam de seus amos, terrenos próprios e tinham que*

---

[73] ALENCASTRO, op. cit, p. 184.
[74] Id. p. 166.
[75] Ibid, p. 163
[76] História da Companhia de Jesus no Brasil. v. VIII, p. 266; 140.

> *trabalhar apenas um certo número de horas, ao passo que no tempo restante, tinham ocasião de mandriar sob o pretexto de tomar lições de religião. Tudo isso só poderia trazer resultados desvantajosos sobre a disciplina dos demais escravos*[78].

Outro caso ocorrido em relação à situação dos escravos se deu em Cartagena, ao convencer as autoridades e emitir uma ordem que deveria ser cumprida pelos colonos em conceder algumas horas livres aos escravos, para o aprendizado da doutrina cristã e Petrus Claver, tornou-se mal visto por insistir em ministrar conteúdos de religião cristãos escravos, inclusive os já batizados antes de serem vendidos, o que implicava em vários dias considerados perdidos por parte dos mercadores: desde a chegada de negreiros, o jesuíta cuidava levava comida aos porões, cuidava das feridas, animava-os e consolava-os e após vários dias os batizava através de um cerimonial, em frente a um quadro onde representava uma multidão de negros batizados como bem-aventurados filhos de Deus, o que insinua que o Deus dos cristãos estivesse realmente preocupados com sua sorte.Com o tempo, passou a viajar pela região, a fim de localizar *seus protegidos***,** e, por meio de atenções, incutir neles opiniões insensatas sobre o seu destino terreno[79].

A preocupação de Antônio Vieira em relação aos negros, é um tanto diferente como as direcionadas aos índios. Aliás, houve uma tendências geral dos membros da Companhia de Jesus em relação aos nativos, na América, pelos quais lutaram com todas as armas, com o intuito de missioná-los para a causa da Ordem e de Deus.

O *Sermão Décimo Quarto do Rosário***,** (T. XI - p. 281 - 317), cuja publicação é de 1686, social e proferido na Bahia, em 1633, à irmandade dos pretos de um engenho em dia de S. João Evangelista, provavelmente no Engenho de Sergipe do Conde, de propriedade da Ordem, é um dos trinta sermões da série do Rosário, escritos por Vieira, se bem que a maioria não fora pronunciada.

Como é sabido, o pregador precisava resgatar uma grande dívida para com a Virgem do Rosário, devido a milagres, quando escapara das várias tormentas em alto mar.

A tradição do Rosário acabou se espalhando por todo o Brasil e ,exemplo disso é a obra do Pe. Francisco Sales[80], a qual declara que foi fundada a Instituição da Oficina do

---

77 MILLER, op. Cit. p. 314-315.
78 Id, p. 216-217.
79 Ibid, p. 412.
80 O Rosário na eloqüência de Vieira. Salvador: Oficina do Rosário, s/d, p. 7 ss.

Rosário, com o objetivo de restabelecer nas famílias soteropolitanas a antiga tradição brasileira do Rosário.

A oficina funcionava até algumas décadas atrás, num convento de religiosas, onde reúnem-se mulheres de todas as idades e classes sociais, aos sábados, as quais se dedicam à confecção de terços para serem distribuídos entre os pobres, gratuitamente. Esse trabalho é executado *ao som das músicas educativas (...), segundo a recomendação de Pio XII.(1)*

Antônio Vieira destaca a coincidência das três festas tão importantes num mesmo dia: a de S. João, a da Virgem do Rosário e a dos pretos seus devotos, explicadas através do nascimento de Cristo em Belém, quando nasceu para o mundo, a do segundo nascimento, em Jerusalém, relacionada com a salvação e o terceiro nascimento diz ser (...) *o dos pretos, devotos da mesma senhora, os quais também são seus filhos, e também nascidos entre as dores da Cruz* (p. 292), assim como os *estranhos e gentios* , todos são seus filhos, independentes de cor e raça[81].

E vai justificando a injustiça para com os pretos. *O profeta pôs em último lugar os etíopes e os pretos, porque este é o lugar que lhes dá o mundo, e a baixa estimação com que são tratados pelos outros homens, filhos de Adão, como eles* **(**p. 293), e que esta dignidade os pretos a alcançaram no Calvário, visto que Coré[82], em hebraico, significa Calvário.

Todos aqueles que receberam o batismo se tornam filhos da Virgem do Rosário, para a qual têm uma série de obrigações, sendo que a primeira é a de terem recebido dela a oportunidade de conhecê-la. *E, graças a Deus por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios; e vos ter trazido a esta, onde instruídos na fé, vivais como cristãos, e vos salveis...* (p. 299), o que foi profetizado há mais de um milênio - a conversão dos etíopes.

No decorrer do sermão mostra que a aceitação da situação do escravo deve ser incondicional pelo estigma que o negro trás desde os tempos em que os filhos de Coré foram salvos do inferno, quando o pai e Datã[83] e Abirão foram tragados pela Terra por terem se rebelado contra Deus.

---

[81] Preto é uma palavra que vem do hebraico e se relaciona com a cor das coisas queimadas (...) em linguagem simbólica, preto é a cor da desgraça, da perdição. (BORN, p. 594)

[82] São várias as referências sobre Coré: uma se refere a um clã endomita, filho de Esaú ou Eliaz, membro da tribo de Judá e subordinada a Hebron; a outra nos diz que é um levita da linhagem caatita, porteiros do templo (BORN, op. cit, 299). Pode ser ainda que Vieira estaria se referindo a Coré, por sua dócil submissão.

[83] Os irmãos Datã e Abirão, filhos de Eliab, da tribo de Ruben, revoltaram-se contra a direção de Moisés e contra o sacerdócio de Aarão. Por duplo ordálio, foram tragados pela terra e seus sequazes tragados pelo fogo (BORN, op cit, p. 50.

Admite também que o trabalho do negro é incansável, por *culpa dos menos devotos,* os senhores de engenho e se torna o intermediário entre os escravos e a Virgem, por não terem tempo de se dedicar às preces do Rosário, embora possam dedicar parte dele em meio ao trabalho, a exemplo do povo de Israel que entoava os salmos de David, enquanto trabalhava, pois ele compusera alguns para os operários dos engenhos, *e diz que são os filhos de Coré,* ou Calvário. *Não se pudera, nem melhor nem mais altamente, descrever que cousa é ser escravo num engenho do Brasil. Não há trabalho, nem gênero de vida no mundo mais parecido à cruz e paixão de Cristo, que o vosso em um destes engenhos* (id), onde sua vida imita a própria vida e paixão de Cristo, assim retratada:

> *A sua cruz foi composta de dous madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o ceptro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram fel. A paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias, Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoutes, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio. (*p. 305 - 306).

Em meio a tantos martírios, Cristo não se esqueceu de sua mãe, motivo que vós também devem Dela se lembrar durante o vosso tormento. A Ela devem oferecer o vosso trabalho e três partes do Rosário, como Cristo orou *três vezes em três horas*. O escravo deve aceitar também o Calvário *por condição e semelhança da vossa cruz, e, por direito hereditário desde o primeiro etíope, ou preto que conheceu a Cristo, e se batizou...* (p. 310).

Vieira estaria se referindo a Simão[84] ou Simeão, o negro, profeta e doutor da comunidade cristã da Etiópia mas, como se trata de um nome várias vezes referenciado no Antigo e Novo Testamento, pode-se subtender que se refere a Simão Pedro, mencionado no Antigo Testamento.

No Sermão Vigésimo (T. XII – p. 81 – 117), Vieira inicia o discurso comentando sobre a igualdade de todos os homens perante Deus, e tece considerações sobre o domingo anterior quando *celebraram os brancos a sua festa do Rosário, e hoje, em dia e ato*

---

[84] Um representantes dos deportados ou membro de uma família repatriada de Babel. (Id, op. cit, p. 1512-1513).

apartado, festejam a sua os pretos... (p. 81), Isso mostra que os homens tornam desiguais até as coisas de Deus.

Esquecem que Cristo veio ao mundo para nivelar as desigualdades cometidas desde os tempos de Adão. O próprio apóstolo Paulo lembrou que não deve haver diferença entre o homem livre e o escravo, o que não acontece hoje no Reino. *Consta esta grande república de três sortes, ou de três cores de gente: brancos, pretos, pardos (p.* 82).

Embora todos professem a mesma fé, vivem separados em irmandades. Enquanto que os brancos e pretos adotaram a irmandade do Rosário, os pardos adotaram a de Guadalupe, por orientação errônea, pois Nossa Senhora do Rosário acolhe a todos indistintamente.

Em seguida, mostra as diferenças entre senhores e escravos na Bahia, estabelecidas *pelo nome, cor e fortuna (p. 85)* e suas considerações a respeito da escravidão abrem espaço para pensarmos que os negros devessem se conformar com sua situação e essa instituição devesse ser perpetuada, ao afirmar que *a própria Virgem Maria se autodenominou escrava antes de conceber o Filho, que havia de ser seu, como filho de escrava, nascesse também escravo nosso p. 88).*

O lugar que têm na estimação da mesma Senhora os escravos, *não obstante a baixeza de sua condição,* (p. 94) ainda comparados *com o nascimento e nome dos que se chamam seus senhores, nos irmãos negros, a Senhora inclina mais demoradamente seus olhos.*

Justifica a resistência da cor preta ao tingimento e por encobrir os defeitos, o que não acontece com a branca, interpretando-as filosoficamente, visto que a matéria é mais importante do que a cor.

O próprio Salomão reconheceu seu filho negro com a rainha de Sabá (Etiópisa), tornando-o rei etíope *ungido no Templo*. E, foram os etíopes que primeiro adoraram ao Deus único e um dos reis magos era de cor preta, o que antecedeu em muito a evangelização de São Matheus, mas a Virgem não se deixa levar pelas aparências e Deus também procura enxergar com o coração.

O desprezo do senhor pelos escravos é devido à sua falta de fortuna, mas chegará o dia e *não tardará muito, em que esta roda dê volta, e então se verá, qual e melhor fortuna, se a vil e desprezada dos escravos, ou a nobre e honrada dos senhores (p.* 109).

Outra censura dirigida aos senhores refere-se ao fato de possuírem uma mesa farta e poderem se vestir bem, enquanto que os escravos vivem nus e passam fome.

E, por todos esses motivos que levam os senhores a desprezar seus escravos, a Virgem *mais os estima, favorece e os ama.*

Em seguida, no *Sermão Vigésimo Quarto do Rosário, (T***.** XII - pp. 217- 260), o orador apresenta os mistérios das contas do Rosário, inspirado nas três gerações de Jorão, as quais constaram de três reis, segundo o Evangelho de São Mateus, 1, 8.

Tais mistérios não têm conta, por se referirem a Jesus e Maria, embora esta tenha reduzido o seu número para facilitar o nosso limitado conhecimento, e a segunda para que conheçais os mistérios dos mesmos números e esses três mistérios estão relacionados com as três gerações, essência da Trindade, equivalente às três portas que se abrem em cada ponto cardeal.

Após trabalhar inúmeras alegorias bíblicas relacionadas aos números chega ao capítulo X com o número cento e cinqüenta dividido por três (referindo-se à Trindade, para se referir ao número do Jubileu, ocorrido a cada cinqüenta anos, segundo o Levítico (parte do Antigo Testamento),

> *...ano da remissão, porque nele não só concedia Deus grandes remissões, mas mandava e obrigava, a que sem excepção de pessoa os observassem e lograssem todos. A primeira era que naquele ano não se arava, nem semeava, nem se cultivavam os campos, e cessava todo o trabalho. A segunda, que todos as herdades, ainda que se tivessem vendido, e alienado muitas vezes, tornassem a seus primeiros possuidores. A terceira, que se perdoassem todas as dívidas. A quarta, que todos os escravos se libertassem. Haveria melhor ventura? O número cinqüenta é muito significativo, pois implica as coisas temporais e espirituais, pois tratando-se das Aves Maria do Rosário "nos restituem a herdade e herança do Paraíso, perdida primeiro pela culpa de Adão e depois tantas vezes vendida pelas nossas (p.245), desde que se ajunte, ou preceda o perdão das dívidas e a liberdade do cativeiro (id).*

Por diversas vezes, Vieira faz referências ao *Apocalipse de São João: XII, 1 (p.221); XXI; 13 (p.227); IV, 18; (p.249); V, 2 (p.240); XXI; 14 (p.242); XXI e 11(p.260),* mas em nenhum descreve com detalhes a segunda visão e, afirma que pretende persuadir a todos quanto ao número dos predestinados, os quais são identificados pelas obras pias, excluindo os senhores que maltratam seus escravos.

Ao tratar do *Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário*, **(**T. XII – pp. 329 – 367) igualmente social, o sermonista inicia a pregação referindo-se à grande quantidade de

africanos que chegam à América, o que dá a impressão de que estão trazendo *a Etiópia para o Brasil. Chegam centenas ou milhares diariamente, ou em cada embarcação de Angola, atravessam o Atlântico para viver ou morrer cativo***s** (p. 329). Nascem para servir, daí a sua condenação à desumanidade do comércio efetuado pelos homens.

E, quando chegam aqui, comparados aos seus senhores, vê-se a miséria extremada ao lado da fortuna.

> *Os senhores poucos, e os escravos muitos; o senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banqueteando, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata e os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses; os senhores em pé apontando para o açoite, como estátuas da soberba e da tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás como imagens viilíssimas da servidão, e espetáculos da extrema miséria (p. 330).*

E questiona o porquê de tanta desigualdade, se são todos filhos do mesmo Pai, vítimas de sua *estrela* tão cruel e desumana.

Por outro lado, defende a utilidade do trabalho escravo no Brasil:

> *Quem pudera cuidar que as plantas regadas com tanto sangue inocente houvessem de medrar, nem crescer e não produzir, senão espinhos e abrolhos? Mas são tão copiosas as bênçãos de doçura, que sobre elas derrama o Céu, que as mesmas plantas são o fruto, e o fruto tão precioso, abundante e suave, que ele só carrega grandes frotas, ele enriquece de tesouros o Brasil, e enche de delícias o mundo (id).*

É aí que interpreta essa transmigração como um grande mistério, pois bem vê que tais viagens só podem acontecer com bom tempo.

Todos deveriam ponderar sobre a questão da vinda dos escravos e seus efeitos. E, Vieira mostra tal predestinação imbuída de um toque de falsa e inocente piedade: seria para ganhar o lume da verdadeira *fé e conhecimento dos mistérios de Cristo, que são os que professais no Rosário* (p. 332).

A promessa da liberdade vem da Senhora do Rosário através de duas transmigrações: vir de sua pátria para o Brasil e a da Babilônia, como quando os judeus se tornaram cativos, fora aquela em que alcançará o reino dos Céus. E, sabendo da limitação do

entendimento deles, fá-lo-á de modo claro. Mas, quando isso não for possível, os senhores e senhoras deverão entender e passar a todos, visto que é importante que eles o saibam.

Mesmo sendo escravos, possuem *corpo e alma, coisa que os gentios já acreditavam. E a última não pode ser cativa, mas deverão obedecer a seus senhores, aos quais servis por todo o tempo da vida* (p. 334).

Mostra a sensível diferença de um escravo grego e romano e os da sua época, chamados de *peças*, dado o domínio que seus senhores têm sobre a matéria apenas, daí não reconhecer sua situação como cativeiro total, enquanto que na Babilônia, deixaram com exceção de Tobias (21), cativas as almas.

Censura a ganância dos senhores que obrigam seus escravos a trabalhar mais a cada semana, com a finalidade de aumentar seus bens, impedindo que eles se doutrinem cristãmente, por viverem e morrerem sem os sacramentos.

Consentis que os escravos e escravas andem em pecado, e não lhe permitis que se casem porque dizeis, que casados servem menos bem (p. 339 – 340). Para tanto,

> *...aconselha-os a não venderem a alma, sob a pior pena, pois o cativeiro do corpo é nvoluntário, e o da alma não; o primeiro é passageiro, e o segundo é eterno e pior. Mas, a Senhora do Rosário poderá livrá-los, pois seu filho veio ao mundo para remir e libertar os homens do cativeiro das almas, e não da servidão dos corpos... (p. 343).*

E, para libertar do cativeiro do corpo, basta o outro e prata, enquanto que o da alma,o preço é infinito, pois não se mede com outro e prata, mas livra-se do Demônio.

Mas, quanto ao cativeiro do corpo, Vieira afirma que a Senhora do Rosário também pode quebrar seus grilhões, desde que sejam devotos do Rosário, embora não descarte que todos os escravos devem servir aos seus senhores com toda a dedicação, *como se estivessem servindo a Deus, por livre vontade, pois ele vos há de pagar o vosso trabalho, fazendo vos seus herdeiros ..., o descanso só virá com a morte*. E lembra que tal herança é transmitida aos filhos.

São Pedro, ao se pronunciar sobre a questão dos escravos, incentiva-os a suportarem a pesada carga do trabalho e da obediência em relação aos seus Senhores, *fossem bons ou maus, "justos" ou injusto.*

Dirige-se aos senhores quando recorda os estóicos e Sêneca, os quais admitem que os escravos deveriam sentar-se à mesa com seus donos. Mas, no Brasil são os escravos que o sustentam e lhes têm negada a mesa.

Considerem senhores que para ser cativo *não é necessária a transmigração de Babilônia, e que na vossa mesma terra pode suceder esta mudança, e que nenhum há no mundo que mais a mereça e esteja chamando por ela à Divina Justiça (p. 364), pois segundo São João, todo aquele que cativar será cativo* (id). Os vários cantos do Brasil são exemplos dos *milhares de cativeiros.* Deus castigou o Egito por ter executado tantos. E as conquistas portugueses também contribuem com o exemplo.

> *Pelos cativeiros da África, cativou Deus a Mina, São Tomé, Angola e Benguela: pelos cativeiros da Ásia castigou Deus Malaca, Ceilão, Ormuz. Mascate, Cochim: pelos cativeiros da América cativou a Baía, o Maranhão e debaixo do nome de Pernambuco, quatrocentas léguas de costa por vinte e quatro anos. E porque os nossos cativeiros começaram onde começa a África, ali permitiu Deus a perda de el-rei D. Sebastião, a que se seguiu o cativeiro de sessenta anos no mesmo reino (p. 365)*

Considera ainda que certos cativeiros são justos, permitidos pela lei**,** *e que tais se supõem os que no Brasil se compram e vendem, não dos naturais, senão dos trazidos das outras partes.*...**(**id), embora reconheça a tirania que martiriza os negros, pelos castigos que sofrem, não devem temê-los, porque Deus os recompensará na outra vida.

Os jesuítas, tanto na África, como na América colaboraram na legitimação da escravidão e não apenas em relação à política colonial, a exemplo de Manoel da Nóbrega ter justificado que o casamento entre escravos, não os isentava do cativeiro e, tampouco obrigava os senhores a alforriá-los[85]**,** opinião contrária apresenta Perdigão Malheiro[86]**,** ao afirmar que o mesmo jesuíta queixava-se da introdução de escravos negros e negras na Bahia, *mescla perniciosa, inoculando-se assim no Brasil o fatal cancro da escravatura, fonte de imoralidade e ruína* e no *Tratado Descritivo do Brasil***,** Gabriel Soares de Souza, também teceu algumas considerações sobre o negro, como o seu valor econômico e os aspectos negativos de sua higiene[87].

---

85 Cartas de 1551, p. 123-127.
86 1976, p. 21-26.
87 p. 304-305 Lopes.

Vieira, em reposta ao *Capítulos do Procurador do Maranhão***,** ao reconhecer o trabalho indígena inconveniente nas plantações de tabaco, nos canaviais e engenhos, dado o alto índice de mortalidade entre eles, dada a sua natureza,

> *e como nas suas vidas consiste toda a riqueza em pouco tempo remédio daqueles moradores, é mui ordinário virem a cair em pouco tempo em grande pobreza os que se tinham por mais ricos e afazendados; porque a fazenda não consiste nas terras, que são comuns, senão nos frutos da indústria com que cada um as fabrica (....)até que com esse desengano se resolveram a fabricar suas fazendas com escravos mandados vir de Angola, que é gente por sua natureza serviçal, dura e capaz d e todo o trabalho, e que atura, e vive por muitos anos, se a fome e o mau tratamento os não acaba. Nem no Estado do Maranhão, que é parte do mesmo Brasil, haverá remédio permanente de vida enquanto não entrarem na maior força do serviço escravos de Angola*[88]**.**

Como se pode observar, Vieira comungava com as idéias de seus pares que admitem a escravidão e por vários motivos: a própria Companhia de Jesus os possuía em todas as suas unidades, seja para o serviço doméstico, da lavoura, do gado, entre outros; encontrava-se envolvida nos negócios do tráfico; sabedor dos costumes dos colonos, trazidos de além mar, podia avaliar que, sem o trabalho do negro escravo, não haveria como desenvolver a economia colonial e, por conseqüência, a da metrópole.

Embora tenha se pronunciado a favor dos bons tratos aos escravos, expõe todo o seu sofrimento, pela ambição pura e simples dos seus algozes amos, apenas com o intuito de enriquecer e, no caso do Maranhão, também por serem capazes de nada possuírem sem fazer uso do seu trabalho, vê a instituição da escravidão do negro como algo natural.

Roger Bastide também é de opinião que *os negros eram batizados. Mas, seus senhores preocupavam-se pouco com sua educação religiosa. O clero teve que tomar sob sua responsabilidade, esclarecendo que, em tais sociedades ou grupos, o catolicismo do branco e dos negros não se identificavam*[89] e que na América Latina, os escravos ou a saída da África, ou na entrada do país e receber uma instrução religiosa, que justificasse aos olhos dos brancos, o regime servil, entendendo que a escravidão do corpo significava a libertação da alma[90].

---

88 Anais do Maranhão, apud, MALHEIRO, op. cit, p.28.
89 As Américas negras.1974,p.88.
90 Id. p. 141.

Após a saída dos holandeses do nordeste, Palmares esse torna o alvo das preocupações dos capitães donatários, seus vizinhos e , entre um e outro mal sucedido ataque, propõe-se um acordo fracassado com os palmarinhos que consistia em libertar seus descendentes e liberar a posse da de sua terra, desde que não aceitassem mais nenhum escarvo fugido; que talvez pudessem ser usados como força militar auxiliar, em troca da liberdade e os oratorianos também tentaram a seus modo estabelecer relações pacíficas com eles. O jesuíta Antonio Maria Bonucci, por exemplo, pretendeu fixar uma missão em Palmares, *pois assim os poderá reduzir a viverem na sujeição da Igreja e das leis de V. M. e deste governo [se V. M. houver por bem que ele lhes possa prometer a segurança das vidas e de sua liberdade]*[91]**.** E, época em que foi Visitador, ao ser consultado pelo Rei sobre parecer em relação aos palmarinhos, opinou por uma política ofensiva.

Entre seus argumentos, se bem eles não definiram a sorte de Palmares, acusa o padre italiano de inexperiente, defende o sistema escravista, tendo em vista da destruição do Brasil, uma vez que várias réplicas de Palmares poderiam surgir. Ao ser-lhe igualmente solicitado que enviasse alguns padres de Angola, a Palmares a fim de facilitar a doutrinação católica, por saberem a língua, alegou em um dos cinco argumentos que não seria possível, por serem desobedientes às leis da Igreja, as quais previam, na sua condição de escravos, obediência aos seus senhores.

Em carta datada de 2 de julho de 1691, endereçada a Roque Monteiro, entre outros cargos, secretário de D. Pedro, Antônio Vieira apresenta os argumentos:

> *Primeira, porque se isso fosse possível havia de se por meio dos padres naturais de Angola que temos, aos quais crêem, e deles se fiam e os entendem, como de sua própria pátria e língua; mas todos concordam em que é matéria alheia de todo o fundamento e esperança; Segunda: porque até deles neste particular se não hão-de fiar por nenhum modo, suspeitando e crendo sempre que são espias dos governadores de como podem ser conquistados. Terceira: porque bastará a menor destas suspeitas, ou em todos ou em alguns, para os matarem com peçonha, como fazem oculta e secretissimamente uns aos outros. Quarta: porque, ainda que cessassem dos assaltos que fazem no povoado dos portugueses, nunca hão-de deixar de admitir aos de sua nação que para eles fugirem. Quinta: fortíssima e total, porque sendo rebelados e cativos, estão e preservaram em pecado contínuo e actual, d eque não podem ser absoltos, nem*

---

91 Manuscritos anônimos da BNL, publicado por C. J. de Senha Barcellos. Subsídios para a História de Cabo Verde, Vol. I, parte 2, p. 173. Apud. ALENCASTRO, op. cit, p. 1143-344.

> *receber a graça de Deus, nem se restituírem ao serviço e obediência de seus senhores, o que de nenhum modo hão-de fazer.*

Como se pode observar, Vieira, ao mesmo tempo que sugere ainda dos padres angolanos a Palmares, justifica a desconfiança dos palmarinhos para com eles, daí o perigo de vida que correriam e, por faltar a obediência aos seus senhores, estariam faltando com a obediência à Igreja e pelo fato de viverem em pecado, encontram-se impedidos de receber suas graças, sem falar do risco de formação de outros palmares, o que significaria a destruição do Brasil..

Esclarecemos que no século XVII, a lógica do sistema econômico era muito mais forte que os sentimentos de bondade e que o escravo, mesmo batizado não tinha alterada a sua condição jurídica e não implica também em salvação, além de permanecer mais fechado na senzala ou vigiado no trabalho, enquanto que o indígena vivia dispersado por todo o território e essa situação ia de encontro com os ideais jesuítas: o de buscar suas presas, fosse onde fosse.

3.3 Mulheres

Apesar das mulheres serem estudadas desde o tempo das sociedades primitivas, esses estudos de gênero são recentes e as opiniões em relação às mulheres se dividem. E, no texto em questão, procurar-se-á ensaiar um enfoque social.

Para a maioria dos antropólogos, a grande maioria do tempo do planeta a espécie humana sobreviveu das culturas de caça aos pequenos animais, ainda que houvesse a divisão do trabalho entre os sexos, não havia desigualdade, as mulheres teriam um poder mais central e era até considerada um ser sagrado e que seriam as mulheres a descobrir os ciclos da natureza, por poderem compará-los ao próprio corpo.

Por ocasião da passagem para a sociedade de caça aos animais de grande porte ou onde a caça era escassa, a força física se tornava indispensável, nota-se a supremacia masculina, devido e a competitividade entre os grupos na busca de novos territórios, muitas vezes levaram à guerra e os homens passaram a ser mais bem-vindos ao mundo, embora ela anda tivesse certo poder de decisão.

A partir das sociedades pastoris aparecem as referências sobre mulheres, como por exemplo as descritas na Bíblia, como por exemplo no Gênese, mostra a sua dependência a Adão, do qual foi tirada a costela, para fazer a mulher, cuja descendência desempenhava um papel relevante: Sara, Lia, Ana, Rute, muitas estéreis, acabam dando a luz, para perpetuar sua descendência; outras que teriam exercido função na social em Israel, como Judite, Débora e Ester, embora na sociedade hebraica, era-lhe proibido falar na sinagoga, não testemunhar, estar entre convidados em festas e não servia a mesa *(Gên. 18, 9; Rut, 2, 14)*. O Talmud rezava ainda que uma das três garças que Deus pode dar a alguém era *não ser mulher* **e** era reconhecida apenas ao se tornar mãe[92]. E, aos poucos, as antigas sociedades se tornaram patriarcais, com o aparecimento do Estado e, por conseqüência, do exército, quando a lei caberá ao mais forte.

A mulher no Novo Testamento é identificada com Maria, símbolo da virgindade e bendita entre todas as mulheres e, nesse cristianismo primitivo, Jesus aprece entre as mulheres: Madalena, Joana, Susana; foram as mulheres que estiveram presentes na sua Ressurreição. Portanto, as primeiras a testemunhar o acontecimento.

Em Creta, as mulheres das classes sociais elevadas representadas nas pinturas murais pintadas de cor branca, em contraposição aos homens, de cor escura, justificado pela exposição ao sol, aparecem elegantes e bem produzidas e com uma tendência a optar pela profissão que desejassem. Aí, o papel da sacerdotisa também era indispensável, o que indica um lugar diferenciado ocupado por ela.

Na Grécia, as mulheres aparecem na literatura como personagens de maior dignidade, como Helena e Penélope, ainda que em Atenas seu lugar fosse o gineceu e em Esparta tinham, como missão gerar filhos saudáveis, com o trajar regulado, uma vez que a pátria estava em primeiro lugar. Ali, os pensadores a vêem como um ser inferior, com exceção de Platão que a tem como igual ao homem.

A lendária Reia Sílvia, aparece inicialmente e indiretamente na fundação Roma, foi facilitado o casamento de Rômulo, para a perpetuação da monarquia; Tanaquil, Carmena. Tarpeio, Lucrécia, o que nos induz a aceitar que à mulher romana eram delegadas atribuições privilegiadas, sejam através de lendas ou fatos verídicos. E, até entre os deuses, era maioria. Todavia, sabemos que no decorrer da evolução da sociedade romana, coube à mulher um frágil pode de decisão, visto que a linha da progenitura era masculina.

---

92 Apud. SEABRA: 1994, p. 43.

Delumeau[93], ressalta a dificuldade dos Evangelistas, especificamente São Paulo, em aliar a teoria e a prática,

> *... colocou a mulher cristã em uma posição de subordinação simultaneamente na igreja e no casamento. Exigiu que tivesse a cabeça velada nas assembléias de oração e, lembrando que o segundo relato da criação (Gênesis 2: 21-40, escreveu: Não foi o homem, evidentemente que foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem (Coríntios:11:9),*

...se bem que tenha se manifestado seu reconhecimento em relação a elas na atividade apostólica.

Percebe-se que na Idade Média, herdeira das tradições anteriores reforçou o discurso pré-existente e normativo em relação á mulher e este continuou a sofrer influências, através da dialética de pensadores e teólogos: Santo Agostinho admite que, a o contrário do homem, a mulher não é imagem de Deus e que seu corpo não reflete a alma; Santo Tomás ressalta que ela é menos perfeita que o homem, um macho imperfeito[94].

Ao passar para a história da própria formação de Portugal. Teresa e Urraca encontram-se presentes na independência do pequeno condado Portucalense e outras tenham de destacado no decorrer da sua história, como D. Catarina de Bragança, D. Luísa de Gusmão , por exemplo, foram o centro de interesses de poetas trovadores (Cantigas de amigo, de amor e de escárnio; Camões nos informa sobre seus tipos exóticos; Gil Vicente mostra as *rapariguinhas, as alcoviteiras, a adúltera, as casamenteiras, a mãe conselhelheira***;** sabemos que poucas mulheres cultivaram as letras e que deveriam se recatadas. Mulheres de estamentos mais simples aparecem ainda exibindo seus pendores durante as procissões do Coro de Deus, como as padeiras, pescadoras e regateiras, a dançarem ao som dos gaiteiros.

Nos jograis, veículo da cultura profana, a mulher dançarina, ou cantadeira, diferenciava-se das demais, por liberdade, desenvoltura e provocação, segundo Saraiva[95]; no final do século XIV, por exemplo, aparece Leonor Teles a distribuir mercês e cargos, cirando em torno de si um clientela de parentes e protegidos, coloca em evidência seu espírito forte[96], a qual disputou com D. Beatriz sua influência.

---

93 História do medo no Ocidente, 1989, p. 314-315.
94. BORRESEN, K. E..1968, p. 25-114. Apud. DELUMEAU, op. cit. p. 317.
95 1950, p. 124.
96 Id. p. 292.

O século XVI português ainda é influenciado pelo pensamento clássico e judaico e, segundo Lopes *os defeitos atribuídos à mulher e propagandeados pelos folhetos volantes na sua maioria do século XVIII, não fogem muito à imagem dos autores anteriores e que o discurso dos teólogos e juristas* e**,** desde a Idade Média, *mostrava o sexo feminino como inferior, preso à imbecilitas da sua natureza corrompida*[97], exemplificado com a obra de Baltasar Dias, *A Malícia das Mulheres*, reeditado do século XVI ao XIX. O arquétipo era a Virgem Maria, *assexuada, passiva, recolhida, silenciosa, obediente, conformada, trabalhadora e modesta*[98]**,** cuja sociabilidade a recusava, sobrando-lhe apenas a clausura doméstica e, ao que as leituras indicam, em relação ao trabalho, o contato cotidiano com o homem só foi possível à mulher do campo. E nesse caso a Igreja também tentou impor suas regras

Boxer[99], afirma que Martin Afonso de Miranda, D. Francisco Manuel de Melo e Duarte Nunes de Leão, reforçaram a clausura como antídoto para a mulher, dentro de sua própria casa e que deve se retirar para compartimentos ainda mais discretos, por ocasião de visitas ao marido. Resume-se que da tutela do pai, do marido, dos filhos ou do convento, caso faltasse a guarda masculina, era sempre um espaço um tanto restrito que lhe cabia, caso contrário perdia a estima da sociedade.

Inácio de Loyola, desde o tempo da sua adolescência conviveu com mulheres, inclusive se apaixonara por uma delas, a princesa Germana; desde os tempos passados em Manresa e na Itália, viu-se cercado de mulheres e chegou a permitir a irmã de Carlos V na Ordem, desde que o fato permanecesse em segredo. E, mais adiante, aconselhou que seus padres não ficassem a sós com mulheres.

Entre o século XVI e o início do XVII, o *Malleus Maleficarum* foi responsável pela discriminação à mulher e teria influenciado inclusive os jesuítas, a exemplo de Del Rio afirma *que quanto ao sexo, o das mulheres á mais suspeito (...) imbecil (...) repleto de paixões vorazes e veementes***,** cultivam a *volúpia, o luxo e a avareza*[100] e de Benedicti: *M: a mulher má é o mal dos males; V: a vaidade das vaidades; L: a luxúria das luxúrias; I: a ira das iras; E: [alusão às Erínias]: a fúria das fúrias; R: a ruína dos reinos*[101].

A Igreja pós Concílio de Trento induziu autoridades eclesiásticas na difusão do medo contra a mulher e a sua inferioridade, o que pode ser entendido pela falta de

---

97 LOPES, 1989, p. 19.
98 Id, p. 42
99 A mulher na conquista ultramarina, 1977, p. 125-126.
100 DELUMEAU, op. cit. p. 328.
101 Id, p. 344.

observância á castidade pelos clérigos, uma vez que muitos deles viviam em concubinato ou tinham contatos com mulheres em seus conventos e mosteiros.

Francisco Xavier, em carta escreveu ao padre Gaspard Barzé, responsável pela missão de Ormuz, onde esclarece *que a religião que importa é a dos homens; em um conflito conjugal, o confessor jamais reconhecerá o erro do marido diante de sua esposa*[102], possivelmente inspirado nas Instruções aos confessores de São Carlos Borromeu, época em que a confissão se tornou um dos veículos mais comuns e eficientes de controle da mulher, prática que vinha desde o século XIV, quando do início da pastoral, dirigida ao meio rural, a fim de confirmar como se encontravam as vocações, era a mulher quem confessava e não o homem.

Paralelamente a tais posturas, a maioria dos homens do Renascimento, viu a mulher nem pior e nem melhor que o homem e nem a retratou como era na realidade, o que pode ser conferido nas obras de história da arte do período.

A pintura e escultura do *Trecento* delegou um lugar especial à Virgem Maria, sempre no centro ou ao lado direito do Pai ou de Cristo, com o Filho ao colo, em frente a um anjo; em outras cenas aparece com o seio à mostra, indicando a santidade da maternidade, em *A Virgem e o menino*, de Jean Fouquet.

No *Quattrocento* , temos damas nobres que são identificadas pelos trajes recatados com os quais se apresentam nas cortes; nus masculinos, como David, de Donatello; *Hércules abafando Anteu*, de Piero della Francesca; várias representações de Cristo desnudo; muitas almas nuas com Luca Signorelli; repetem-se muitas cenas semelhantes que envolvem a Virgem da época anterior; o *Nascimento de Vênus*, de Botticelli, onde a deusa oculta os seios e o sexo e a cena da *Primavera* retrata mulheres com corpos sinuosos, a exemplo dos clássicos, entre outras.

Curiosamente, em Ferrara, um pormenor doa fresco do Palácuio de Schiafanoia, de Francesco dl Cossa (*Mês de Março*), ilustra cortesãs, numa cena de ócio, em contraposição, J. Joachim Beuckelaer no *Interior de uma cozinha*, é ilustrado com jovens trabalhadoras**;** Pieter Brüegel com *A ceifa***,** pintou um cena que envolve campônios de ambos os sexos, cuja maioria é composta por mulheres, na *Visita à Quinta*, uma cena aparentemente confusa, mostra o árduo trabalho das mulheres e no *Cortejo do Rei***,** os homens são separados das mulheres por filas.

---

[102] Apud. DELUMEAU, op. cit, p. 329-330.

No século XVI ou *Cinquecento*, a Virgem não perdeu o centro, como em *A Virgem dos Rochedo*, em *a Ceia*, o lado direito de Cristo, em *A Virgem e Santa Ana*, de Da Vinci; a *Pietà* e, de Michelângelo, Maria mostra apenas o rosto ao amparar o Cristo; os homens são , de modo a revelar seu porte grego e o sexo diminuto, como em *A criação do homem*.

Em Portugal, essas práticas parecem não terem vingado: as atividades das mulheres aparecem descritas e não ilustradas pela mão do artista, fosse porque o seu Renascimento estivesse mais preso ao aspecto épico-cruzadista, excetuando o tema da *Ilha dos Amores***,** de Camões, com influências orientais, poderiam Ter influenciado seu sonetos, ou pela influência da religiosidade desde muito tempo, uma vez que na primeira metade do século XVIII, visitantes estrangeiros, teriam testemunhado a vida enclausurada das mulheres, levando-as à margem do convívio social, em contraste com o país que era projetado por tais visitantes: rico, exótico e bárbaro, como ilustra o texto a seguir:

> *... a sua vida é triste; por tal forma vive enclausurada que é vulgar haver simples mercadores com capela em casa e missa privada, a fim de não darem a suas mulheres e filhas o único pretexto que podem Ter para pôr o pé na rua. Quanto a conversações com homens, as mulheres portuguesas só podem falar com frades e com padres e quanto a recreações não lhes é permitida outra que não seja a de espreitar, através das rótulas das janelas, quem passa ao alcance da vista***.** *(Description de la vide de Lisbonne, 1730, in: O Portugal de D. João V visto por três forasteiros. p. 60, apud. LOPES, op. cit, p. 60).*

A literatura portuguesa é marcada pela presença de obras moralistas e, ao que tudo indica, cujo gênero teria se iniciado com João de Barros e seu *Espelho de casados*, em 1540, seguido de vários outros, como por exemplo, os jesuítas, espelhados nas citações dos moralistas clássicos, como Sêneca, Catão, Epicteto, Marco Aurélio, Plutarco, além dos filósofos gregos e desde o século XVI, chegaram à Índia e ao Brasil.

Manuel Bernardes, no século XVII, nos dá outro exemplo, inspirado nos trinta anos que passara no convento nos vários livros que escreveu, deixou refletir vários aspectos da moral oficial do Estado, em seu país, onde o recolhimento das mulheres era louvado desde o século anterior, podendo-se dizer até confinado em certos aposentos da casa - às solteiras não lhes era permitido passar pela sala, se houvesse visitas; passavam os dias sentadas nos estrados (peça de mobiliário presente em todos os lares), onde aguardavam o casamento, o convento ou a velhice, acompanhadas de amigas ou criadas e nas reuniões festivas

familiares, eram separadas em mesas distintas dos cavalheiros, costume que teria sofrido retrocesso apenas no reinado de D. João V.

3.3.1 As Evas da história nos sermões de Vieira

Ao analisar o sermonário de Antônio Vieira, nota-se claramente que o conteúdo da maioria de seus discursos é de forte conteúdo moral, embora conotações religiosas, políticas, econômicas, evangélicas, enconimiásticas, gratulatórias ou sociais, perpassassem suas falas, fosse qual fosse a circunstância.

Seus sermões não são apenas.

> **...** *ações verbais aplicadas à ocasião do tempo, fundadas e atuando sobre um tema do calendário litúrgico, da festa do dia ou da vida ou da vida política e social, institucional e religiosa num determinado momento. A formação dos traços próprios de sua oratória sacra como formação discursiva foram eles mesmos determinantes na compulsão biográfica e construía a sua própria identidade e a imagem dela através dos discursos que fazia*[103].

Vieira passa a imagem que procurava dar um sentido à existência, o que pode ser melhor entendido se o inserirmos no universo mental, cultural e existencial da época em que viveu e que tornou a literatura tão fecunda[104].

Para o capítulo em questão, foram selecionados vários sermões, proferidos em fases diversas de sua vida e em outras tantas ocasiões, nas quais não perdeu a oportunidade de expressar suas opiniões, através de argumentos imbuídos de um claro discurso moralista católico, um tanto diferenciado e que separava o amor espiritual de Deus da sensualidade da carne e da luxúria, vistas como um dos piores pecados da humanidade, tanto ou quanto pior do que a heresia e que encarnava o mal, como por exemplo os discursos endereçados à mulher, fosse religiosa ou não.

No *Sermão das Exéquias de D. Maria de Ataíde*, (T.XI - p. 281 - 317)**,** proferido, no Convento de Enxobregas – Lisboa, 1644), trata-se de um sermão de exéquias, o *qual têm três obrigações, que são, sentir a morte, louvar o defunto e consolar os vivos,* sendo a segunda a mais evidente.

---

103 MENDES, 1989, p. 16.
104 Id.

Portanto, relaciona a morte da dama com o funesto agosto, em tenra idade. Arrancada da vida *desatou-se dos cuidados e das obrigações do mundo, rompeu os laços de humanidade, deixou em soledade o sangue, o amor e a mesma vida. Nenhuma lágrima valeu contra a morte, pois ela penetra em qualquer lugar, desde os palácios reais até as cabanas dos pastores* (p. 391) Impiedosa. Dela ninguém escapa, nem os *verdes anos* e quem mais chora é a mãe de quem se foi, profere três queixas*: a idade, a gentileza e a discrição,* subtendendo que a última seria o saber dizer.

Vieira coloca em evidência a crueldade da morte pela sua desigualdade, pois quando mal os frutos ficam verdes são golpeados como aconteceu à gentil dama, a qual nunca faltou às obrigações do ofício e de ser discreta, qualidades próprias da mulher portuguesa. E, depois vem o consolo: quando Deus interrompe a idade é para eternizá-la, *melhorar a formosura* para revestir a alma e servir a Deus.

As falas proferidas, no Convento das Odivelas, segundo a cronologia dos sermões organizada pela autora referida acima , na segunda e terceira fase de sua vida por exemplo, mostra como o sermonista se dirige a essas religiosas, de forma a previní-las sobre a força que o poder do mal pode exercer sobre as reclusas, notadamente quando é representado pelo *Demônio Mudo.*

*O Sermão do Demônio Mudo***,** proferido em Lisboa, 1651, ao grupo de religiosas do Patriarca São Bernardo, de forte conteúdo moral, Vieira afirma que, segundo São Pedro, o Demônio pode atacar de duas maneiras - bramindo como um leão, daí poder previní-lo, ou mudo, quando pode nos pegar desprevenidos - inimigo declarado ou oculto ..., age como um exército barulhento, ao som de caixas e trombetas ... e à noite, sorrateiramente, daí haver sempre necessidade de vigias atentos. Assim é o Demônio de Vieira, se vem bramindo, vê-se, ouve-se, enquanto que mudo, não.

Do rebanho de Davi, segundo o sermonista, foram salvos cordeiros que estavam sendo engolidos pela boca do leão e pelas orelhas. E, se alguém foi tragado por elas, é certo que não se salva.

Vieira ainda recorre a São Bernardo, que diz que, quando o leão vem bramindo e cercando, implica certo zelo, ...porque os muros de sua religião são altos, muito seguros, e muito fortes; contudo, se o Demônio despir a pele e o corpo de leão, pouca resistência lhe podem fazer os muros.

De acordo com Vieira, o Demônio não teme os lugares santos, nem mesmo os claustros religiosos, o que carece extremo cuidado, por que as virgens consagradas a Deus, não podem estar de todo lado invulneráveis. Menciona o autor que Inocêncio X enviou um

religioso para visitar secretamente os conventos da religiosas, não só em comum, senão também as aulas ou aposentos particulares Apesar das penitências, jejuns, disciplinas e cilícios, orações e devoções, a ponto de ser preciso moderá-los, pelo fato de desprezar roupagens melhores, não desprezaram o espelho, o que significa a não entrega completa a Deus, o que dá mostras da vaidade feminina, visto que o espelho é o Diabo mudo.

Inspirado no Evangelho de São Lucas, Vieira acrescenta que Cristo exorcizara um Demônio Mudo de um corpo, o que justifica a rebeldia do Ente infernal. O caso estaria resolvido se *o endemonhiado tocasse as vestiduras sagradas***...**O sermonista mostra ainda a dificuldade em lançar fora os demônios dessa estirpe, somente com oração de jejum e, no caso das freiras, o Demônio (espelho) é muito mais difícil, porque *estão tão pregados à parede, e muito mais ao coração, que orará e jejuará a dona da casa quanto quiserdes, mas o espelho não há de ir fora.*

O espelho é visto como uma alegoria da arte dos homens, mas nasceu de uma obra divina. *As estrelas são espelhos das árvores: uma fonte ... foi o espelho de Narciso...* Vieira recorre novamente a Sêneca, para o qual os espelhos serviam para que os bem afigurados não prejudicassem a sua beleza com os vícios e para que os feios se embrenhassem pelo caminho das virtudes; o robusto usasse suas forças em honestos e honrosos trabalhos e os velhos pudessem ditar exemplos sadios, diante da proximidade da morte.

A boa intenção de Deus, em criar o espelho é perfeita e original, para que o homem *criado à imagem de Deus, vendo a sua no espelho, a procurasse conformar com a perfeição e soberania***....** Foi nesse espelho onde Lúcifer viu sua própria imagem e dela se enamorou e desejou ser Deus, *querendo ser mais do que era...O espelho é lisonjeiro e enganador e seus mistérios podem ser comparados com os da Fé, em que uma coisa é a que se vê e outra a que se crê....* É a ilusão dos olhos. Quanto ao fato dele fazer parte da parede da cela de uma religiosa, é porque mulher e filha de Eva, é inclinada às suas paixões. Com certeza, ela também seria vulnerável a eles. Mas, na ausência do espelho, o Demônio usou a língua da serpente.

Vieira nos afirma que São Jerônimo ilustra essa fraqueza da mulher com a história de Blesilla, a qual gastava grande parte do dia em frente ao espelho. Acabou tomando consciência da sua fragilidade e transformou-se numa religiosa penitente, que passou a dar exemplos às demais monjas, de contemplação a Deus e não de si mesmas, atitude deveras consciente.

A partir do século III, a Igreja proibiu *às mulheres o uso dos espelhos mas muitas burlam esse preceito e também se pintam, como fazem as gentias, e como hoje fazem as cristãs idólatras..., que, na ausência dos espelhos, miram-se no azeite e na água.*

Outro exemplo citado por Vieira é Palas, a pastora que tocava flauta e o espelho da água (da natureza), fê-la consciente da transformação de seu semblante, ao executar o instrumento, daí o ter atirado para longe. Outros converteram o espelho em armas, como conta Arquimedes que *em um porto da Sicília fabricou uns espelhos de tal forma, que reverberando neles os raios do Sol, convertidos em fogo, abrasaram uma arma inimiga.*

Vieira observa que a tendência das mulheres ao luxo era questionada em vários lugares, como por exemplo em Antuérpia, *onde ...todas as senhoras levam um criado à Igreja, em um saco de veludo o livro porque há de rezar*....E, tal luxo é criticado pelos religiosos protestantes, por carregarem espelho entre os livros que levam à igreja, idolatrando-se a si mesmas. As religiosas que renunciarem ao espelho sacrificam-se a Deus e aquelas que não o fizerem, que arranjem uma natural desculpa. No primeiro caso, estariam *sacrificando a vista, sendo os olhos com que se vê, e sem os quais não se pode ver.*

Esta proposição se fundamenta *em uma sentença aprovada e louvada pela filosofia conimbricense, que é mais autorizada e elegante que até agora apareceu no mundo, uma vez que, assim como os olhos são espelhos da natureza, assim os espelhos são os olhos da arte*. E o sacrificar os olhos, vê um homem aos outros, e lembra-se claramente das feições do rosto e figura da cada um, e ausente o retrata na imaginação assim como viu; mas se viu no espelho a si mesmo, logo se esquece, nem se pode pintar, ou figurar como é, já que vemos de diferentes modos.

O orador refere-se ainda às donzelas egípcias de Ísis: umas sacrificavam a sua juventude ao forrar as ruas de flores, por onde passava a procissão, enquanto que as outras, traziam um espelho nas costas, uma forma de sacrificar a vaidade de se verem refletidas nele. Assim deveria ser o consagrar-se a Deus para as religiosas cristãs - a juventude e o espelho. Invoca Gregório Nisseno, para o qual o mais sábio é banhar-se no leite, por não refletir a imagem, como faziam as pombas do Cântico de Salomão. Sugere às filhas de São Bernardo que os não deixem, mas que os troquem por "espelhos mais eloqüentes, verdadeiros, divinos....

O tratado composto por ele, *Speculum Monachorum* (Espelho de Monges), dividido em três partes - *cogitationum, locutionam, operunque* (pensamento, palavras e obras), os primeiros são os mais importantes, por implicarem em salvação ou perdição, a qual chega

com Lúcifer, o qual interfere na Ordem, visão do Paraíso e com a presença da tríade: Deus, Adão e Eva.

O Locutionum se refere ao ouvir, o que quer dizer que**,**

> *...quando houverem de falar, não se prezem as suas palavras de ser eloqüentes e discretas: mas que antes sejam rústicas, que urbanas, e que de nenhum modo pareçam cortesãs, e de Corte. Dificultoso preceito para Odivelas, que tão perto está de Lisboa, e tem contra si a opinião do dito comum. Dizem que o polido e discreto falar de São Bernardo o herdaram as filhas, e não os filhos, e como os conventos são as cortes e palácios do mundo, é a linguagem.*

E Vieira aconselha que devem sempre usar o espelho da alma, se privarem do espelho dos olhos e imitar a Virgem Maria.

Para que resistam ao desejo do espelho, Vieira orienta que devem mirar os olhos do Cristo sacrificado, onde se consolariam e lançariam fora o Demônio mudo, por que a beleza é frágil e passageira. Bastou a guerra que destruiu Tróia para que Helena decaísse com ela.

Quanto ao Sermão da *Degolação de São João Batista,* proferido no mesmo convento, em 1652, igualmente moral, o autor repete o comentário sobre o banquete de Herodes, ocasião em que foi servida a cabeça do Batista. Consta que sua cabeça foi pedida por Herodias, mulher legítima de Felipe e ilegítima de Herodes, irmãos que disputavam o seu amor, mas sua vileza levou-a a fazer esse pedido, por puro capricho de mulher. Esta é vista por Vieira, mais poderosa que o vinho e levou os filósofos a afirmarem *que ambos rendem o domínio de tal sorte que os homens, que lhes tiram o juízo. A história de Adão e de David são exemplos. E, segundo o Espírito Santo, que não pode errar, diz que as mulheres fazem apostatar da Fé, idolatrar aos sábios***.** Salomão é outro exemplo - adorou as idólatras, e Sansão que teve os cabelos cortados por arte de Dalila. E as mais perniciosas das mulheres, são as alheias, por serem cúmplices do adultério, enquanto que as legítimas são companheiras no matrimônio.

Vieira lembra que Sêneca justifica a perniciosidade das mulheres legítimas, uma vez que a vida em comum vai mostrando os defeitos que até então ficaram escondidos.

> *As uniões que ao princípio do matrimônio eram cadeias de ouro, continuadas as faz o tempo de ferro. Com os anos as mesmas coisas deixam de ser as mesmas, porque a mocidade se faz velhos, a formosura*

> *fealdade, a saúde doenças e achaques de toda a vida, que na obrigação de se tolerarem, e sofrerem até a morte, são um cativeiro inseparável que só ela.*

Alguns dos sermões da série do Rosário, a seguir se caracterizam também pela moralidade direcionada à mulher e mostram como se obtém as graças da Virgem do Rosário em qualquer ocasião.

No Sermão Sétimo do Rosário (T. XI, p. 43-74), datado de 1651, mas não pronunciado, discorre inicialmente sobre a salvação dos pregadores e ouvintes. *Os primeiros são as sentinelas da Igreja, o caminho da salvação* e o instrumento para alcançá-lo é o Rosário.

O fato de estar com o Evangelho em Jericó, é por ser a pátria de Maria e onde Ela teria profetizado *as exaltações do seu Rosário, e de onde as rosas nascem vestidas de cento e cinqüenta folhas*, número das contas do Rosário, Vieira passa a justificar por que Raab, Tamar, Rute e Betsabé encontram-se na genealogia de Cristo, mulheres acusadas de ações culposas, e não Sara, Rebeca, Lia e Raquel que foram *mães das cabeças mais nobres das doze tribos.*

A primeira, esposa de Josué, meretriz de Jericó, que recebeu em sua casa os espiões israelitas e os salvou. Mas, pela sua fé e obras, teria sido poupada com sua família, quando do cerco israelita a Jericó, por marcar sua casa com vermelho, a cor do sangue do Cordeiro. *Na literatura rabínica, é um instrumento do espírito de Deus e ascendente de numerosos sacerdotes e profetas*. Tamar era esposa de Her. Com a morte deste, nenhum de seus cunhados aceitou o dever de casar-se com ela.

Para se vingar, transformou-se em meretriz e uniu-se a Judá e um de seus filhos. Farés era ascendente de Davi. Quanto à moabita Rute, ao enviuvar, imigra para Belém, se casa com Booz e tem um filho, Obed que seria o avô de Davi. E, quanto à última, Betsabé, esposa de Urias que, ao ausentar-se, foi seduzida por Davi, do qual engravidou. Ao forçar Urias a aceitar a paternidade, sem êxito, tramou sua morte. Davi acabou contraindo matrimônio com ela e um de seus filhos foi Salomão[105]. Todas iluminadas por Maria.

Passa a condenar o pecado da sensualidade que fez tomar o corpo de Madalena sete demônios, os quais foram tirados por Cristo. Por tratar-se de um vício, de um pecado universal, traduzido na torpeza, e se opõe a todas as virtudes, segundo Santo Agostinho, e tão certo que foi retratado *por São João, Apocalipse VII, 3. Dos estragos ocorridos no mundo*

por culpa do pecado, da desonestidade e as mulheres foram a origem e a causa, a partir do Gênese, quando Adão pôs o mundo a perder por culpa de Eva; Dina, filha de Jacó e Lia, desonrada por Siquém, levou seus irmãos a uma vingança sanguinolenta[106] Jael teria recebido em sua tenda um general fugitivo e o matara ; Dalila, amante de Sansão, furtara o segredo da sua força, por ser astuciosa; Judite teria degolado o general Holofermes durante um banquete, na época do cerco de Nabucodonosor a Betúlia. Ela, a serviço do governante da cidade, Ozias, ora a Deus e penetra como cúmplice no acampamento inimigo. A vitória de Judite entusiasmou seu povo a lutar e vencer os inimigos, o que levou a ser homenageada; Betsabé levou Urias à morte; Tamar levou Ámon; Herodias, mulher legítima de Filipe ilegítima de Heródes, durante o banquete oferecido por este, pediu que lhe fosse servida a cabeça do Batista, por puro capricho de mulher.

As mulheres foram origem e causa da desonestidade e, segundo São Bernardo, ela trás o pecado do Gênese ao desviar Adão do Paraíso. O Antigo e Novo Testamento estão saturados de exemplos de mulheres que colocaram seus companheiros a perder, para não falar de Helena de Tróia, Cleópatra do Egito, Lucrécia em Roma, entre outras, as excluídas do Reino de Deus. Helena levou dois reinos a uma crudelíssima guerra de dez anos; Cleópatra, filha de Ptolomeu VI, casou-se com vários reis, ou filha de Ptolomeu XIII, teria mantido relações com César e Antônio. O pecado da sensualidade é o terceiro dos capitais e o sexto dos dez mandamentos.

O próprio Concílio Tridentino ajustou normas um tanto rígidas em relação às mulheres, dado o mal comportamento do próprio clero, inclusive o mártir jesuíta do Oriente, Francisco Xavier informava ao Geral da Companhia de Jesus *que a religião que importa é a dos homens e em um conflito conjugal, o confessor jamais reconhecerá o erro do marido diante da esposa , segundo Delumeau*[107].

Admite ser o apetite feminino insaciável e muito perspicaz o sentido, a exemplo de Raab que teria se salvado do incêndio de Jericó, embora estivesse condenada a morrer como todas as outras de má vida, porque trazia um cordão vermelho (símbolo da redenção), onde mostrava *uma figura do Rosário da Virgem, Senhora Nossa, por meio da qual todos se valem, se livram do fogo eterno*. E lembra que a mulher antes de dar a beber, bebe, como as abelhas que, picando, morrem. O próprio Salomão comparou tal gênero às brasas.

---

105 BORN, op. cit, passim.
106 Id.
107 DELUMEAU, op. cit, p. 329.

À época das Sagradas Escrituras, as mulheres eram compradas por seus maridos, como por exemplo *Oséias que se casa com uma mulher leviana, que o engana e por três vezes ganha um filho ... A mulher o abandona, cai na escravidão e é resgatada por ele, para ver se ela, depois de um tempo de provação e continência, se mostrará uma esposa mais fiel*[108], Jacob teria comprado Raquel e Davi à Micol, filha mais nova de Saul, a qual teria ajudado o marido a escapar de uma emboscada dirigida por ele, foi presenteada a Falti e mais tarde devolvida ao marido. Foi castigada à esterilidade por se escandalizar com as danças de Davi, durante a transladação da Arca[109].

Em seguida, o orador passa à Roma Cristã, onde os monsenhores, bispos e cardeais e até o Papa aderiram à fé no Rosário, época em que havia uma certa cortesã de nome Catarina que abrasava a alma masculina, mais que Nero atormentava a alma dos cristãos, com uma diferença: os homens iam para o Inferno e os cristãos para o Céu.

Catarina teria sido convertida durante um jantar, para o qual convidou um belo mancebo que tudo o que tocava se transformava em sangue. E, para espanto de todos, transformou-se no Menino Jesus e acabou por converter a mulher. E, tais acontecimentos devem servir para tirar proveitos, isto é, exemplos, uma vez que ela recebera um Rosário durante uma pregação de S. Domingos e, ao fim distribuía rosários. E ela recebeu um deles, que acabou por salvá-la e ao dedicar em todos os seus dias um pouco de tempo às orações do Rosário, teve o mérito da visão do Menino Jesus em sua própria mesa e depois o de ver transformado no Cristo do Calvário.

A sensualidade já fora condenada por São Remígio ao referir aos poucos jovenzinhos que se salvam. São Francisco Xavier, em carta também se refere aos meninos maiores de catorze anos, apenas alguns se salvam na Índia*: os bem aventurados são os que morrem antes dos catorze anos.* E quanto aos da América, *talvez pela qualidade do clima, pela facilidade das ocasiões, e pela dissolução dos costumes, estão no mesmo perigo, e podem temer a mesma sentença.*

No *Sermão Décimo Sétimo do Rosário* (T. XI – pp. 391 – 42), de características morais, Vieira discorre sobre a preferência de Cristo em converter a mulher quando se encontra a sós, visto que o Rosário pode ser rezado com muitos ou a sós.

Dos preceitos de se orar juntos e a sós para chegar às audiências dos príncipes: *uma geral e pública, outra particular e secreta. A geral e pública pertence à Majestade, e à*

---

[108] Micol era filha mais nova de Saul e foi dada para esposa de Davi. Por tê-lo ajudado numa emboscada contra Saul, foi dada a Falti, o qual a devolveu a Davi.
[109] MEHI, op cit, p. 178.

justiça; a particular e a secreta é própria da familiaridade e do favor (p. 408). Na primeira atende a todos e na segunda atende aqueles que possuem privilégios, como José, o qual convencia mais o faraó a sós do que acompanhado de seus ministros, uma vez que comunicação de Deus é sempre particular, acompanhada da oração do Rosário.

Passa então a criticar as mulheres que saem de casa com a desculpa de piedade e religião; *porque a gente desse gênero (...) é muito amiga de sair e de andar por fora; e porque lho proíbe os que têm o mando da casa, fingem devoções falsas e mentirosas: Causam religiones, et pietatis mentiuntur (*p.437), pois no Êxodo, Deus recomenda que deveriam sair de casa três vezes anuais para orar no Templo, mas se refere aos homens e não às mulheres, as quais usavam ou faziam desta oportunidade, apenas sair. No entanto, o recolhimento é mais aprovado por agradar tanto à Virgem do Rosário.

No *Sermão Décimo Oitavo do Rosário***,** localizado no Tomo XII – pp. 1 – 36, teológico – moral, trabalha a questão *da dignidade do Filho de Deus e da Virgem*. Assim como os reis e papas também foram ungidos com Saul e Aarão do Velho Testamento. A diferença está em que Cristo foi ungido por Deus e está acima dos pontífices e reis, Filho e Mãe merecem o mesmo tratamento, pois Ela é reconhecida por Rainha Universal.

O Pontífice é o mediador entre Deus e os homens e tem a missão de advogar perante Ele, missão também atribuída a Maria, por possuir a dignidade real e a pontificial, dadas as excelências do seu Rosário.

Maria teria comunicado a São Domingos para que pregasse as virtudes do Rosário inicialmente na França e não foi bem sucedido com um bispo que não acreditava no conteúdo do seu discurso. Teria atrapalhado a conversão e levou muitos a apostatar. Mesmo assim, acabou convertendo milhares de hereges.

Outro privilégio do Pontífice é possuir as chaves que pertence a São Pedro, dadas por Cristo, para que sejam abertas ou fechadas as portas da Terra e a do Céu. Mas, nem por isso, os pontífices têm os mesmos poderes do Filho. Isso foi revelado no Apocalipse de São João, I, 18, 19, incluindo o item que diz que *as duas chaves da morte e do Inferno*, potestade que também pertence à Maria o que o leva a reafirmar a importância da perseverança da prece e a observação dos mistérios do Rosário para a salvação.

Vieira abre espaço para censurar a mulher de conduta duvidosa e o mal que pode trazer a uma república: leva os nobres a duelar e pôr fim às suas vidas e, por conseqüência, causar danos à alma, perder o direito de serem sepultados na Igreja e ainda serem excomungados. O vício da sensualidade deve ser condenado.

Seguem-se portanto, dois conceitos podem ser tirados da pregação: conhecer e temer o vício: o *temor e a estimação da sensualidade, conhecer e estimar a devoção do Rosário.*

Na seqüência, o *Sermão Décimo Oitavo do Rosário* (T. XII, p. 1-36) (não pregado), Vieira cita uma série de santas que deram mostras a Cristo e de quão verdadeiros eram seus sentimentos de amor, dados os tormentos passados e também sobre a personagem bíblica, Ana, mãe de Samuel, cujo cântico de louvor elaborado por ela, serviu de exemplo ao Magnificat[110], cântico que Maria teria entoado quando foi chamada por Isabel de bem-aventurada.

Maria teria comunicado a São Domingos para que pregasse as virtudes do rosário inicialmente na França e não foi bem sucedido com um certo bispo que não acreditava no conteúdo do seu discurso e teria atrapalhado a conversão, o que levou muitos a apostatar. Mesmo assim, acabou convertendo milhares de hereges.

Por outro lado, certa Alexandra, jovem nobre do reino de Aragão que tomara por devoção rezar diariamente o Rosário, por influência de São Domingos, mas o espelho e a janela lhe ocupou mais o tempo que as orações, em vez de meditar nos mistérios do Rosário, espelhos da alma.

Com o tempo, não faltaram candidatos que se interessaram por ela, como dois nobres que chegaram a duelar por ciúmes até se matarem. Seus parentes foram até à casa Alexandra e um deles acabou cortando-lhe a cabeça e lançando-o num poço.

Embora São Domingos estivesse ausente, foi comunicado por Deus sobre o acontecimento e, ao retornar, procurou por Alexandra à beira do poço e eis que uma cabeça sobe e encosta na borda do poço e pediu-lhe confissão, chorando. Depois de absolvida, sua cabeça permaneceu viva por dois dias para exemplo da comunidade, embora as preces que fizera fossem tão imperfeitas.

Vieira considera que o vício da sensualidade é terrível, por causar tantos danos à uma república, por levar os nobres a duelar e pôr fim às suas vidas, perderem a pátria, o descanso, a graça de Deus, a alma e a sepultura eclesiástica, além de serem excomungados, motivo que leva o vício da sensualidade a ser condenado, além de apresentar dois conceitos que podem ser tirados da pregação: conhecer e temer o vício.

Já no conteúdo do *Sermão Vigésimo Segundo Do Rosário* (T.XII, p.150-183), insiste em salientar a fraqueza da mulher da época, comparada à mulher portuguesa de outros

---

[110] Id, p. 924.

tempos, quando ia participar dos cerimoniais da Igreja com o rosto coberto**,** *enquanto que no seu tempo é Deus que vai até suas casas, onde o padre lhes confessa, reza a missa e as comunga. E isso vem acontecendo desde o tempo que mudaram os costumes dos fidalgos.*

Muitas deixaram a devoção do rosário, daí insinuar que o mesmo castigo de Deus que atingiu Micol e condenou-a à esterilidade foi por ter abandonado tal devoção.

Em Portugal *tantas casas ilustres sem herdeiros: e se correr a folha às que puderam ser mães, não sei se acabaram culpadas contra o Rosário. O certo é, que não tendo herdeiro a rainha de França, Dona Branca, São Domingos lhe aconselhou, que rezasse o Rosário, e logo teve um tal filho, como São Luís.*

No Brasil muitas senhoras, não se vestem adequadamente, hábito que antigamente a mulher portuguesa abominava. Além disso, iam à igreja se confessar, comungar, ouvir missa e sermão. E, apenas em caso de enfermidade, o padre ia até sua casa.

Nos dias atuais, a vaidade tomou conta delas e chegam a solicitar ainda do padre em suas casas, para cumprir as mesmas obrigações. Muitas mulheres da nobreza, o que é pior, por serem ainda mais sábias, substituíram o Rosário pelo Ofício Divino e a leitura do Breviário, em latim, esquecendo-se que são mulheres do vulgo e não bíblicas, e que só deveriam rezar ave-maria e padre-nosso e na língua portuguesa.

Segundo Vieira, muitas dessas mulheres deram preferências às orações variadas do Breviário (orações em latim), por julgarem mais poderosas, embora o orador recomende a devoção do Rosário, pelo sentido de suas orações. Acontece que as preces em latim levam muitas a não entenderem o que lêem, uma vez que a maioria não se dedicou às letras. O fato das mulheres serem incultas vem da época dos discípulos de Cristo, aos quais o Espírito Santo infundiu a ciência das línguas, para que se tornassem apóstolos ou mestres do mundo, enquanto que as mulheres isso foi terminantemente proibido.

Considerando esses pormenores, torna difícil ou até impossível que elas compreendam, *os salmos, e vidas dos santos, nem a exposição dos Padres, nem as antífonas, versos ou orações*.... Com os homens não acontece o mesmo: podem saborear a doçura do entendimento. Isto é, absorver o que lêem, por compreenderem o conteúdo das orações do Breviário.

Aquele que lê e não compreende o conteúdo da oração, não tem como colher o fruto dela. E é preciso tomar cuidado, por que Deus castigou todos os hebreus por não entenderem o conteúdo, daí salientar as virtudes coletivas das preces da ave-maria e do padre-nosso.

Estende esse argumento às senhoras de toda a comunidade católica nessas condições e que orar pelos dois (Breviário e Rosário), seria ler muito e aproveitar pouco, dado a expressiva concentração que deve ser consumida com a meditação.

Ao expor a fraqueza das filhas de Eva, muito mais acentuada do que nos filhos de Adão, centra o discurso na procissão do translado da Arca para a cidade de David, quando este teria festejado e dançado entre o povo, ato desaprovado por Micol que não via razão seguir a devoção popular, é taxada de presunçosa. Já, muitas senhoras no Brasil não se vestem adequadamente, hábito que antigamente a mulher portuguesa abominava. Além disso, iam à Igreja se confessar, comungar, ouvir missa e sermão e, apenas em caso de enfermidade, o padre ia à sua casa.

Nos dias atuais, a vaidade tomou conta dela e solicitam a ida do padre em suas casas, para cumprir as mesmas obrigações. Muitas mulheres nobres, e o que é pior, por serem ainda mais sábias, substituíram o Rosário pelo Ofício Divino e a leitura do Breviário, em latim. Por serem mulheres do vulgo e não bíblicas, deveriam rezar ave-maria e padre-nosso na língua portuguesa.

E quantas casas nobres não estão ameaçadas, pela falta de herdeiros, por não poderem ser mães? Na França mesmo, São Domingos orientou D. Branca a se apegar ao Rosário, o que fez gerar seu filho , S. Luís (rei da França).

Muitas mulheres deram preferência às orações variadas do Breviário (em latim), por julgarem mais poderosas, superiores, mas o pregador recomenda a descrição do Rosário (na língua portuguesa), pelo sentido de suas orações. Acontece que as preces em latim levam muitas a não entenderem o que lêem, uma vez que não estudaram letras, as quais Cristo não costumava difundí-las às mulheres. O fato de serem mais incultas vem da época de Abraão, quando este era Abrão e Sara era Saraí. Acrescentou Deus uma letra a ele e tirou uma dela. Sara, esposa de Abraão e a ele submissa, considerada a ancestral de Israel.

Na época de Cristo, o Espírito Santo teria infundido a ciência das línguas aos apóstolos, para que se tornassem mestres do mundo, enquanto que para as mulheres isso foi terminantemente proibido. O Breviário, livro de reza dos clérigos, é para a religiosa, por *virtude da obediência*, e para a mulher comum, só mesmo o Rosário, pelo entendimento. E, para aquelas que entendem a língua latina, estão fora de questão.

Vieira lembra ainda que a compreensão dos salmos, dos hinos, das lições do Velho e Novo Testamento, das lendas, das vidas dos santos, antífonas, versos, orações, são entendidas pelo eclesiástico. Ao considerar tais pormenores, torna difícil ou até impossível que as mulheres compreendam *os Salmos, nem os hinos, nem as lições do Velho e do Novo*

Testamento, nem as lendas e vida dos santos, nem a exposição dos padres, nem as antífonas, versos, orações.... Com os homens não acontece o mesmo: podem saborear a doçura do entendimento, por absorverem os que lêem, por compreenderem o conteúdo das orações do Rosário.

Já as senhoras de toda a Comunidade Católica nessas condições, ou seja, as que oram pelo Breviário e Rosário, seria ler muito e aproveitar pouco, dada a grande concentração que deve ser consumida com a meditação. Com certeza, à Virgem do Rosário o agrado será maior, se fizerem uso do mesmo Rosário.

Esse argumento é estendido às senhoras de toda a comunidade Católica nessas condições e que orar pelos dois (Breviário e Rosário), seria ler muito e aproveitar pouco, dada a grande concentração que deve ser consumida com a meditação das Escrituras. Estende esse argumento à toda a comunidade católica nessas condições e que orar pelos dois (Breviário e Rosário), seria ler muito e aproveitar pouco, dada a grande concentração que deve ser consumida pela meditação...

Pelo exposto, pode-se elaborar algumas conclusões acerca de Vieira e de seus Sermões do Rosário, com uma série de ressalvas.

Viveu por quase todo o século XVII, época em que além da Contra Reforma, fermentaram as inovações do século posterior e, segundo Pécora[111], *ele falou de tudo ou quase tudo.* Ao mesmo tempo que se deslumbra com a sua engenhosidade, se enternece com a sensibilidade e beleza de suas narrativas de conteúdo moral, ora se admira das suas posições vanguardistas que se contrapõem ao conservador.

Há uma tendência em divulgar a literatura dos místicos, inclusive dos medievais, uma forma de atingir os mais ignorantes, como por exemplo em direção às mulheres e, desde o século anterior, as normas do Concílio Tridentino, ao mesmo tempo considerado um marco no que diz respeito ao rigorismo moral, teria encontrado em Portugal um espaço ocupado ainda pela cultura oral, própria dos estamentos mais simples, acabou por ajustar normas um tanto rígidas em direção a ele, notadamente à mulher.

Para a cristianização era necessário, tanto na América, como no Oriente, fazer frente aso costumes dos nativos, como: fortalecer o casamento oficial, para pôr fim ao concubinato e às uniões ocorrida fora da Igreja., postura que não é de se estranhar, se levarmos em conta que, desde o reinado de D. João II (1455-1495) até Pombal, o país fora dominado pelo clero e, segundo Boxer (1961:154), nesse aspecto, só teria sido ultrapassado pelo Tibete.

---

111 Teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-político dos sermões de Vieira, p. 55-56.

Foi no seu governo em que as procissões do reino foram regulamentadas, através de um Regimento próprio, enfatizou a procissão dos nus, hábito medieval, em que os participantes apresentavam-se *sumariamente vestidos, enfrentando as intempéries e às vezes se auto-flagelando, por ocasião da peste em 1423, quando Vicente Martins Grageeiro fez voto de visitar todos os anos o sepulcro dos mártires na companhia dos filhos, todos nus da cintura para cima* (Marques, 1971: 164).

Segundo o autor, muita gente começou a acompanhá-lo e a procissão ganhou fama até meados do século XVII, com um breve período de interrupção, foi reativada e permitida até meados do século XVIII. E, segundo Garcia de Rezende, *e em hua boceta de que elle tinha a chave se achou depois da sua morte hum confessionario, e huãs deciprinas, e hum cilicio, que muytas vezes trazia sobre a carne debaixo da camiza...também se martirizava* **(**apud. Ameal, 1942, p. 102); a crise no reino, dados os períodos de fome sucessivos, diminuição sensível da população, entrada de grande número de escravos, principalmente mulheres, contribuía para a perversão dos costumes, ostentação da nobreza, desprezo às profissões mecânicas, em detrimento da Índia, onde podiam afidalgar-se.

As mulheres optaram por ampliar devoções em igrejas; o aumento dos preços e a autoridade e despotismo dos padres-mestres da igreja, fizeram com que não resistissem ao misticismo, levando á Inquisição; com D. Manoel (1502-1557), o império se torna uma realidade e o nome de Portugal se une à fé em Cristo, com a conquista; com D. João III, a Companhia de Jesus recebe a missão da educação no Reino e no Ultramar, a dilatação da fé e quando os deveres da Pátria se identificam com os deveres para com Deus e com D. João IV, a monarquia já não consegue esconder sua feição nitidamente espiritual.

A começar pelo discurso feito na coroação de D. João IV, por Francisco Rabelo Homem, o qual lembrou a origem do Reino em D. Afonso Henriques esse monarca descendente legítimo, *na esperança que nunca deixara de animar os Portugueses de que voltariam a ter um rei natural. Chegara o tempo prometido para a Providência tirar o País do cativeiro, apesar da enorme tardança, pelo que a Restauração fora masi divina que humana, na certeza que o Reino fora canonizado por Deus***. (** Serrão, 1980 v.V, p.24).

Lembra ainda que o fervor religioso atribuía o milagre de 1640 à intercessão de Nossa Senhora de Vila Viçosa, cuja festa ocorria a 8-12, dia da Imaculada Conceição e que a Universidade de Coimbra deveria acatar. O local tornou-se um lugar de intenso culto no dia da padroeira e o Estado chegou a cunhar moedas com a efígie de nossa Senhora, que o povo passou a chamar de *moedas da Conceição*. (Id, p.24); a morte de D. Duarte resultou em

severo luto a ser observado pelos ministros e oficiais do governo; repicar os sinos da Universidade de Coimbra e fazer demonstrações de tristeza

Fica claro que na época da Restauração, o sentimento religioso ocupou largo espaço nos despachos de D. João IV, a notar pelo número de procissões que foram restabelecidas, ao ponto do monarca instigar as instituições e toda a população a contribuir com esmolas para sustentar desde os religiosos que viviam na Terra Santa; reanimar festas e procissões tradicionais, fundar ordens religiosas masculinas e femininas em quantidade assustadora, inclusive obrigar os universitários prestarem juramento a Nossa Senhora da piedade de Guadalupe; permitir que ordens estrangeiras se estabelecessem em Portugal, como por exemplo da Congregação do Oratório, a qual exercerá influência na cultura dos setecentos; despachar decretos que impediam o encontro de homens e mulheres à porta e adro das igrejas sob pena de multa e prisão.

Reino e ultramar foram agraciados com a fundação de Ordens e Misericórdias, as quais teriam prestado ajuda relevante aos doentes, viúvas, órfãos e feridos de guerra; os universitários de Elvas participavam do terço da cidade e auxiliaram no ataque ao lugar e os jesuítas proferiam orações de *fervor pátrio na elevação da pessoa régia*. (ibid, p. 157-167).

E , foi nesse contexto que Vieira construiu seu discurso

A leitura dos Sermões da Série do Rosário sugere uma preocupação um educar e segregar a mulher da época, auge da crise de sensibilidade e onde o espaço social é marcado pelo paradigma aristocrático que elimina a mulher.

Como a grande maioria dos Sermões do Rosário foi escrita no Brasil, embora poucos deles foram pronunciados, é necessário levar em conta que o período colonial foi caracterizado por marcante cruzamento étnico que propiciou o conhecimento com visões diferentes do mundo, por exemplo, numa sociedade marcada pelo tipo de empresa colonial (escravista e machista).

Segundo Mary Del Priore[112], *esse modelo e a tradição androcêntrica da cultura ibérica e os objetivos da empreitada colonial estimulavam os homens – padres, governantes, cientistas – a estabelecerem um papel identificado com o esforço de colonização para todas as mulheres indiscriminadamente***.** E, no caso do Brasil era o jesuíta responsável pela divulgação das normas por trás do púlpito ou da confissão, formas mais viáveis de se atingir a população, principalmente as mulheres e a própria formação de Vieira abria caminho para isso. O fato de ter-se espelhado na epopéia guerreira dos hebreus (a Bíblia), recorre ao Velho

---

[112] Ao sul do corpo, 1993, p. 29

e Novo Testamento para extrair exemplos de como apreender e aprender a pedagogia do bom caminho, através da devoção do Rosário, a qual perpetua até os dias de hoje.

De acordo ainda com Priore, a Mariologia foi difundida em todas as áreas conquistadas, dado *o interesse do público letrado por assuntos de religião*, uma vez que a mulher ameaçava a paz dos homens, das comunidades, dos reinos e colocava em risco a própria salvação[113].

E Vieira teve a oportunidade de divulgar essa praxis para se chegar à salvação, através da conversão, evangelização e moralização dos costumes, também em direção à mulher**.....***imitação, que se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.*

Percebe-se ainda que a mulher possuía uma situação semelhante à situação do escravo: a ambos só era permitido aprender as costumeiras orações do padre-nosso e da ave-Maria

[113] Id, p. 34.

Considerações Finais

No decorrer do trabalho percebeu-se ser inviável produzir sobre Vieira, sem conhecer várias de suas biografias e outras tantas produções sobre ele e sua obra e, para o recorte apresentado, foi imprescindível conhecer a própria trajetória de Inácio de Loyola e o contexto em que a Companhia de Jesus foi criada; as circunstâncias em que produzidos os seus Exercícios Espirituais; a organização da Instituição, seus objetivos e a atuação dos primeiros jesuítas (fase heróica marcada por muitas ações individuais, principalmente no Ultramar); como a mesma se consolidou através dos tempos e como foi se adaptando frente às novas necessidades.

A Ordem Jesuíta nasceu e se consolidou nu, contexto marcado pela complexidade da substituição da teologia (até então preponderante como ciência universal), pelo humanismo, ansioso por eliminar as barreiras levantadas pelo dogma, os reformistas procuravam depurar o Cristianismo da filosofia crítica e fazer com que a palavra de Deus fosse o único fundamento da fé.

A Igreja Católica se esforça para manter a autoridade universal do papado, diante das dissenções políticas e defender a universalidade da concepção católica do Universo contra as tendências que procuravam defender essa unidade e da crença da idade Média, num momento em que não mais contava com pensadores do porte de Santo Agostinho e de Santo Tomás e, sim por meio de concílios, como por exemplo o de Trento, o qual celebrou para cada questão uma resposta definitiva, que autorizava aquilo que o bom católico deveria se contentar em termos de dogmas presentes e futuros.

A missão de fazer respeitar em todos os lugares os cânones do Concílio Tridentino, coube aos jesuítas, fossem as decisões teológicas e políticas, como seus decretos referentes à concepção do Universo e, daí em diante, eles se sentiram na obrigação de velar para que o espírito humano, não ultrapassasse os limites do campo da investigação, senão o permitido pela Igreja

O cuidado e a habilidade com que os filhos de Loyola dispensaram no desempenho dessa missão, não foram inferiores aos que eles desenvolveram ao estabelecer sua hegemonia política em Roma e, nem surpreendentes, uma vez que eram peritos na diplomacia e saber usar com maestria suas qualidades e formação: evitar a rudeza e intolerância, abrir mão de concessões e chegar aos fins pela brandura e maleabilidade e prudência ou, se necessário, abrir uma luta política ou empregar meios violentos que colocavam à sua disposição, tanto o poder absoluto dos monarcas ou o Index.

Embora Vieira pertencesse à segunda geração, conservasse boa parte dos ideais de seu fundador, não tenha cursado universidade, não impediu de adquirir uma sólida formação aliada ao talento nato, contribuiu para que viesse a ocupar um espaço almejado por muitos, seja na Corte portuguesa, resultando no exercício de forte influência no reinado de D. João IV, além de conhecer como poucos as articulações do sistema colonial e os negócios coloniais e aqueles que envolviam a Instituição, como por exemplo, a manutenção de seu patrimônio, sem fugir inteiramente aos propósitos pelos quais a Instituição foi criada e ao da colonização, cujo sucesso dependia da evangelização e do trabalho do escravo negro.

Como poucos dos seus contemporâneos, participou dos debates de seu tempo e de uma série de outras experiências, adquiridas através de várias viagens no interior da Amazônia, em busca de contatos com tribos indígenas das mais arredias e distantes, a enfrentar os perigos da selva ou das frágeis embarcações a percorrer extensos espaços ao longo do rio Amazonas e vários de seus afluentes e das aventuras das muitas travessias ao longo do Atlântico, por ocasião das viagens entre Portugal e o Brasil ou como representante do reino, em visita à corte da Inglaterra e da França, visitar redutos judaicos em Amsterdã e em Rouen, pregar na corte de Cristina da Suécia, conquistar um seleto público em Roma com seus eloqüentes discursos, é certo que muito foi acrescentado à sua formação.

Mas, curiosamente, como já foi afirmado anteriormente, raras foram as vezes em que mencionou impressões sobre os lugares que conheceu na Europa, num momento de efervescência, ocasionado pela transição provocada pelo avanço da religião reformada e primeira fase do racionalismo: sua cartas registram observações quanto ao trajeto (atrasos ou adiantamento em relação às variáveis do clima; o perigo da ação corsária; os resultados das entrevistas, por exemplo, de modo a entender que apenas cumpria com zelo as ordens de Sua Majestade, o rei de Portugal, com economia nos agastos pessoais e transparência nas negociações.

Não é do conhecimento público os originais de seus sermões, refeitos cuidadosamente no final da vida, para publicação, isto é, não foram publicados na ordem em que foram escritos, motivo que incentiva a valorizar as circunstâncias em que escreveu, muitos não foram pregados e não foram todos que receberam datação, como já ficou evidenciado na introdução desse trabalho.

O perigo representado pelo avanço da religião reformada recebeu muito de sua atenção, por receio de que o Brasil, fosse tomado por protestantes, uma vez que várias invasões lideradas por eles já havia acontecido Colônia, parte mais relevante do Ultramar: os holandeses já haviam tomado o Nordeste e vários pontos do litoral africano e oriental, o que trazia um prejuízo

incalculável para o reino e para a própria colônia, uma vez que a Companhia de Jesus também encontrava-se envolvida no tráfico.

Ao visitar países protestantes, como Inglaterra e Holanda, Vieira deve ter percebido seus progressos em relação a Portugal, onde a sociedade ainda guardava muito da mentalidade medieval, embora Lisboa tendia a se aburguesar às voltas com um comércio dinâmico, porto movimentado e freqüentado por comerciantes estrangeiros, as importações portuguesas eram consideráveis, contribuindo para desfalcar os cofres públicos.

Embora a colonização tenha avançado no Brasil, os interesses comungados pelo Reino, não eram os mesmos comungados por altos funcionários e o dos colonos também divergiam muito com os interesses da Ordem, o que gerou uma série de conflitos, uma vez que se vivia num intervalo de recessão diante de um nordeste em decadência, muitos bens da Instituição encontravam-se em litígios; havia divisões entre líderes jesuítas quanto à administração, o que poderia significar sérias ameaças para Vieira.

Perder o controle espiritual dos índios, por exemplo, poderia representar um retrocesso econômico e certo comprometimento quanto ao andamento da evangelização, assim como a escravidão do negro africano representava o comer e o beber dos senhores escravistas e até ameaçar a própria Companhia de Jesus, possuidora de grande cabedal em terras, gado e engenhos, portanto, de escravos.

Vieira viveu numa época em que os propósitos iniciais de Loyola haviam sido alterados e ao menos muitos jesuítas se adaptaram a essas mudanças. Ou melhor, captaram-nas com mais facilidade que ele, resultando num ser um tanto conflituoso, a condenar os desvios da população local, arrebanhar ovelhas desgarradas, a tentar eliminar o herege protestante ou a justificar a escravidão do negro, com a condição de dispensar-lhe melhores tratos.

E aqui cabe um adendo: a questão indígena contemplou desavenças entre Vieira e alguns de seus pares, ou seja, André João Antonil ou João Antônio Andreoni (1649-1716), o anônimo toscano, autor de *Cultura e Opulência do Brasil, por suas drogas e mina,* obra que teria aparecido em 1711, justamente na ocasião em que D. João V, um tanto apreensivo, dado o contexto colonial e metropolitano, ordena o recolhimento da edição, medida justificada por se opor à divulgação das riquezas do Brasil às potências rivais, sobre os segredos da produção do açúcar e, principalmente, sobre a situação das minas do ouro, além de dedicar uma parte menor à criação de gado e à lavoura de subsistência as de natureza mineral, no início do século XVIII.

Serafim Leite afirma que o livro não tinha licença da Ordem para ser impresso, mas era do conhecimento dela que o autor era Andreoni, o qual, embora revelasse altamente capacitado como religioso e administrador, ele e outros irmãos alemães e outro do Brasil, foram

contrários às teses de vieira, quanto à administração dos índios, mas em favor dos mamelucos, escravizadores dos índios e, quanto aos judeus, teria traduzido contra eles, a *Sinagoga Desenganada,* fatos que geraram grande polêmica, além de praticar uma política até certo ponto independente, em relação à Colônia, à Corte e à Vieira, quando Visitador. Teria ele introduzido vários jesuítas italianos no cargos de governo e de ensino, o que não era permitido pela legislação da Companhia de Jesus.

Conclui-se portanto, que é possível aceitar que : a Companhia de Jesus estaria passando por uma nova fase ou se ajustado de forma significativa às necessidades do tempo(Antigo Regime), afim de manter seus bens imóveis e que o poder material da Ordem alimentou críticas de inimigos poderosos; a mesma se tornara uma ameaça ao próprio Estado Português, fato que se consolidará no governo de Pombal, quando serão expulsos de Portugal e colônias, assim como de outros países, em meados do século seguinte.

FONTES

VIEIRA, Padre ANTÓNIO. **Sermões. Porto:** Lello&Irmão, 1959. 15 vol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMEAL, João. **História de Portugal**. 2ed. Porto; Livraria Tavares Miranda, 1941.

AMORA, **Antônio Soares. Sermões- Problemas sociais do Brasil**. 2ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

ANDERSON, Benedict**. Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origem y la difusion del nacionalismo.** Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul.** São Paulo: Cia das Letras, 2000.

ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ALMEIDA, Angela Mendes de. **O gosto e o pecado: Casamento e sexualidade nos manuais de confessores do século XVI e XVII.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ALMEIDA, Fortunato de. **História da Igreja em Portugal**. Porto/Lisboa, Civilização editora, 1970. Tomos I e II.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil***, 1750-1822.2ed*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

AMÂNCIO, Lígia. **Masculino e feminino. A construção social da diferença**. 2ed.. Porto: Afrontamento, 1998.

ARAÚJO, Emanuel**. O teatro dos vícios: Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ALVAREZ. Fernando Bouzas. **Portugal no tempo dos Filipes, Política, cultura, representações (1580-1668***)*. Lisboa: Cosmos, 2000.

ASSUNÇÃO, Paulo**. Negócios jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

AZEVEDO, João Lúcio de. **História de António Vieira**.3 ed. Lisboa: Clássica, 1992, 2 vs.

BARRETO, Luís Felipe. **Os descobrimentos e a ordem do saber**. Lisboa: Gradiva, 1987.

BASTIDE, Roger. **As Américas negras**. São Paulo: Difel/Usp, 1974.

BELLINI, Lígia. **A coisa obscura: Mulher, sodomia e Inquisição no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENCI, Jorge. **Economia cristã dos senhores de engenho no governo dos escravos**. São Paulo: Grijalbo, 1977.

BESSELAAR, José Van Den, **O Sebastianismo - História Sumária**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1987, v. 110.

BÍBLIA SAGRADA. 15 ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

BORG. Van den.(org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 5 ed. Petrópolis: Vozes,1992.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOXER, Charles. **A idade do ouro no Brasil**. São Paulo: Nacional/Edusp, 1969.

_____O Império Português (1415-1825). 2ed. Lisboa, Edições 70, 1981.

_____ O papel da mulher na expansão marítimo portuguesa.

BRASIL, Pe. Francisco Salles. **O Rosário na eloqüência de Vieira.** Salvador: Edições da Oficina do Rosário, s/d.

BROWN, Peter**. Corpo e sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BRUKNER, Pascal; FINKIELKRAUT, Alain. **A nova desordem amorosa**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CALMON, Pedro**. Padre Antonio Vieira. Por Brasil e Portugal** . São Paulo: Nacional,1938.

Camporesi, Piero. **Les baumes de l'amour**. Paris: Hachette, 1990.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. **Casamento e família em São Paulo colonial**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

CAIEIRO, José. **Jesuítas do Brasil e da Índia**. Salvador: Salesiana, 1936.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: A Queiroz, 2000.

CANTEL, Raymond. **Profètisme et messianisme dnas l'oeuvre d'Antonio Vieira.** Paris: Hachette, 1960.

CARDOSO, Walter. **O Imaginário Ibérico dos Séculos XVI e XVII, na Origem do homem Americano.** Estudos de História. Faculdade de História, Direito e Serviço Social-UNESP, S.P., p. 1-5.

CARNEIRO, Henrique S. **A Igreja, a medicina e o Amor. Prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2000.

CARREL, E. **Vida do Padre Antonio Vieira**. São Paulo: Livraria assunção Limitada. S/d. Perfis Literários.

CASSEB, Maria José Bueno**. Os Sermões de Vieira: ensaio temático e classificação crítico - analítico**.(Dissertação) UNESP - Franca, 1999.

CARNEIRO, Henrique S. **A Igreja, a medicina e o amor. Prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2000.

CARVALHO, Rômulo. **História do ensino em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CIDADE, Hernâni. **Portugal histórico cultural**. 2ed.Seção I - arte e literatura. Lisboa: Arcádia, 1968.

CRETINEUA, Joli. **História religiosa , politica y literaria de la Companhia de Jesus**. Barcelona: Livraria religiosa, 1968. 6v.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

CUSTÓDIO FILHO, Spencer. **Os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, 1994.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. *1300 - 1800*. São Paulo: Companhia das Letras., 1992.

DELUMEAU, Jean. **A confissão e o perdão: A confissão católica séculos XIII a XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. II.

DEL PRYORE, Mary**. Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colonial.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens: Do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs**.) História das mulheres no ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna.** Porto: Afrontamento, 1994.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade e do Estado**. São Paulo: editorial Vitória, 1964.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2 vs.

FAUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. São Paulo: Graal, 1980-85. 3 v.

FEITOSA, Aécio. **Discurso Pedagógico Jesuítico da Companhia de Jesus**. in: Revista Portuguesa de Pedagogia. Coimbra, 1985, p.35-43.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Sermões de Pe. Vieira. O imaginário feminino**. Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1999.Actas, Volume II, p. 1157-1156.

FERRO, Marc. **História das colonizações. Das conquistas às independências. Séculos XIII a XX..** *São Paulo*: Companhia das Letras, 1996.

FLORENTINO, Manolo**. Em costas negras. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Brasil**. *São Paulo*: Cia das Letras, 202.

FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. **Portugal na época da restauração**. (Tese). Doutorado. São Paulo: Usp, 1951.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e senzala**.25ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

FRIEIRO, Eduardo. **O diabo na livraria do cônego.** 2. ed. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1981. (Coleção Reconquista do Brasil: nova série, v.56).

GALOT, J. **L'Eglise et la femme**. Paris: P. Lethielleux, 1965.

GAMBINI, Roberto. **O espelho índio. Os jesuítas e a destruição da alma indígena**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GARCIA-VILLOSADA, Ricardo. **Loyola y Erasmo**. Madrid: Taurus Ediciones, 1965.

GINSBURG, Carlo**. Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOLDSCHMITH, Eliana Maria Rea**. Convivendo com o pecado na sociedade colonial paulista (1719-1822).** São Paulo: Annablume, 1998.

GORENDER, Jacob**. O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1988.

HAUBERT, Maxime. **Índios e jesuítas no tempo das missões. Século XVII-XVIII**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

HAZARD, Paul. **Crise da consciência européia**. *(1680 - 1715***).** Lisboa: Cosmos, 1948.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do desejado**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

HESPANHA, António Manuel. **História de Portugal moderno**. Lisboa: universidade Aberta, 1995.

HOBSBAUN, Eric J**. Nações e nacionalismo desde 1780. Programa mito e realidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque de**. Visão do Paraíso: os motivos endêmicos no descobrimento e colonização do Brasi***l*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha: 2000.(Grandes nomes do pensamento brasileiro).

_____ **Raízes do Brasil***. Prefácio de Antônio Cândido*. 14ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

HOONAERT, Eduardo. **História da Igreja na Amazônia**. Comissão de Estudos da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1990

JANSON, H.W. **História da Arte**.5ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUGON. Paul. **História das doutrinas econômicas**.14. ed. São Paulo: Atlas, 1984.

KOSHIBA, Luís. **A honra e a cobiça**. (Tese) Doutorado. Usp/Depto de História, 1988.

KOTHE, Flávio. **O cânone colonial**. Brasília: UNB, 1997.

LAPA, José Roberto do Amaral. **Estudos Históricos 2**.São Paulo: Hucitec/Unicamp, 2004.

LARA Silvia Hnold. (org).**Ordenações Filipinas. Livro V.** São Paulo: cia das Letras, 1999.

LAQUER, Thomas**. La fabrique de sexe: essai sur le corps et le genre en Occident**. Paris: Gallimard, 1992.

LEBRUN, A .**O que é poder**. 12ed. São Paulo: Brasiliense, 2004

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. 10 vs.

_____. **Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1548-1760***)*. Lisboa/Rio de Janeiro: Brotéria/Livros de Portugal, 1953.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1982.

LINS, Ivan. **Sermões e Cartas do Padre Antônio Vieira**. São Paulo: Tecnoprint, s/d. Coleção Prestígio.

LOPES, Maria Antónia. **Mulheres, espaço e sociabilidade. A transformação dos papéis femininos à luz das fontes literárias (Segunda metade do século XVIII***)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio: Contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MACHADO, Lourival Gomes. **Barroco Mineiro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MARTINS, Oliveira. **História de Portugal**. 4ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1972.

MEHY, José Carlos sebe Bom. **A presença do Brasil na Companhia de Jesus**. 1545-1649. Tese de Doutorado/Usp, 1975.

MILLER, René Füllöp. **Os jesuítas. Seus segredos e seu poder**. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1946.

MARQUES, A.H. OLIVEIRA. **Breve história de Portugal**. Lisboa: Presença, 1996.

MATTOSO. José .(org). **História de Portugal**. *Lisboa*: Estampa, 1995. Vs. III e IV.

MAXUELL, Kenneth. **Marquês de Pombal. Paradoxo do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O negócio do Brasil, os Países Baixos e o Nordeste**, *1641-1669*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1988.

MICELI, Paulo**. O ponto onde estamos. Viagens e viajantes na história da expansão e da conquista**. 3ed. Campinas: Unicamp, 1998.

MENDES, Margarida Vieira. **A oratória barroca de Vieira**. Lisboa: Caminho S/A, 1993.

MONTEIRO, John. **Negros da terra**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

MOTT, Luís. **Escravidão, homoxexualidade e demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988.

MUHAMA, Adma. **Os autos do processo de Vieira na Inquisição**. São Paulo: Unesp/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1995.

NAVARRO, Aspilcueta et al. **Cartas Jesuítas 2**.. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: USP, 1988.

NEVES, Luiz Felipe Baeta**. Vieira e a imaginação social jesuítica.. Maranhão e Grão - Pará no século XVII**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

_____ **O combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

NOVAIS, Fernando A .**Portugal e Brasil na crise do Antigo sistema Colonial**. *(1777-1808)*. 2ed.São Paulo: Hucitec, 1983.

OLIVEIRA, Luiz da Silva. **Privilégios da nobreza e fidalguia de Portugal**. Lisboa: Nova Oficina de João Rodrigues Neves, 1806.

OCEANOS. **Padre Antônio Vieira 1608-1697.** Editada pela comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Marítimos, N. 30/31, abril/setembro 1997.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo: Unisinos; Bauru: Edusc, 2004. (Coleção História).

PAIVA, José Maria de. **Colonização e catequese**. São Paulo: Cortez, 1982.

PALACIM, Luís Vieira. **Vieira e a visão trágica do Barroco**. São Paulo: Hucitec, 1986.

PAZ, Octávio. **A dupla chama: Amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994

_____ **Sóror Juana Inês de La Cruz: as armadilhas da fé**. São Paulo: Mandarim, 1998.

PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento. A unidade teológica - retórico - político dos sermões de Antônio Vieira.** São Paulo: Edusp, 1994.

_____ **A arte de morrer: os sermões de Quarta-Feira de Cinzas**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

PESSOA, Fernando. **Portugal, sebastianismo e Quinto Império**. São Paulo: Publicações Europa América, s/d.

PÉRET, Benjamin. **Amor sublime**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRYORE, Mary Del**. Ao sul do corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília: Edunb, 1993.

PORTUGAL. Ministério da Cultura/Biblioteca Nacional. **Padre Antônio Vieira, 1607-1697.** Catálogo da Exposição. Novembro 1997-fevereiro 1998. Lisboa; Ministério da Cultura/Biblioteca Nacional, 1997.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização. A imagem do índio de Caminha a Vieira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1996.

ROMANO, Ruggiero. **Mecanismos da conquista colonial**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ROSA, Henrique. **Os jesuítas. De sua origem aos nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 1954.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SAMPAYO, António de Villas Boas e. **Nobiliarchia portuguesa. Tratado de nobreza hereditária e política (1629-1701).** Lisboa: Occidental/Ferreryana, 1702.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. **O pináculo do temp(l)o., o Sermão do padre Vieira e o Maranhão do século XVII**. Brasília: UNB, 1997

SANTOS, Boaventura de Sousa**. Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. 9ed.São Paulo: Cortez, 2003.

_____**Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____ (org.).**Portugal: um retrato singular**. Porto: Afrontamento, 1993..

SARAIVA, António José. **Inquisição e cristãos-novos**. Lisboa: Estampa, 1994.

_____ **O discurso engenhoso. Estudo de Vieira e outros autores barrocos**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

_____ **História da cultura em Portugal**. Lisboa: Jornal do Foro, 1950**.**

SARAIVA, José Hernano**. História concisa de Portugal**. 21ed. Publicações Europa-América, 2001.

SEABRA, Carlos Lino de. **Da mulher romana à mulher portuguesa**. Braga: Appacdm, 1994.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1938.

SOUZA. Anna Maria de Mello e. **Sermão do Demônio Mudo**. Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional. Braga: Universidade Católica Portuguesa Actas, volume II, 1999**. P.**1087-1100

SZASZ, Thomas S. **A fabricação da loucura: Um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de saúde mental**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos. Engenhos e escravos na sociedade colonial** *1550-1835.* São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal**. Lisboa: Verbo, 1990. Vol. III, IV, V.

SILVA, Eliane Moura. ***Vida e morte*: o homem no labirinto da eternidade**. (Tese) Unicamp, 1993.

SZMRECSÁNYI, Tamas. (org.). **História econômica do período colonial**. São Paulo: Hucitec, 1996.

TANNAHILL, Reay. **O sexo na História.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

TEIXEIRA, António José. **Documentos para a História dos Jesuítas em Portugal**. Coimbra:

THOMAS, George. **Política indigenista dos portugueses no Brasil- 1500-1640**. São Paulo: Loyola, 1981.

TOUCHARD, Jean (dirg.) **História das idéias políticas**. São Paulo: Publicações Europa América, 1976.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: Moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____ **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

BORN, A. VAN DEN. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 5ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

VACONCELOS, Simão de. **Crônica da Companhia de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1977.

VIEIRA, António. **Cartas**. *Coordenadas e anotadas por João Lúcio de Azevedo*. Lisboa: imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1996. Reimpressão de 1970. Biblioteca de autores portugueses,

_____. **História do futuro**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1982.

_____ . **Chave dos profetas**. Ed. Crítica, fixação, do texto, trad. e notas de Arnaldo do Espírito Santo, segundo projeto iniciado por Margarida Vieira Mendes. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000, v. III.

UPJHON, E. et alli. **História Mundial da Arte**.. São Paulo: Dfiel, 1973. vs. I; II;III.

VOVELLE, Michel. **L'eure du grand passage**. Paris: Gallimard, 1993.

YUNG, Karl G. (org). **O homem e seus símbolos**.9ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.